

JOHN ALLYN



47 RONIN

CONHEÇA A LENDA. BUSQUE A ETERNIDADE.

novo século®

JOHN ALLYN



47 RONINS

CONHEÇA A LENDA. BUSQUE A ETERNIDADE.

novo século®

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



OS 47 RONINS

A clássica história de lealdade, coragem e vingança

Prefácio de
Stephen Turnbull

novo século®

SÃO PAULO, 2014

47 Ronin

Copyright © 2012 Charles E. Tuttle Publishing Company, Inc.

Copyright © 2014 by Novo Século Editora Ltda.

All rights reserved.

Coordenação Editorial – Mateus Duque Erthal

Editor-assistente – Daniel Lameira

Tradução – Carolina Caires Coelho

Preparação – Equipe Novo Século

Diagramação – Project Nine

Montagem de capa – Project Nine

Revisão – Julieta Lamarão / Fernanda Guerreiro Antunes

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Allyn, John

Os 47 ronins : a clássica história de lealdade, coragem e vingança / John Allyn ; prefácio de
Stephen Turnbull. -- Barueri, SP : Novo Século Editora, 2013.

Título original: 47 Ronin.

1. Ficção norte-americana I. Turnbull, Stephen.
e-ISBN: 978-85-428-0198-9

II. Título.

13-10315 CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2014

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À
NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.

CEA – Centro Empresarial Araguaia II

Alameda Araguaia 2190 – 11º Andar

Bloco A – Conjunto 1111

CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP
Tel. (11) 3699-7107

Entre as flores, as cerejeiras; entre os homens, os samurais.

– provérbio japonês

PREFÁCIO

A lenda dos 47 *ronins* tem um lugar único na história japonesa. Não há nada como ela, e a descrição magistral feita por John Allyn passa aos leitores modernos grande parte da comoção com a qual a população de meados do século XVIII teria reagido ao que, para eles, foi o equivalente a uma sensação jornalística dos dias de hoje.

Porém, os leitores modernos têm mais em comum com aqueles homens e mulheres do que a mera comoção, e muito disso se dá porque acabamos sempre enxergando a história por meio de lentes, enormes, que distorcem. Tais lentes são fornecidas em grande parte por uma peça de *kabuki*, o teatro japonês, baseada na lenda dos *ronins*, chamada *Kanadehon Chushingura*, cujo título costuma ser abreviado para *Chushingura* (*A Casa do Tesouro dos Servos Leais*).

A peça foi produzida pela primeira vez em Edo (atual Tóquio) em 1748 e nunca, desde então, saiu de cartaz. Trata-se de uma versão claramente fictícia da história, envolvendo mudanças de nomes, datas e localizações, sendo mundialmente reconhecida pelo que realmente é: um drama clássico baseado em um relato fictício de um acontecimento histórico real; ainda assim, pode-se dizer que a impressão geral da natureza e das circunstâncias encenadas em *Chushingura* encobriu totalmente a sóbria realidade histórica.

Em *Chushingura*, Kira Kozuke-no-suke Yoshihisa é um verdadeiro vilão, uma atribuição essencial para que seu assassinato, ocorrido

em circunstâncias muito suspeitas, pudesse ser transformado em um relato positivo sobre a virtude samurai. Lord Kira foi o mestre de cerimônia do xógum, responsável por todos os detalhes da agenda de seu senhor, pelos protocolos da corte, pela organização de audiências oficiais e coisas assim. Na corte do xogunato, onde os ideais confucionistas de hierarquia, exemplo e ritual se encontravam, sendo importante o presságio de bons e maus agouros, o protocolo e os rituais corretos eram absolutamente essenciais. Em 1701, Kira Yoshihisa já havia servido a diversos xóguns como um mestre cerimonial leal e totalmente confiável por cerca de quarenta anos. Era uma função que exigia atenção, minúcia e precisão. Um homem naquela posição, pode-se supor com segurança, não tinha muita paciência com erros e seu autocontrole foi levado ao limite ao ter de instruir em etiqueta um jovem *daimyo* a quem o cerimonial da corte era muito menos interessante do que cortejar garotas, que parecia ignorante acerca do aprendizado mais básico e que, ainda, tinha uma renda onze vezes maior do que seu velho mestre ultrapassado.

Aquele jovem *daimyo*, claro, era Asano Naganori, o herói em *Chushingura*. Na verdade, ele era um libertino mimado de 34 anos. Era descendente de grandes guerreiros, mas que agora se mostrava dissoluto e edonista, deixando seus domínios nas mãos de outros. Na versão fictícia da história dos 47 *ronins*, é claro, as personalidades de Asano Naganori e Kira Yoshihisa não têm qualquer semelhança com os detalhes descritos anteriormente. Aqui, a diferença de renda entre Asano e Kira é usada para justificar uma caricatura deste como um oficial ganancioso e mesquinho, sempre disposto a tirar dinheiro do jovem e abastado *daimyo*.

O fato de que as recompensas adicionais que podiam chegar a Kira ao longo de suas negociações com Asano pudessem surgir da entrega cerimonial de presentes é um fato utilizado para agravar sua suposta traição. A antiga tradição japonesa de dar presentes é convenientemente esquecida. Suborno, corrupção e trapaceas se tornam a regra, até a paciência do jovem e nobre lorde acabar e a figura miserável de Kira Yoshihisa receber o que lhe é devido.

Contudo, suposições como estas, indicando que Kira teria se irritado com o homem mais jovem e feito comentários depreciativos sobre ele ou, então, humilhado o *daimyo* mais do que ele poderia aguentar, nada mais são que isto: suposições, alimentadas pela especulação de um lado e pelo teatro do outro. Uma teoria alternativa afirma que Asano teria deixado de dar a Kira um presente de grande importância, que deveria ter ofertado em troca de treinamento a respeito dos modos da corte. Assim, Kira teria rido e sido irônico com ele, pela falta de boa criação, porém, ainda assim, não há provas desta versão.

A verdade é que não existe nenhum registro, nem mesmo cartas pessoais, que possam trazer qualquer luz a respeito da natureza da queixa perpetrada por Asano e que o levou a seu impasse; e o motivo simples pelo qual nunca saberemos o que realmente aconteceu está no fato de Asano não ter tido sequer a chance de se defender frente a um tribunal, nem mesmo de apresentar às autoridades que se apressaram em condená-lo. Os registros do palácio revelam a incrível velocidade dos acontecimentos. Asano atacou Kira em algum momento antes do meio-dia; a ordem de prisão foi emitida às 13 h; a de execução foi entregue às 16 h e Asano cometeu o *seppuku* (suicídio ritual) às 18 h.

Para aqueles que se tornariam *ronins* sem mestre, o Lorde Asano, morto, claramente foi vítima e Kira era, definitivamente, o vilão. No entanto, ainda que um oficial de corte de 60 anos possa, sim, ter empunhado a espada para lutar com um oponente mais vigoroso, Kira Yoshihisa foi, sem dúvida, a verdadeira vítima de um ataque, ao qual ele reagiu com prudência.

Na verdade, Kira foi elogiado por sua boa conduta, o que provavelmente aborreceu os servos de Ako ainda mais. Os defensores de Asano também disseram que, por não revidar, Kira mostrou não ser um verdadeiro samurai e, assim, seria ele o merecedor de um castigo; um argumento que poderia ser equiparado à ideia de que Asano tampouco teria sido um verdadeiro samurai, já que também não conseguiu matar Kira, sem falar que atacou um de seus homens pelas costas!

Conforme os meses passaram, uma grande discussão prosseguiu, com sobriedade, a respeito do futuro da propriedade Ako e de seus servos. A possibilidade de que o domínio pudesse ser restaurado a Asano Nagashiro (herdeiro de Naganori), então preso, tinha sido a corda à qual os *ronins* haviam se agarrado depois de um suicídio em massa e de um cerco ao Castelo Ako terem sido descartados. Quando toda a esperança se desfez, o futuro sombrio deles deve ter sido um fator importante nas deliberações daqueles 47 homens, uma vez que, quando tudo deu errado, o único caminho parecia tomar o rumo honrável da vingança samurai.

Quanto à justificativa para a vingança assassina, apesar de os detalhes do caso de Asano Naganori com Kira não serem conhecidos, a posição que os 47 *ronins* assumiriam seria de que, mesmo desconhecendo-se a natureza do julgamento, o fato de Asano ter sido submetido a medidas tão desesperadas provava que deveria haver uma questão muito séria envolvida. Estaria, assim, justificada a ação dos *ronins*.

A conspiração logo começou, e uma das primeiras conclusões tiradas pelos *ronins* foi que sigilo era essencial, caso quisessem ter sucesso contra Kira, porque ele estava esperando retaliações e tinha o apoio de seus compatriotas da família Uesugi, que viviam por perto. Os 47 também previram (sem dúvida, de modo correto) que a permissão para sua vingança nunca seria dada, se tivessem seguido pelas vias corretas.

Outra questão relacionada à lei apresentava um problema ainda mais sério: os *ronins* desejavam vingar a morte de seu senhor, não de um parente, e a morte do mestre de uma pessoa não estava prevista nas provisões legais. Os 47 *ronins* tinham consciência disso e tentavam justificar suas atitudes apelando à tradição antiga, e não às leis vigentes em sua época. Então, sua conduta subsequente significava que eles estavam agindo como foras da lei em dois aspectos, e havia mais um. Atualmente, é costume se referir ao ataque dos 47 *ronins* como algo de acordo com a atitude clássica de vingança – a vendeta suprema – do Japão Antigo, mas isso revela outra complicação, porque reagir ao chamado “Incidente de Ako”,

matando Kira, levou a própria definição de vingança ao limite. *Katakiuchi* é literalmente “cortar um inimigo”, e quer dizer que alguém próximo à vítima teria o direito de se vingar do assassino. Contudo, no Corredor de Pinheiros, Kira não havia sido o atacante. Asano, sim. Ele pode ter afirmado ser a vítima de uma queixa, mas, ainda que ninguém soubesse ao certo que queixa era aquela, todos sabiam qual deles havia sido a vítima do ataque.

Houve uma última complicação. A morte de Asano havia ocorrido tão depressa que Kira não poderia ter participado da decisão de ordenar sua execução, o que, de qualquer modo, foi realizado de acordo com a lei e em conformidade com casos precedentes. Então, se uma vingança tinha de ser realizada contra alguém, certamente, o alvo dos 47 *ronins* deveria ter sido o próprio xógum. Como isso era impensável e impossível, o ataque se tornou menos uma vingança e mais uma tentativa, por parte dos servos sobreviventes de Asano, de segui-lo em sua reação à queixa desconhecida. Dito de modo simples, o senhor deles não havia conseguido matar Kira, e eles acabariam o trabalho em sua memória.

Assim, teve início o período de contato secreto pelos agora dispersos *ronins*. Todas as lendas e histórias nos mostram que eles esperaram até que Kira baixasse a guarda, vivendo de modo a sugerir que eles haviam abandonado qualquer ideia de vingança ou de um dia se tornarem samurais respeitáveis de novo. Então, o famoso ataque ocorreu, e John Allyn o conta bem, mas é preciso se lembrar de que, enquanto tentavam alcançar um objetivo supostamente respeitável, os 47 *ronins* assassinaram 17 samurais de Lorde Kira, os quais morreram brava e inocentemente em sua defesa. É uma estatística que costuma ser esquecida devido ao ataque. Dezoito homens foram mortos por eles, não apenas um.

Logo depois de a neve suja de sangue ser lavada da mansão, estudiosos da época se apressaram e incluíram suas próprias interpretações dos fatos. Tais comentários estavam longe de ser totalmente positivos, porque acusações de covardia foram feitas contra os 47 *ronins* desde o começo. Por que eles não haviam desafiado Kira a uma luta justa, ou até mesmo tentado derrotá-lo

abertamente? Se tivessem escolhido este último caminho, certamente teriam se matado em seguida, sem chance de perdão, mas isso teria sido visto por muitos como uma atitude nobre. Ao contrário, realizaram um ataque traiçoeiro e covarde, no qual dezessete inocentes perderam a vida desnecessariamente. Assim, não passavam de um grupo de assassinos. Gerações mais antigas, claro, assumiram uma visão diferente e passaram a idolatrar os 47 *ronins*, de modo que, em 1900, mais de cinquenta dramas de qualidades diversas tinham sido produzidos, e quarenta filmes sobre o assunto foram lançados desde 1910.

Tudo poderia ter sido muito diferente, e é possível que agora estivéssemos lendo uma história de coragem samurai de Lorde Kira, que morreu depois de um ataque noturno covarde. Mas esse mestre da etiqueta poderia ser descrito como um protagonista trágico? Kira Yoshihisa manteve-se passivo durante o ataque inesperado de Asano e, durante a invasão, revelou-se apenas depois de quase todos os seus defensores terem sido assassinados. Não houve sinal de cavalheirismo aqui, e certamente nenhuma peça *kabuki* celebraria seus feitos: o povo da espalhafatosa Edo, no Japão, buscava o heroísmo de eras passadas. Kira Yoshihisa representava o mundo organizado, desapaixonado, burocrático e entediante do corpo administrativo do xógum, não a província movida a adrenalina dos espadachins samurais. Para viver naquele mundo, o público tinha de ignorar a fraude e o assassinato a sangue frio. Ao disseminar o mito dos 47 *ronins*, eles os ignoraram.

Então, aproveite esta história emocionante, um conto que costuma ser apontado como o exemplo clássico da chamada vingança tradicional japonesa, lembrando que, na realidade, não foi nada assim, que sua ilegalidade e a motivação questionável a tornaram uma anomalia entre outras mortes por vingança que ocorreram durante o período Edo. No aspecto militar, os *ronins* atingiram seu objetivo: colocar a cabeça decapitada de Kira Yoshihisa diante do túmulo de Asano Naganori.

A vendeta de fato ocorreu. Porém, não para vingar a morte de um lorde, e sim para responder à ofensa desconhecida de Kira, que

Asano havia sofrido e não conseguira rebater. Os dois golpes fracassados de Asano no Corredor de Pinheiros precederam um dilúvio de acontecimentos que mudariam as coisas para sempre. Lorde Kira e seus homens foram mandados para covas quase desconhecidas; os 47 *ronins* foram alçados à glória.

Stephen Turnbull
University of Leeds

NOTA DO AUTOR

O Japão era um país em conflito no começo do século XVIII. Esta era uma época de pompa e corrupção na corte do xógum em Edo (atual Tóquio) e de esplendor nos “bairros do prazer” da Kyoto antiga, afastada do mundo de restrições sociais. As artes floresciam; o teatro popular nasceu. Como a classe comerciante estava ganhando poder, também foi o começo do fim do privilégio dos guerreiros profissionais, ou samurais, que sentiram a perda de modo intenso, ainda mais porque se opunham aos negócios baseados em acúmulo de capital e transações comerciais.

No meio de tamanha mudança, as erupções de violência eram conhecidas. Aconteciam, principalmente, na forma de disputas por arroz entre os camponeses, obrigados a pagar caros impostos ao xógum, o líder militar de todo o Japão. O fato de não ocorrerem com mais frequência entre os samurais era uma prova da meticulosidade de seu treinamento, incluindo uma autodisciplina respeitável.

Mas até mesmo um samurai podia ser levado além de seus limites. Principalmente um jovem lorde, forçado a entrar em contato com os afetados e degenerados modos da corte.

Aconteceu em 1701, em Edo. Em um momento de raiva e frustração, Lorde Asano de Ako atacou um oficial corrupto da corte e deu início a uma série de acontecimentos que acabaram em uma das vendetas mais sangrentas da história do Japão feudal. Tais fatos

chocaram o país e levaram o próprio xógum a um impasse legal e moral. Quando tudo terminou, o Japão já tinha um novo conjunto de heróis: os 47 *ronins*, ou ex-samurais, de Ako.

Os fatos históricos de seus atos são claros; os detalhes, nebulosos. Celebradas em canções, histórias, dramas e filmes, diversas versões muito variadas foram produzidas. Este romance tem a intenção de trazer nova luz ao que pode ter ocorrido naqueles dias em que o Japão permanecia separado do resto do mundo e as antigas tradições ainda guiavam as vidas dos homens.

John Allyn



13 de março de 1701.

O sol cumpriu sua rota sobre o Pacífico em direção ao crepúsculo, e as águas se avermelhavam ao redor das ilhas do Japão. A sudoeste, em um caminho próximo ao mar Interior, um homem alto, montado em um garanhão desleixado, protegia os olhos da luz enquanto cavalgava pelos pinheiros, com os lábios apertados.

Seu nome era Oishi; era servo do clã Asano, os governantes daquele domínio montanhoso. Voltava ao castelo em Ako, depois de um dia inteiro de cavalgada pela propriedade com a filhinha de seu mestre a seu lado, montada em um pônei de crina emaranhada.

Os dois formavam uma dupla estranha. Oishi era um homem belo de quarenta e poucos anos, de testa ampla, rosto quadrado e um ar de autoridade contida. Seu coque, a calça *hakama* de pregas e suas espadas o identificavam como um samurai, um membro da classe guerreira. A criança era pequena e vivaz, alegre como uma borboleta de kimono e *obi*. Mas, apesar das diferenças, os dois se sentiam à

vontade juntos. A menina estava livre da disciplina rígida imposta por seus pais; Oishi sentia-se mais relaxado com uma criança, principalmente com o filho ou a filha de outra pessoa, e deixava de lado sua postura de oficial e até brincava um pouco.

Naquele momento, enquanto os cavalos descuidados trotavam de volta à casa, os dois conversavam menos do que o normal. Oishi estava chocado com o que vira na cidade, e a menininha respeitou seu silêncio.

Durante toda a vida, Oishi ouvira que o budista é contra a violência e a crueldade, mas, na prática, eles sempre usavam o bom senso. Às vezes, era preciso matar para se defender de um inimigo ou, no caso dos animais, para comer. Pessoalmente, ele sempre desaprovava a crueldade em torneios nos quais cães eram mortos por lanças ou flechas e não se opunha à abolição de tal prática. Mas as novas Leis de Preservação da Vida do xógum iam um pouco longe demais. Os animais, agora, aparentemente eram mais privilegiados do que os seres humanos, e essa maneira descabida de pensar levava o país todo à beira do caos econômico.

Na cidade, Oishi vira camponeses em dificuldade financeira implorando empregos porque não podiam extinguir as pestes que destruíam suas plantações. Raposas, texugos, pássaros e insetos vagavam livres pelos campos enquanto aqueles que haviam plantado as sementes permaneciam parados e impotentes.

Oishi sabia que aves domésticas estavam sendo vendidas secretamente nos fundos de estabelecimentos antes respeitáveis, mas, de modo geral, eram poucas as violações da lei. Além de o sistema administrativo do governo do xógum ser extremamente eficiente na caça aos infratores, a pena para quem prejudicasse qualquer ser vivo era severa. Por tirar a vida de um animal, a punição era a execução do próprio “criminoso”.

Havia outras pessoas que se encontravam em situação tão precária quanto a dos camponeses. As profissões de caçador, armador e curtidor haviam se tornado obsoletas, e esses homens também tomavam as cidades, procurando meios de sustentar a família. Para seu desespero, viam que os empregos eram escassos

e os preços dos alimentos, altos, fora do alcance de pessoas comuns por conta do baixo suprimento de produtos agrícolas. A única mercadoria aparentemente disponível a um preço baixo era uma moça com quem dormir, devido ao número crescente de filhas de camponeses que haviam sido vendidas para trabalhar em bordéis de modo a ajudar suas famílias naquele período difícil.

Como sempre, Oishi procurara se manter distante dos chamados “quarteirões do prazer” enquanto passeava pela cidade com a filha de Lorde Asano, mas, agora, as casas de prostituição aumentavam tão depressa que se espalhavam pela estrada principal e tornavam-se impossíveis de se evitar. Chocante era a palavra que melhor descrevia aquela situação, e ele certamente contaria o fato a seu mestre quando retornasse.

Sua classe ainda não havia sentido o baque econômico, já que os samurais eram pagos com fundos obtidos com a venda do arroz plantado nos feudos dos lordes a preços cada vez mais altos, mas a vida deles havia sido afetada pelo decreto do xógum de outras maneiras.

Não havia mais prática de arco e flecha nem competições, porque eles não podiam arrancar penas de ganso para fazer as flechas. Não havia mais falcoaria, porque todas as aves tinham sido soltas e até o mestre dos falcões do xógum havia sido dispensado. A equitação tornava-se uma arte perdida porque os cascos dos cavalos não podiam ser descascados nem suas crinas podiam ser cortadas, sob o risco de expulsão. Mas, o pior de tudo, na opinião de Oishi, era a lassidão moral que se espalhava da região do xógum até as províncias.

Como filho de samurai, Oishi passara a infância estudando a ética de Confúcio como parte do treinamento necessário de um soldado, que deve aprender lealdade e também coragem no campo de batalha. Por isso, ele ficou abismado quando soube que as danças e as interpretações que invadiam a capital do xógum Tsunayoshi em Edo (Tóquio) estavam começando a causar um efeito suavizante nos samurais ali estabelecidos. Ouvira, até mesmo, boatos de que samurais tinham sido flagrados em teatros *kabuki* de Kyoto, a cidade

do prazer, e também em templos, mas ele não conseguia acreditar nisso.

Tais histórias estavam sendo espalhadas havia algum tempo, mas Oishi só tomara conhecimento da gravidade da situação naquele dia, na cidade. Começou a compor em sua mente o relatório que escreveria para Lorde Asano, e, ao pensar em seu senhor, virou-se na direção da menininha a seu lado. Ela sorriu para ele, mas, em seguida, sua expressão tornou-se mais séria. Ela também havia notado uma mudança no campo.

– Tio, por que todas as propriedades parecem tão desordenadas? – perguntou ela. – Nenhuma delas tem boa aparência. Não acha que deve falar a meu pai que os camponeses não estão trabalhando direito?

Oishi riu bastante e ela teve a certeza, antes de ele falar, de que as coisas não estavam tão ruins quanto pareciam.

– Não vamos culpar os camponeses até ouvirmos a versão deles também, não é?

– Mas que justificativa eles poderiam ter para deixarem seus campos chegarem a esse estado?

– Não é porque eles querem negligenciá-los, filhinha. Eles estão proibidos de matar os animais, proibição imposta pelas Leis de Preservação da Vida que estão acabando com nossa terra.

– Mas por que estamos proibidos de matar os animais? Principalmente aqueles que nos incomodam tanto?

– Porque o xógum disse que é errado tirar a vida de um animal e porque somos leais a nosso mestre, seu pai, e não pensaríamos em desonrá-lo desobedecendo as ordens de seu senhor, o xógum.

– Mas por que ele criou essa lei tão severa?

Oishi suspirou. Por mais que a lei incomodasse, ele conseguia compreender os motivos de Tsunayoshi para promulgá-la.

– Porque, mais do que qualquer coisa no mundo, seu pai quer um filho. Um filho meigo e bonito, como você. Ele perdeu um, você sabe... Era um menino de quatro anos, que morreu. E seu sacerdote

disse a ele que, para ter outro filho, ele precisa reparar alguns pecados cometidos em uma vida anterior, na qual provavelmente, de modo gratuito, destruiu algum ser vivo. Você percebeu que não usamos mais cães em nossas competições. Isto se deve ao fato de nosso xógum ter nascido no Ano do Cão, e matar um cachorro é, agora, punível com a morte.

– Ainda que um cachorro nos ataque?

Oishi pensou por um momento.

– Nesse caso, pode não haver problema, mas seria melhor ter testemunhas para confirmar que o cão foi o primeiro a atacar.

Oishi sorriu para ela e a menina retribuiu, mas sem saber ao certo se ele estava brincando ou não. Ela decidiu que perguntaria a seu pai sobre isso quando ele voltasse de Edo.

Com um grito, ela bateu os pezinhos nas ancas do cavalo e começou a galopar.

– Vamos competir para ver quem chega primeiro em casa – ela gritou, já dez metros adiante, com os longos cabelos ao vento.

Oishi emitiu o grito feroz do guerreiro em ataque e galopou atrás dela. Ele manteve a distância entre eles e, juntos, os dois atravessaram a estrada longa e chegaram ao monte final. No topo, viram o castelo, bem abaixo no meio de uma ampla planície, estrategicamente localizado de modo que os invasores não pudessem se aproximar sem serem vistos. Era sempre uma visão espetacular com as altas paredes de pedra e torres com peças brancas, mas, naquele momento, nenhum deles parou para apreciar a vista. O sol que se punha lançava longas sombras atrás deles enquanto desciam o monte em direção ao portão. Oishi pensou que, quando o mesmo sol nascesse de novo, na manhã seguinte, seria o começo do último dia de Lorde Asano em Edo. Ele desejava que tudo estivesse dando certo nas cerimônias na capital do xógum, onde a etiqueta era tão desconhecida e exigente.

Lorde Asano não era muito paciente e quanto menos tivesse de participar, melhor. De qualquer modo, em breve ele tomaria conhecimento da história toda. Quando a menina atravessou o

portão, bem à frente dele, como sempre, e ele recebeu os cumprimentos dos sentinelas, o pensamento voltou: o dia seguinte seria o último dia.



A manhã começou fria em Edo, capital do Japão. O dia seria escuro, sem sol. O vento frio que soprava das montanhas altas e cobertas de neve balançava os portões das casas de fazenda ao redor da cidade, levantando uma capa de poeira na estrada a partir do sudeste, na entrada do local.

No caminho, carregava o fedor de excremento humano dos campos de arroz, o odor de fumaça, parecido com incenso, dos fogos das cozinhas das esposas que acordavam cedo e, por fim, o sal do mar, das águas da Baía de Edo.

Na altura do solo, o vento perdia força nas ruas estreitas que serpenteavam por um labirinto de estruturas fracas de madeiras, lar e local de trabalho de quase 700 mil mercadores e artesãos. Acima do telhado, continuava a soprar forte na direção das ladeiras no centro da cidade, descia pelo fosso de rochas e se tornava esporádico entre as torres de vigia e palácios do Castelo de Edo, onde o xógum Tsunayoshi, o imperador supremo da região, mantinha sua corte.

Enquanto percorria forte e invisível, o vento também adquiria um som. Atravessando um cemitério e propriedades de execução pública, assustou um vira-lata, que começou a uivar, o que, por sua vez, atiçou os outros a seu redor até que, em pouco tempo, o ambiente foi tomado pelos uivos irritados de mil cães de rua. O som aumentou e tornou-se mais ameaçador enquanto passava por bandos de mendigos e pelas mansões da nobreza, e entrava nos ouvidos adormecidos dos pobres e dos ricos...

Lorde Asano, *daimyo* da província de Ako, que mantinha aparência de garoto ainda aos 35 anos, cavalgava com seu servo Oishi por uma paisagem nebulosa, à procura de um porco selvagem perigoso que ameaçava os camponeses. Enquanto avançavam pela névoa cada vez mais densa, um murmúrio assustador começou a soar nos ouvidos de Lorde Asano, e seu cavalo reagiu com nervosismo. Atrás dele, Oishi parou com prudência, mas Lorde Asano impacientemente seguiu adiante e desapareceu de vista.

– Meu Lorde Asano! – Oishi chamou com repentina ansiedade. – Volte, volte!

Mas a teimosia de Lorde Asano não permitiu que ele voltasse, e ele seguiu pelo vácuo pesado da névoa até que o som desconhecido se tornou um guincho e, então, um uivo ensurdecedor. Sentiu uma pontada de medo ao ser envolvido pelo som e perder todo o senso de direção. Em meio à claridade forte da neblina, perdeu a visão e o equilíbrio e começou a cair. Os uivos se tornaram mais altos, e ele sabia que precisava lutar por sua vida para escapar dos demônios que esperavam para devorá-lo. Gritou, pedindo ajuda, e naquele momento acordou em seu vilarejo, perto do castelo do xógum, ao som dos uivos dos cães de Edo, que já desaparecia ao vento que o havia trazido.

– Marido! – sua esposa gritou ao se levantar e ao vê-lo tirando, com dificuldade, a espada da bainha a seu lado. – O que houve?

Já totalmente desperto, Lorde Asano balançou a cabeça e soltou a espada.

– Os cães – ele murmurou. – Os malditos cães.

– Volte a dormir – disse ela, abrindo um sorriso calmo no belo rosto arredondado. – Você já deveria ter se acostumado com eles.

– Nunca me acostumarei com eles nem com qualquer coisa neste lugar horrroso.

– Só mais um dia – pediu ela. – Então, voltaremos para a nossa casa em Ako e para a nossa filha.

– Só mais um dia – ele repetiu, com um tom de voz que era, ao mesmo tempo, lastimável e esperançoso. – Mais um maldito dia.

Asano tentou voltar a dormir, mas seu coração ainda batia forte por causa do pesadelo, e seus olhos não se fechavam. Observou, sem parar, a luz da manhã escorregar pelas cortinas da janela e tomar os tatames de sua cama no chão. Suspirou e rolou para fora dos panos grossos, ficou de pé e estremeceu por um momento em suas roupas íntimas, e então vestiu um roupão acolchoado antes de abrir a porta de correr que dava para o corredor frio.

Caminhou com passos largos sobre a madeira lisa, escura e desgastada pela passagem de inúmeros pés com meias. A um lado do corredor, havia pilares de cedro aromático separados por *shojis* pintados; do outro lado, portas finas que os protegiam do jardim externo, e Lorde Asano estremeceu de frio enquanto elas rangiam sob a ação do vento, imaginando ter ouvido, mais uma vez, os cães de seus sonhos.

Asano abriu as portas de correr da cozinha e entrou. Era um cômodo grande, com ripas de madeira, e uma lareira central com borda de argila no chão. Ali, dois samurais de seu séquito, com os cabelos em coques, estavam sentados e se aqueciam, e, quando ele se aproximou e murmurou um cumprimento, ambos se ajoelharam e fizeram uma reverência.

Kataoka, o mais jovem dos dois, magro, com a cara de um macaco brincalhão, começou a trocar amenidades com seu mestre, mas mudou de ideia quando viu seu rosto. Lorde Asano era tenso por natureza, mas, naquela manhã, parecia mais tenso do que o normal, e Kataoka sabia quando devia se calar. O outro homem, um guerreiro de aparência determinada, na faixa dos cinquenta anos,

chamado Hara, tinha aparência sonolenta e não era muito perceptivo; apenas imitou Kataoka ao se sentar de pernas cruzadas perto da fogueira quando o mestre se acomodou.

– Você não precisaria ter acordado tão cedo – disse Lorde Asano a Hara. – Kataoka é a única companhia de que precisarei hoje, e ele acabará só esperando do lado de fora, observando as torres do castelo e sonhando com sua casa.

Hara grunhiu e seus olhos brilhantes apareceram brevemente, e então, mais uma vez, suas pálpebras sonolentas caíram. Em seguida, ergueu a tigela de arroz até o rosto e comeu. Kataoka inclinou a cabeça e abriu seu sorriso de mico, animado pela honra de ser a única companhia em uma ocasião tão auspiciosa, e então tossiu quando a fumaça da lareira soprou em seu rosto. Lorde Asano pegou a chaleira que estava pendurada sobre o fogo, mas a fumaça fez seus olhos arderem e ele disse um palavrão ao pendurá-la de volta no gancho.

– Mimura! – ele chamou, e um movimento repentino na despensa indicava que Mimura havia ouvido.

O empregado, um rapaz alto, esquisito e jovem entrou com pressa e fez uma reverência a seu mestre. Quando ergueu os olhos, viu que a fumaça não estava espalhada por todo o lugar, exceto em direção à abertura no teto feita para ela, e rapidamente levou a mão à fenda para tirar os gravetos verdes que estavam causando o problema.

– Quem colocou esses gravetos aí? – perguntou Lorde Asano. – Você sabe como as coisas são, Mimura. Não pode ajudar a fazer com que este dia triste melhore?

Mimura pediu desculpas com várias frases educadas e cochichou a respeito da idiotice do novo menino da lareira. Então, o rapaz atravessou até a despensa e o chamou.

Houve um atraso sem explicação, e ele chamou de novo. Dessa vez, a resposta que recebeu foi o aparecimento do menino da fogueira, que colocou a cabeça para fora da porta, com seus cabelos escuros desgrenhados sobre o rosto imprudente. Mimura o repreendeu pela falta de cuidado, mas se ele esperava um pedido de

desculpas, ficou desapontado. O garoto, com uma voz alta e estridente, disse a Mimura que, se ele era tão metódico, poderia fazer a fogueira sozinho e rapidamente se afastou, batendo a porta ao entrar.

Os homens ao lado da fogueira ficaram chocados com tal demonstração, e Hara ficou tão irritado que se pôs de pé e empunhou a longa espada.

– O que ele pretende falando com um de nossos servos dessa maneira? – perguntou Hara, ao começar a caminhar em direção à porta da despensa.

– Não, espere – disse Lorde Asano com sua voz autoritária. – Ele é só um menino. Além disso, você terá problemas se machucá-lo. As leis são diferentes aqui; não podemos nos comportar como nos comportaríamos em casa.

– Mas insultar um empregado é insultar seu senhor, também – Hara insistiu. – Eu deveria, pelo menos, cortar a língua dele, já que não posso cortar sua cabeça.

– Sente-se... Sente-se e beba seu chá. Você precisa se acostumar com as coisas de Edo. Aqui, o ir e vir dos *daimyos* das províncias são tão comuns que não oferecem perigo nem mesmo a um menino de fogueira.

Hara, ainda murmurando, deixou a espada de lado e se sentou. Ele observou com cuidado enquanto Mimura abria a porta da despensa e entrava. Em pouco tempo, ouviram-se sons de um tapa e de um grito de dor, e Hara sorriu quando Kataoka riu alto.

– Isso vai bastar para o macaquinho – ele gritou, abrindo o sorriso mais travesso do mundo. Os outros riram e Kataoka ficou feliz por ter ajudado seu mestre a se esquecer dos problemas, ainda que temporariamente.

– Gostaria que fosse assim fácil lidar com todos os moradores de Edo – disse Lorde Asano, enquanto suspirava e se servia de um pouco de arroz. – Mas receio que não seja o caso. Principalmente com aqueles que têm um pouco de autoridade.

Os dois samurais se entreolharam. Sabiam o que seu mestre estava dizendo.

– Esses emplumados homens da corte precisam perder a cabeça – resmungou Hara, e Kataoka assentiu.

– Eles falam e se vestem como mulheres e são igualmente problemáticos.

– Bem, tudo terminará depois de hoje – disse Lorde Asano. – Depois, podemos ir para Ako e nos esquecer deste lugar. Pense como as coisas deviam ser no passado, quando *daimyos* como meu pai tinham que ficar aqui durante metade do ano, todos os anos.

Os outros concordaram que o acordo atual era melhor do que isso, e terminaram de comer o arroz. Hara olhou com pesar para o fundo de sua tigela e Lorde Asano soube o que ele estava pensando.

– Pelo menos, antigamente, tínhamos um pouco de carne e peixe para comer com o arroz, não é, Hara? Bem, talvez voltemos a ter um dia, se as Leis de Preservação da Vida do xógum forem rescindidas. Elas podem beneficiar os animais, mas não fazem muito bem a nós, seres humanos. – Ele pousou a tigela e suspirou de novo. – A maioria das leis aqui parece ter sido feita apenas para nos atormentar. E as regras de etiqueta da corte vão além do que consigo entender. Se ao menos eu não tivesse que depender de instruções de alguém como Kira!

Ele cuspiu o nome como se fosse uma maldição e, mais uma vez, Hara e Kataoka se entreolharam de modo preocupado. Eles sabiam que ele não se estenderia no assunto, não se esperava que Asano falasse sobre seus problemas pessoais com eles, mas, pelo que tinham ouvido, sabiam que Kira, o Mestre de Cerimônias, estava tornando sua vida miserável. E eles também sabiam que não podiam fazer nada em relação a isso.

O nome de Kira ficou na mente de Lorde Asano como um osso engasgado na garganta. Ele nunca tinha gostado de visitar a capital, mas jamais havia visto um período tão triste antes. Contudo, dessa vez, ele era um participante ativo, ainda que involuntariamente, das cerimônias oficiais, e não um mero espectador. Assim, teve de ficar

em contato ainda mais próximo com os subalternos do xógum. Kira não era nem da classe do *daimyo*, não tinha um *fief* e não regia nada. Mas o fato de ter sido mandado a Kyoto alguns anos antes para estudar o procedimento cerimonial da corte do Imperador deu a ele prestígio e poder. Desde então, vinha se aproveitando disso, cobrando propina daqueles que eram obrigados a depender de sua tutela.

Lorde Asano havia escrito uma carta a seu empregado Oishi a respeito de Kira, na noite anterior. Apesar de Oishi ser um pouco mais velho, tinha menos experiência nos assuntos da corte em Edo do que seu mestre, e Lorde Asano podia expressar seus sentimentos a respeito de Kira com a desculpa de oferecer conselhos sobre como se comportar na capital. Escrevera ele:

Kira é o homem com quem é preciso ter cuidado. Ele gosta da confiança do xógum e parece ser um empregado leal, mas, na verdade, é um coletor de propinas inescrupuloso e usa seu ofício apenas de acordo com seus próprios interesses. Aparentemente, não existe maneira de lidar com esses homens além de entrar no jogo, mas isso eu me recuso a fazer. Consequentemente, Kira está me dando trabalho, mesmo com apenas mais um dia pela frente. Independentemente do que acontecer, no entanto, não pagarei a Kira por seus serviços, que devem ser pagos pela corte. Esta pode ser uma atitude teimosa, mas, até onde eu sei, é a única honrosa para um samurai. Não espero que, sozinho, eu possa mudar algo a respeito da onda de decadência que parece ter tomado a corte, mas pretendo manter a cabeça fora da água enquanto ainda tiver fôlego.

Asano tentou imaginar se Oishi compreenderia. Em Ako, não havia nada a comparar com a corte do xógum, e ele mesmo não teria acreditado que tamanha corrupção existia se não a tivesse visto com seus próprios olhos. Ainda assim, Oishi pensava como um verdadeiro samurai e poderia valorizar seus sentimentos. Duvidava que suas palavras fossem consideradas conselhos práticos, mas, pelo menos, era bom tirar o peso de suas costas.

Lorde Asano terminou de comer e se levantou com um suspiro.

– Hora de vestir minha “roupa de palhaço” – disse ele a Kataoka, e juntos saíram da sala, enquanto Hara permanecia irritado com as

forças que estavam perturbando seu mestre.

No castelo, Kira também se levantou cedo. Como Mestre de Cerimônias para todas as funções da corte, ele era obrigado a se colocar impecável no que dizia respeito à vestimenta e também ao comportamento, e esforçava-se para manter altos padrões. As roupas oferecidas a ele tinham estilo parecido àquelas que o *daimyo* visitante e os oficiais da corte vestiriam, mas o esquema de cores que havia escolhido, de preto com um enorme brasão branco em cada manga, dava-lhe uma aparência mais forte do que qualquer um deles.

Apesar de estar na meia-idade, Kira fingia ser mais velho porque acreditava que isso aumentava sua dignidade. À exceção de apenas duas rugas fortes em seu cenho, no entanto, seu rosto estava livre de marcas da idade, e seu corpo pesado era firme e ágil. Os dentes, de acordo com a última tendência, eram escurecidos, de modo que, quando ele abria a boca para falar, seus ouvintes viam apenas um buraco escuro.

Estranhamente, para alguém com um poder tão elevado, ainda que temporário, sobre o *daimyo* da terra, Kira se preocupava com o comportamento de um deles. Lorde Asano era da escola antiga dos samurais e não parecia perceber que, naquela era moderna, as propinas nos bolsos certos faziam a ele mais bem do que as afirmações sem sentido de lealdade ao xógum. E, por esse motivo, ele representava uma ameaça ao modo de vida de Kira. Durante três dias, Kira havia tentado, com elogios, insinuações e, finalmente, com insultos, passar a ideia a Lorde Asano de que era adequado conceder prêmios em dinheiro ao Mestre de Cerimônias da corte por seus préstimos. Mas Lorde Asano continuara a ignorá-lo, e o medo de Kira era que ele saísse impune com esse ato de ingratidão, o que poderia estabelecer um precedente ruim. O soldo de Kira como

oficial da corte não era grande, e ele não tinha desejo nenhum de perder ainda mais benefícios devido à teimosia de Lorde Asano.

De certo modo, devia haver uma maneira de chegar àquele homem. Ele nunca havia deixado de alcançar o que queria daqueles tolos jovens nobres no passado, e estava determinado a, desta vez, obter o mesmo resultado.

Seus pensamentos foram interrompidos pela chegada de um empregado ofegante anunciando que o xógum Tsunayoshi queria vê-lo imediatamente. Ele se apressou para vestir suas roupas, amaldiçoando porque não conseguia terminar de se vestir da maneira tranquila que havia planejado. Então, precipitou-se porta afora, cruzando o palácio para a parte de dentro, imaginando, o tempo todo, o que poderia estar incomodando o xógum logo cedo.

No 21º ano de seu reinado, Tsunayoshi tinha todos os motivos para se sentir satisfeito. Durante décadas, não houve revoltas contra seu governo, principalmente porque seus antecessores tinham tomado o cuidado de unir o país, primeiramente pela conquista e, então, colocando parentes de sangue como *fiefs* em locais estratégicos. Seus antecessores também haviam feito o favor de expulsar todos os estrangeiros, exceto um pequeno grupo de mercadores holandeses em uma ilha no extremo sul do país. A influência cristã havia permanecido por algum tempo, mesmo depois da expulsão, mas, sessenta anos antes, em Shimabara, um massacre em larga escala havia deixado o país livre dessa pequena perturbação.

Agora, depois de anos de paz, as cidades estavam crescendo, os mercadores, prosperando, e as artes, ganhando força. Era verdade que o preço do arroz estava aumentando, devido ao pouco fornecimento feito pelos camponeses, que pareciam estranhamente incapazes de obter o máximo de sua terra; entretanto, de modo geral, Tsunayoshi libertou-se de qualquer problema de pressão do Estado. Mas isso não quer dizer que não tivesse nenhum problema.

Quando Kira entrou, bufando mais forte do que o necessário, viu que Tsunayoshi estava realmente em um estado muito ansioso. O Mestre de Cerimônias fez uma reverência tão acentuada quanto

suas vestes permitiram e, então, olhou para o homem alto e magro na casa dos cinquenta anos que caminhava de modo ameaçador pela sala de audiências.

A preocupação de Tsunayoshi, aparentemente, não era com nenhuma questão urgente do Estado, mas, sim, com o modo com que o desempenho de seu grupo de dança seria recebido nas cerimônias. Ele havia selecionado e orientado os rapazes e estava preocupado, querendo que eles tivessem uma boa performance. Tanto que decidiu que era preciso fazer um novo ensaio, e foi por isso que chamou Kira. Queria que os rapazes se organizassem no Salão dos Mil Tapetes o mais rápido possível, de modo que pudessem repassar a dança mais uma vez antes de os distintos convidados chegarem.

– Você não sabe quanto isto significa para mim – disse ele a Kira, acenando de forma afeminada com a manga de seu kimono. – Trabalhei com muito afinco para tornar esta apresentação um sucesso. Precisa ser perfeita!

Kira abaixou a cabeça.

– Simpatizo com Vossa Excelência, mas tenho certeza de que não há nada com que se preocupar. As cerimônias serão realizadas de um modo tranquilo, como sempre.

– As cerimônias, sim. Mas a dança é o que importa para mim. É algo novo para tal ocasião, e se não der certo, todos vão rir de mim.

– Ninguém pensaria em fazer algo assim – Kira garantiu a ele.

– Os especialistas darão risada pelas minhas costas mesmo se não disserem nada – disse Tsunayoshi, de modo decidido. – Mas já chega disso. Todo o resto está bem, não está? Espero que não haja problemas de seu lado.

– Sempre há problemas, Excelência, mas nada que eu não possa resolver.

– Ótimo – disse o xógum, sorrindo. – É o que gosto de ouvir de meus cortesãos. Gostaria que todos fossem tão eficientes quanto você.

Kira sorriu para ele, revelando seus dentes escurecidos.

– Tudo o que sei, aprendi com o seu exemplo.

Ele fez uma reverência e começou a sair para, então, hesitar e voltar-se, fingindo relutar.

– Há um jovem *daimyo* problemático, mas espero poder corrigir este problema antes que nos envergonhemos.

– Está falando sobre Asano, não é? Percebi que ele não parece tão à vontade quanto os outros. Você quer que eu converse com ele?

– Não... Não acho que seja necessário. Ele ficará bem quando eu conseguir fazer com que ele entenda qual é seu lugar.

– Sim... Bem, deixo isso com você. Mas chame aqueles rapazes aqui depressa, sim?

– Vou obedecer – respondeu Kira de modo formal, com uma reverência, e se afastou com o máximo de rapidez que suas roupas permitiam. Ele sabia, por experiência própria, que Tsunayoshi não tinha muita paciência.

Com todos os detalhes de suas roupas cerimoniais conferidos e reconferidos de acordo com as regras de vestimenta da corte, Lorde Asano foi conduzido ao palanquim que o levaria ao castelo do xógum. Kataoka, também mais esplendidamente vestido do que o normal, estava prestes a dar a ordem para que os oito homens pegassem seus bastões, quando a esposa de Lorde Asano apareceu na porta da mansão e o chamou. Kataoka pediu aos homens que esperassem, então deu um passo para o lado, de modo que seu mestre pudesse conversar com a esposa com privacidade.

– Por favor – disse ela ao se inclinar na janela para ele –, por favor, prometa que você manterá a paciência. Mostre à corte de Edo que nós, do interior, também sabemos qual é nosso lugar na sociedade. Talvez... talvez não seja tarde demais para colocar algumas moedas nas mãos certas...

Lorde Asano fez um gesto de impaciência, mas sua expressão ficou mais suave ao ver a preocupação dela. As palavras dele foram reprovadoras, mas sua atitude foi gentil.

– Em assuntos sérios desse tipo, dar mais do que um presente simbólico ao Mestre de Cerimônias da corte seria um ato barato e vulgar, e eu me recuso a chegar a esse nível. Meus conselheiros concordam...

– Seus conselheiros concordam porque você já está decidido, e eles sabem que seria infrutífero discordar. Eu enxergo isso, ainda que você não perceba... Pelo menos, prometa que vai acatar as instruções dele de bom grado sem perder a paciência, certo?

– Eu prometo – disse ele, e, satisfeita de que ele estava sendo sincero, ela deu um passo para trás e forçou um sorriso de despedida. Lorde Asano fez um gesto para Kataoka, que esperava, e os homens receberam o sinal para saírem.

Quando dobraram a esquina da casa, Kataoka viu Hara observando-os partir e percebeu um aviso de cuidado nos grandes olhos do homem: “Cuide bem de nosso mestre”. Kataoka cumprimentou com a cabeça ao passar e, então, Hara desapareceu atrás deles.

Passaram pelo imenso jardim que cercava a mansão, e Lorde Asano percebeu que, apesar de as árvores estarem sem folhas, o local ainda era incrivelmente belo à luz da manhã. Não havia nenhum traço distinto, apenas uma impressão completa de serenidade natural, meticulosamente planejada por seu avô em um momento quando ainda havia guerras ou ameaças de guerra e os *daimyos* tinham de passar muito tempo na capital. Agora, claro, as coisas eram diferentes. Não houve nem mesmo uma revolta, se Lorde Asano bem se lembrava. Pensou, como muitas vezes antes, que a vida devia ser mais animada na época de seu avô, quando uma espada era algo usado para acertar as diferenças, e não apenas um símbolo de autoridade.

O palanquim foi levado rapidamente para fora do portão, com Kataoka ao lado, mas, quando entraram nas ruas estreitas, escuras

e repletas de pessoas, os homens foram obrigados a diminuir a velocidade, passando a caminhar. A maioria dos comerciantes e consumidores abriam caminho ao ver o palanquim de um *daimyo*. Contudo, alguns não percebiam sua presença, ou fingiam não perceber, e continuavam com seus afazeres até serem empurrados para o lado com firmeza.

Lorde Asano nunca havia se acostumado com aquela mistura de classes que se via em Edo. Desde as classes mais altas de nobres da corte aos moradores mais modestos, todos se reuniam no centro do comércio para comprar produtos com mercadores prósperos.

Havia outros tipos de pessoas presentes também, incluindo alguns esfarrapados *ronins*, ou samurais sem mestres. Camponeses que não conseguiam se manter foram à cidade para encontrar trabalho, e havia muitos deles ali, orgulhosamente desdenhosos ao pedirem alimentos. Do lado oposto estavam os mendigos profissionais, pedindo esmola aos gritos de modo petulante, típico de Edo, que faziam Lorde Asano se lembrar do garoto que havia se atrapalhado com o fogo naquela manhã. O rapaz estaria provavelmente desempregado agora, mas Asano duvidava que ele estivesse se importando com isso. Qualquer um com sua atitude precisaria de pouco treino para ir às ruas pedir esmolas ou para se tornar um mendicante pseudorreligioso implorando em nome de uma causa mais nobre.

O barulho estava bastante alto, mas acima dele ouviu-se outro som, um cântico aos mortos, e Kataoka direcionou os pedintes para o lado para permitir que a procissão funerária passasse.

Pela janela do palanquim, Lorde Asano viu que o grupo do funeral era formado apenas por dois homens, ambos servos, e o caixão que eles levavam amarrado a um cabo era estranhamente pequeno. Kataoka estava de pé, perplexo, ao lado do palanquim, quando Lorde Asano começou a falar e o assustou.

– Nada como um bom presságio para começar o dia, não é, Kataoka?

Kataoka se virou e viu que seu mestre não estava sorrindo. Sentiu vontade de fazer algo para aliviar o clima pesado.

Os servos com o caixão já tinham parado de cantar e, quando se aproximaram, um deles começou a resmungar a respeito do peso. Desesperado, e também irritado com os maus modos do homem, Kataoka o chamou.

– Ho! Sua carga é bem pequena. De que está reclamando? Não é capaz de demonstrar mais respeito aos mortos?

O servo riu ao ouvir aquilo e gritou com seu companheiro.

– O homem quer saber por que não mostramos mais respeito ao nosso passageiro. Devo mostrar a ele?

– Claro – respondeu o outro. – Por que não?

Naquele momento, eles haviam parado perto do palanquim e colocado o caixão no meio da rua. O servo que falara primeiro deu um passo à frente, abriu um grande sorriso a Kataoka e, então, piscou, abrindo a tampa da caixa. Dentro dela, estava o corpo de um cachorrinho, quase cortado em dois por causa de um acidente. O servo piscou a Kataoka de novo enquanto as pessoas se aglomeravam, tentando ver o que estava causando tanto interesse.

– Ela nunca foi tão bem-tratada na vida – o servo gritou a Kataoka, que momentaneamente ficou sem saber o que dizer.

– Aonde vocês vão levá-la? – ele murmurou, por fim.

– Ao local dos enterros, claro. Onde mais? Não sabe que a lei determina que os cães devem ser enterrados como as pessoas? Estamos apenas obedecendo às ordens do xógum.

Ele cobriu a caixa e foi até a ponta do cabo.

– Bem, o mínimo que podem fazer é carregá-lo sem reclamar – disse Kataoka aos dois. – Parecem não perceber a sorte que têm por nosso nobre xógum ter nascido sob o signo do cão. – Ele fez uma pausa dramática enquanto eles levavam o cabo ao ombro. – O que acham que estariam carregando se ele tivesse nascido sob o signo do cavalo?

Os dois homens riram alto, assim como todos os outros que estavam na multidão e ouviram, e Kataoka ficou feliz ao ver que até Lorde Asano sorria. Riu de sua própria esperteza, e então deu aos homens a ordem de saírem e, mais uma vez, eles se misturaram ao mar de pessoas que tomava a rua.

Dentro do palanquim, Lord Asano pensava a respeito do cão morto. Para ele, era comum que no mundo confuso de Edo os animais fossem tratados como seres humanos. Ele sabia que nunca entenderia aquele lugar e desejou, de novo, sair dali. Suspirou, e então se inclinou para a frente para observar enquanto o palanquim era levado para fora da última passagem, indo em direção a uma ampla rua, paralela ao fosso do castelo.

As águas do fosso ficavam abaixo do nível da rua naquele ponto, e quase não podiam ser vistas. O que ficava aparente era o muro alto de blocos enormes de granito além da água, formando uma enorme barreira ao redor do castelo oculto. Os homens acompanharam o fosso, correndo um pouco montanha acima em direção ao portão de entrada, que guardava uma ponte levadiça estreita sobre as águas paradas abaixo.

Os guardas no portão entraram em alerta quando o palanquim se aproximou. Estavam armados com lanças e alabardas, colocadas em posição enquanto Kataoka identificava o grupo e dizia quais eram os motivos da visita. E então, ao receberem um aceno e um grito, os homens de Lorde Asano atravessaram a ponte dentro do castelo. À direita, quando entraram, havia uma longa estrutura de madeira que protegia um grupo de guardas, que estavam a postos. Os homens armados barraram novamente o palanquim e, mais uma vez, Kataoka teve de passar pela formalidade da identificação.

Avançaram de modo comedido, de acordo com as regras de segurança, e em seguida chegaram ao castelo onde os nobres e suas famílias viviam, cercados pelos palácios e cortes de oficiais de categoria inferior, formando um ajuntamento que, por si, era uma cidade. Havia pouca movimentação nas ruas, no entanto, já que a maioria dos nobres estava do lado de dentro, preparando-se para os acontecimentos do dia.

Na parte mais alta, estava o castelo e a residência oficial do próprio xógum. Era cercado por outro fosso e por um muro grande de pedras, como o de granito mais abaixo. A ponte levadiça estava posicionada sobre o fosso, e o grupo de Lorde Asano passou ainda mais lentamente por ela, com o ritmo sendo ditado pelas regras inflexíveis da corte.

Do lado de dentro do muro, grandes muralhas abrigavam sentinelas, em todos os cantos do local. Acima do castelo, uma torre branca se erguia além de todas as outras construções e, ao ver isso, Lorde Asano e Kataoka se entreolharam rapidamente, como se um lesse a mente do outro. Aquilo fazia que os dois se lembrassem do lar. Era uma grande massa quadrada de pedras e gesso, com janelas brancas estreitas e fileiras de tetos ziguezagueando um sobre o outro até um espinhaço alto. Em cada lado dele, havia um peixe de bronze com a cauda erguida. Apesar de o castelo em Ako não ser tão largo e decorado, o desenho da torre era parecido, aguçando-lhes a memória.

O palanquim parou na entrada do castelo, e Lorde Asano saiu. Pisou diretamente em um apoio baixo de madeira, de modo que não houve a necessidade de ele ser erguido por seus homens. Sua roupa era verde-brilhante, e Asano fez cara de desgosto ao olhar para si mesmo. Roupas como aquela eram um dos maiores problemas da vida na capital. Além de um chapéu ridículo caído para um lado, que ameaçava cair da cabeça se ele a inclinasse, o Lorde estava preso em um casaco *kashimino* de ombros largos, que impedia o movimento de seus braços. Mas o pior era a calça, que Kataoka prendeu e ajustou para a entrada de Lorde Asano no castelo. As pernas volumosas da calça tinham metros a mais de tecido para que o vento balançasse a peça no corpo de quem a vestisse, criando efeito estético. Para isso, era preciso tomar muito cuidado ao caminhar, e Lorde Asano, naturalmente impaciente, sentia-se preso e vulnerável. A todo momento, sentia vontade de rasgar as pernas da calça e caminhar normalmente, em vez do vagar parecido ao de uma mulher vestindo um kimono justo. Kataoka terminou de estender o tecido, de modo que seu mestre foi levado à direção certa, e então

fez uma reverência e se retirou. Ele esperaria perto das sentinelas com os homens até que as cerimônias terminassem. E, claro, não tinha permissão para entrar no castelo sob nenhuma circunstância. Ninguém abaixo da classe de *daimyo* era convidado à recepção anual dos enviados do Imperador.

Lorde Asano se preparou e começou a caminhar em direção à porta. Apesar de ser uma curta distância, para ele parecia interminável enquanto erguia cada pé cuidadosamente, forçando-os levemente para a frente, e pisava na calça.

Havia apenas dois guardas observando-o naquele momento, mas Lorde Asano caminhou lentamente, como teria andado na frente do próprio xógum. Tinha a certeza de que Kira o repreenderia sem pena se ele desse um passo em falso, e estava determinado a mostrar àqueles moradores de Edo que um samurai do interior sabia como as coisas funcionavam.

Enquanto um dos guardas mantinha a porta aberta, Lorde Asano entrou na sala de espera do Hall dos Mil Tapetes, onde as cerimônias oficiais aconteceriam. Ali dentro, parou para permitir que seus olhos se acostumassem à luz fraca.

A sala de espera era espaçosa, com teto alto, detalhes dourados e pilares entalhados. Ao pisar nos tatames de borda dourada, Lorde Asano notou que, apesar de estar adiantado, havia vários lordes ali à frente dele. Todos usavam roupas comuns da corte, parecidas com as suas, com alguns detalhes para diferenciar as classes. Um deles, vestindo uma roupa idêntica à de Asano, exceto pelo fato de ser de um tom marrom-dourado, olhou para ele, e foi na direção desse homem que ele tomou seu caminho.

Lorde Daté de Yoshida, um rapaz magro e de aparência atlética, com cerca de trinta anos, era da mesma classe e tinha a mesma atribuição que Lorde Asano. Os dois haviam sido escolhidos por todos para serem representantes oficiais do xógum na recepção aos enviados do Imperador, vindos de Kyoto, uma feira anual que representava um dos poucos contatos entre o Imperador, que era governante apenas no nome, e o xógum, cujos antecessores

recentes tinham unificado o país em uma ação militar e que era o líder de fato do governo.

Tanto Lorde Asano quanto Lorde Daté tentaram negar a homenagem, afirmando que não conheciam a etiqueta da corte, mas sem sucesso. Eles tinham sido colocados sob a supervisão de Kira para aprender o protocolo da ocasião e eram totalmente dependentes dele para serem guiados em várias funções. Mas Daté teve poucos problemas com Kira, enquanto Lorde Asano estava sempre sendo ridicularizado por seus “modos do interior”. Agora, no início do último dia, Lorde Daté parecia calmo e complacente, enquanto seu colega estava claramente apreensivo.

– Bom dia – disse Lorde Asano, com uma reverência acentuada.

– Bom dia, Lorde Asano – Daté sorriu. – Você está adiantado, não está?

– E você também – respondeu Lorde Asano. – Talvez você esteja mais nervoso do que aparenta.

Daté riu.

– É você que está nervoso. Qualquer um pensaria que está indo para uma batalha.

– Gostaria que fosse uma batalha – disse Lorde Asano. – Sou um cara do interior, sem talento para me relacionar com esses homens de calças extravagantes. Homens como Kira – disse ele, com certo desgosto – são de classes inferiores à nossa, mas, ainda assim, temos que obedecer cada palavra que sai de suas bocas. – Ele balançou a cabeça. – Simplesmente não sei qual é o meu lugar aqui.

– Não sei por que você tem tantos problemas com Kira – disse Daté, com um sorriso fraco. – Ele tem me tratado com respeito, apesar de eu ser tão desengonçado quanto você em relação às cerimônias.

Lorde Asano olhou para ele com indignação.

– Não pense que não conheço seu segredo, Lorde Daté. Você se dobrou às exigências dele e cumpriu...

– Não fiz isso! – Daté interrompeu com raiva.

– Então, seus conselheiros fizeram isso por você, o que não lhe serve de atenuante... Não saber o que está acontecendo em sua casa!

O rosto de Daté ficou vermelho e ele estava prestes a responder, quando as portas corrediças para o salão se abriram e Lorde Kira surgiu. O Mestre de Cerimônias sorriu de modo condescendente para o grupo na sala de espera, revelando seus dentes escuros, e Lorde Asano estremeceu como sempre fazia diante de tais sinais de decadência. As castanhas mastigadas para conseguir tal efeito eram caras, e ele considerava essa prática o máximo da vulgaridade, o oposto dos atos de frugalidade ensinados por Buda e Confúcio. Na visão de Lorde Asano, Kira representava o epítome de tudo o que estava errado com a corte. Ele era corrupto, fútil e egoísta, o mais distante do ideal tradicional de um samurai quanto fosse possível.

Kira olhou diretamente para Lorde Asano depois das reverências de sempre, esperando perceber um sinal de mudança de atitude. Com certeza, ele pensou, devia haver uma maneira de chegar àquele idiota nobre. Talvez insultos mais fortes fossem mais eficientes com um jovem tão orgulhoso. Pelo menos, valia a pena tentar de novo, e não havia momento mais adequado do que o presente. Ele sabia que estava em segurança: empunhar uma espada no castelo, independentemente das circunstâncias, era uma ofensa capital.

Kira começou a caminhar em direção a Lorde Asano, que intuitivamente se virou, no que poderia ser interpretado com um gesto de desdém. O Mestre de Cerimônias, vestido de preto, se surpreendeu e, então, com raiva, mudou o caminho para se aproximar de Lorde Daté. Tal atitude rude foi a gota d'água, e Kira, com o sangue fervendo, sabia que era inútil continuar tentando convencê-lo a pagar sua propina. Decidiu que Lorde Asano pagaria por sua integridade – e por sua grosseria.

Conforme as orientações de Kira a Lorde Danté continuavam, Lorde Asano sentiu uma forte depressão tomar conta dele. Sabia que a indulgência consigo mesmo custara-lhe a boa vontade de Kira. Se Kira o abandonasse agora, ele ficaria totalmente perdido, sem saber

o que fazer durante a cerimônia. Sentiu um momento de pânico ao prever a desgraça que causaria ao nome da família se cometesse uma infração em relação à etiqueta. Afinal, Kira era o especialista em tais assuntos, e o mínimo que podia fazer seria ser civilizado com o homem, ainda que o desprezasse.

Lorde Asano estava tentando pensar em uma desculpa quando a porta de fora se abriu. Ele sentiu os batimentos cardíacos acelerados ao pensar que podiam ser os enviados do Império, mas respirou aliviado quando viu que era apenas um servo da mãe do xógum. Tratava-se de um homem gordo e de olhos arregalados chamado Kajikawa, a quem Lorde Asano normalmente teria ignorado, mas, naquele momento, ele foi esperto o bastante para não revelar seus verdadeiros sentimentos. Enquanto Kajikawa olhava com timidez pela sala, Lorde Asano sorriu de modo encorajador.

O sorriso funcionou e Kajikawa se apressou, fazendo uma reverência exagerada de respeito ao chegar. Então, ele ergueu a cabeça com um sorriso amplo.

– Lorde Asano – disse ele, emitindo as palavras com rapidez. – Soube que houve uma mudança nos horários e gostaria de saber qual é para poder contar à mãe de nosso sublime xógum. Se não fosse pedir demais... – ele finalizou com o toque certo de incerteza.

Lorde Asano olhou involuntariamente para Kira, como se ele fosse o único capaz de responder, e ficou abalado ao ver que Kira estava sorrindo para ele e que havia, obviamente, ouvido a pergunta.

– Não se dê o trabalho de perguntar nada àquele tolo – disse Kira em voz alta e com seus bons modos. – Se for uma pergunta sobre a cerimônia, pergunte a mim ou a Lorde Danté, ou a um dos servos. Até eles sabem mais sobre o que está acontecendo do que o Lorde Asano!

O rosto de Kajikawa ficou vermelho e seus olhos se arregalaram mais do que nunca quando ele fez uma reverência incerta, e permaneceu indeciso. Lorde Asano empalideceu e permaneceu tenso, como se tivesse se transformado em uma pedra. Kajikawa sentiu um tremor de medo e se afastou em direção às portas

correções até o salão. Não queria humilhar Lorde Asano ainda mais procurando outra pessoa na sala, e decidiu fazer sua pergunta a um dos cortesãos do lado de dentro. Ele havia começado a abrir a porta quando viu Lorde Kira atravessar a sala de modo majestoso e parar na frente de Lorde Asano para dizer algo a ele em voz baixa. Não tinha certeza, mas parecia que Kira fazia uma referência à esposa de Lorde Asano.

Lorde Asano também teve dificuldade para acreditar no que Kira disse.

– Você poderia ter se poupado de todo este transtorno, sabe? – disse ele, de modo provocador. – Se seu dinheiro tem tanta importância, existem outras maneiras de satisfazer meu gosto por delicadezas. Soube que você tem uma bela esposa, com rosto de lua cheia...

Lorde Asano não conseguiu ouvir mais nada. O sangue desapareceu de seu rosto e bateu forte em seu peito, e a mão que segurava a espada se posicionou no cabo da arma. Kira levou a mão instintivamente à sua espada, apesar de não ter a menor intenção de empunhá-la, mas foi um erro trágico. Lorde Asano viu a atitude como aceitação de seu desafio, e a lâmina da espada brilhou quando ele a ergueu e desceu em fúria. Kira, que foi atingido na parte alta do ombro, perdeu o equilíbrio e caiu. Lorde Asano elevou o braço para golpear de novo, mas Lorde Daté e alguns dos outros correram para segurá-lo. Houve uma segunda pausa, interrompida apenas quando Kajikawa engoliu em seco e correu para seu quarto.

Lorde Asano estremeceu ao olhar para baixo e ver o corpo parado de Kira e então para os homens que tomaram ambas as suas espadas. Ainda estava em pé sem se mexer, com o olhar petrificado, quando as portas de correr se abriram de novo e o próprio xógum Tsunayoshi entrou na sala. Atrás dele, vinha um grupo de garotos com roupas de dança, todos estranhamente calados e grotescamente paralisados e posicionados.

Tsunayoshi, com aparência mais feminina do que nunca em sua roupa de dança, não estava preparado para a imagem que viu. Hesitou e então deu um passo para trás, como se fosse cair. Alguns

dos outros presentes podiam adivinhar o que estava se passando por sua mente.

Apenas dezessete anos antes um incidente parecido havia ocorrido naquela mesma sala e, durante todos aqueles anos, Tsunayoshi se sentiu assombrado por ele. O primeiro-ministro da época tinha sido atacado e instantaneamente morto por um membro mais jovem da corte que, segundo foi dito, ressentia-se do fato de o primeiro-ministro ter assumido poderes demais, poderes que pertenciam, por direito, ao xógum. Também havia sido dito, a portas fechadas, que o próprio Tsunayoshi fora responsável pelo ataque, apesar de isso não ter sido provado. O assassino foi morto no local pelos lordes, e os motivos seguiam desconhecidos.

Agora, era como se a cena toda estivesse sendo repassada diante dos olhos do xógum, que estava claramente tocado pela visão. Foi tomado por uma ira repentina e sentiu o sangue subir por seu rosto enquanto caminhava e se aproximava do corpo inerte de Kira. Com uma careta de desgosto, o xógum exigiu que dois servos levassem o Mestre de Cerimônias, já não tão impecável quanto antes, para outra sala, e então se virou.

– O que aconteceu aqui? – quis saber, mas não recebeu resposta.
– Você, aí – disse ele a Lorde Daté. – Conte-me o que houve.

Daté soltou o braço de Lorde Asano e fez uma reverência, engolindo em seco. Então, endireitou-se e falou de modo breve e formal, como se fizesse uma descrição a um superior no campo de batalha.

– Lorde Asano, evidentemente, ofendeu-se com algo que Lorde Kira disse. Vimos que ele ficou chocado. Vimos que ele empunhou sua espada e acertou Lorde Kira. Era como se algo mais forte do que ele o estivesse conduzindo a...

– Ele empunhou a espada e acertou Kira? – perguntou o xógum. – Alguém sabe o que Kira disse a ele para fazer com que se comportasse de modo tão inadequado?

Ninguém respondeu, muito menos Kajikawa, que estava espiando pelas portas de correr para dentro da sala e que sabia muito bem

quando se calar.

– Muito bem, então, segure-o aqui – disse Tsunayoshi com frieza. Ele se virou para Lorde Asano. – O senhor não tem a menor consideração por esta corte?

– Sinto muito – disse Lorde Asano, ao se ajoelhar e encostar a cabeça no chão. – Não tenho justificativa.

– Existem regras para todas as ocasiões – Tsunayoshi prosseguiu –, regras muito bem-elaboradas às quais todos devem obedecer. Não abro exceções a esse respeito. Nem mesmo para meus homens. A ignorância em relação às regras pode servir como atenuante, mas tenho certeza de que o senhor, depois de tantos anos como *daimyo*, não pode pedir tal isenção.

– Não... não – murmurou Lorde Asano, certo de que devia estar tendo um pesadelo do qual logo despertaria.

Tsunayoshi se virou aos outros.

– O crime foi suficientemente claro. Assim como a punição. Por favor, mantenham este homem preso enquanto converso com meus conselheiros. Por hora, a cerimônia terá de ser adiada.

Ele fez uma expressão de desgosto ao ver as manchas de sangue no chão, e então se virou e começou a voltar pelas portas de correr para o salão grande. Um cortesão de seu séquito apareceu na porta, mas deu um passo atrás para abrir caminho para o xógum.

– É terrível – disse o xógum ao cortesão. – Todos os nossos planos frustrados por causa de um samurai irresponsável que não aprendeu a se comportar no castelo. Pode ser até que tenhamos que cancelar nossa apresentação de dança.

Então partiram, e Lorde Asano permaneceu com seus captores. Continuava ajoelhado e olhava com firmeza para o chão, enquanto os outros presentes o observavam em silêncio. Seu rosto mantinha uma aparência de calma fria, mas por dentro seu estômago revirava, de modo que era difícil pensar direito. Estava prestes a vomitar, mas manteve-se firme, decidindo não demonstrar fraqueza. Seu único pensamento era provar a todos que conhecia seu lugar.

Uma hora se passou em silêncio até o som de homens marchando ser ouvido do lado de fora. Lorde Tamura, um *daimyo* de rosto corado, de Ichinoseki, entrou por uma porta lateral com um grupo de samurais e assentiu de modo indeciso ao ver a pose firme de Lorde Asano. Lorde Tamura havia sido o chefe da guarda, motivo pelo qual provavelmente Tsunayoshi o chamara. Contudo, ele não parecia saber o que fazer naquela situação. Era fácil comandar ao lidar com os ladrões e batedores de carteira de Edo, mas prender um *daimyo* era outra coisa. Aproximou-se do homem ajoelhado com relutância e colocou a mão no ombro dele.

– Pela ordem de nosso xógum – disse ele, e Lorde Asano obedientemente se levantou para acompanhá-lo porta afora.

Havia um palanquim esperando do lado de fora com uma dúzia de samurais e mais de trinta servos, mas nenhum rosto era conhecido. Asano procurava Kataoka, em vão. Estava prestes a entrar no palanquim quando foi impedido pela espada de Tamura, o qual, com certo embaraço, entregou a ele uma veste barata de servo e pediu que ele a colocasse por cima de suas roupas de corte. Lorde Asano ficou abismado com o desaforo, até perceber que era para seu próprio bem. Com aquelas roupas, ele não seria reconhecido quando passasse pelas ruas de Edo e evitaria a humilhação em público. Contrariado, ele se vestiu e entrou no palanquim, no qual Lorde Tamura jogou uma rede grande, amarrando-a com uma corda, para que não houvesse perigo de o prisioneiro escapar e causar problemas. Então, foi dada a ordem para que partissem, e a procissão seguiu em direção à mansão de Lorde Tamura.

Ao dobrarem uma esquina na guarda, passaram perto de Kataoka, que esperava e nada sabia a respeito do que havia acontecido no castelo, e tampouco sabia que Lorde Asano havia passado por ele como prisioneiro.

Quando a tarde chegou, Kataoka começou a se preocupar de verdade com seu mestre. As cerimônias pareciam estar encerradas e os vários lordes reuniram seus palanquins e partiram, mas ainda assim não havia sinal de Lorde Asano. Finalmente, ele reconheceu o palanquim de Lorde Daté e se apressou para interceptá-lo.

Lorde Daté ainda estava surpreso com os acontecimentos da manhã e, por um momento, não compreendeu a pergunta educada de Kataoka. Ele não fazia ideia do que havia acontecido a Lorde Asano, só sabia que este fora levado por Lorde Tamura. Então, percebeu que Kataoka não sabia nada a respeito do ataque a Kira, e tentou pensar em um modo diplomático de contar a ele, revelando a notícia a todos os seguidores e familiares de Lorde Asano.

– Seu mestre está com Lorde Tamura. Sugiro que você vá para lá imediatamente.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou Kataoka, repentinamente assustado.

– Houve um incidente... Lorde Kira e seu mestre estavam envolvidos...

Fez-se um breve silêncio enquanto Kataoka digeriria o que ouvira. Quando compreendeu o que estava envolvido, sentiu o estômago revirar e a boca secar.

– Então, não há motivo para o palanquim de meu mestre esperar?
– ele gaguejou.

Lorde Daté balançou a cabeça, parou por um momento para ver que Kataoka era capaz de agir de modo positivo antes de continuar. Afinal, era o mínimo que ele podia fazer por um *daimyo*.

Com uma rápida reverência de agradecimento, Kataoka se afastou. Não ousou infringir a proibição de correr dentro do castelo, mas chegou ao palanquim de Lorde Asano dentro do menor tempo possível. Apesar de sua mente confusa, compôs uma breve mensagem, ordenando que os homens levassem Hara de volta. Os servos eram de Ako e confiáveis, mas, ainda assim, provinham de uma classe inferior e não tinham que saber de todos os fatos. Ele contou ao líder apenas que Lorde Asano havia decidido visitar Lorde Tamura, indo à sua mansão por outros meios. Eles tinham de voltar a seus aposentos e entregar a Hara a mensagem de que ele deveria se unir a Kataoka na propriedade de Tamura imediatamente. Então, caminhou rapidamente ao lado deles para fora do castelo, passando pela ponte por cima do fosso e dirigindo-se para as ruas da cidade.

Agora, podia estabelecer o próprio ritmo e correu como quem foge do diabo, apesar da multidão. Continuava se perguntando como algo daquele tipo podia acontecer, como algo daquele tipo podia acontecer a seu querido mestre...

Na mansão de Tamura, Lorde Asano foi tratado com educação. Foi-lhe oferecida uma roupa simples para trocar a calça de cerimonial inadequada e o *kamishimo* que estava usando. Os presentes não tentaram falar com ele, já que, compreensivelmente, não tinham certeza de seu *status*, e ele foi colocado em uma antessala de paredes brancas, onde recebeu papel e pena para escrever um recado à esposa. Esforçando-se, conseguiu reunir os pensamentos e começou a redigir um breve relato do que havia acontecido, enfatizando a inevitabilidade de seu confronto com Kira, quando foi interrompido pelos sons da chegada de um dos censores de Edo e dois assistentes. Como representantes oficiais do Conselho do xógum, eles haviam trazido a sentença, e Lorde Asano escutou-os sussurrá-la a Lorde Tamura, na sala ao lado. Ele percebeu, pela reação de choque de Lorde Tamura, que a sentença era pesada, e que só poderia significar uma coisa: morte! O restante dos sussurros representou pouco a ele: “os conselheiros se opuseram... Tsunayoshi determinado... seu próprio conselheiro foi atacado de modo parecido há alguns anos... um exemplo precisa ser dado...”.

Lorde Tamura, então, entrou de modo respeitoso na sala, fazendo uma reverência.

– Nosso misericordioso xógum decretou que sua execução deve ser rápida e que você, assim, deve ser grato a ele. Também recebeu o privilégio de morrer de modo honroso graças à sua classe – disse ele. Lorde Asano permaneceu em silêncio e Tamura observou sua aceitação estoica frente ao veredicto. E então acrescentou a parte final da sentença: – Toda a propriedade mantida em seu nome será confiscada e posta sob a proteção do governo do xógum até ordem contrária.

Em sua mente, Lorde Asano ouviu o uivo dos cães novamente e sentiu o revirar no estômago que sentira no sonho. No entanto, apenas fixou o olhar na parede branca à sua frente, até Lorde

Tamura fazer uma reverência e sair. Depois de um momento, Lorde Asano fez uma reverência para continuar sua carta, mas ainda não havia terminado quando Lorde Tamura voltou com o censor e seus assistentes. Eles aguardaram até que ele concluísse a mensagem e que esta secasse e fosse selada. Então, o censor deu um passo à frente e o ajudou a se levantar. Com dignidade e autoridade, Lorde Asano afastou o braço do homem e ficou de pé sem auxílio. Já estava seguindo Lorde Tamura para o jardim quando uma comoção teve início no caminho de entrada. Kataoka havia chegado e, ofegante, pediu permissão para ver seu mestre.

Lorde Tamura consultou o censor brevemente e o pedido foi deferido, mas eles permaneceram perto, ansiosos para concluir o assunto o mais depressa possível. Kataoka hesitou diante dos outros, mas não conseguiu controlar suas emoções e se apressou a pedir desculpas, de modo exagerado, por não ter tomado ciência dos acontecimentos terríveis no castelo. Lorde Asano ergueu a mão.

– Estou feliz em vê-lo, Gengoemon – disse ele, chamando-o pelo nome. – Você é a primeira pessoa amiga que vejo desde hoje de manhã.

Kataoka sentiu os olhos marejarem, mas Lorde Asano fingiu não perceber. Entregou a mensagem a seu seguidor.

– Esta é a minha despedida aos outros. Por favor, entregue-a a... a minha esposa. – Ele pausou por um momento e um olhar distante tomou seus olhos. – Diga a todos... Diga a eles... Oishi saberá o que fazer.

No jardim, diante do grupo de samurais de Lorde Tamura, três tatames estavam posicionados no chão, cobertos com um tapete branco. A noite chegava, e lanternas de papel foram acesas em todos os cantos do palco improvisado. Lorde Asano foi orientado a se sentar no centro do tapete, diante de uma pequena mesa sobre a qual havia uma adaga com lâmina de cerca de vinte centímetros. Lorde Asano pegou a arma e analisou-a com curiosidade, vendo se tratar de uma relíquia da família Tamura.

Sorriu rapidamente ao Lorde Tamura e escutou, inexpressivo, quando o censor leu oficialmente os termos da ofensa e a sentença. Os cães uivavam em sua mente, e Lorde Asano sentiu mais do que ouviu quando a leitura foi concluída. Sabia o que tinha de fazer e teve confiança em sua habilidade de agir com a dignidade necessária. Nesse aspecto, pelo menos, ninguém poderia dizer que ele não sabia qual era seu lugar.

Pegou a adaga com as duas mãos e sussurrou uma oração apressada ao fincá-la profundamente no lado esquerdo de seu abdome. Enfiou a lâmina e torceu-a para o lado, e todos os sons pararam quando um dos presentes deu um passo à frente para decapitá-lo, com um movimento firme de sua longa espada.



– Por que você não está com seu mestre?! – foi a primeira reação irritada de Oishi quando levaram Hara até ele, sujo e banhado em suor, no meio da noite. Naquele estado, o velho guerreiro envergonhava a classe de samurais, e Oishi sentiu a vergonha que ele sabia que Lorde Asano sentiria ao ver um de seus homens daquele modo. Porém, ao primeiro grito de Hara, com os olhos arregalados, quando o empregado que o havia levado partiu, considerações tão triviais quanto aquelas foram esquecidas.

– Nosso mestre morreu – disse Hara –, e o castelo será confiscado!

Oishi reagiu como se tivessem derramado água em seus ouvidos enquanto ele dormia. Ficou surpreso, boquiaberto, certo de que ainda estava dormindo e aquilo não passava de um sonho horroroso. Queria mandar que Hara se calasse, mas forçou-se a ouvir, por mais incrível que tudo aquilo lhe parecesse. Lorde Asano era como um irmão para ele; a perda era insuportável.

Hara, ajoelhado no chão da antessala, balançava a cabeça sem parar, para cima e para baixo, e soluçava ao contar a história enquanto Mimura, que o havia acompanhado, assentia aos prantos, abatido.

– Foi Kira quem fez isso! Kira, o Mestre de Cerimônias da corte, provocou nosso mestre em um confronto no castelo. Nosso mestre foi forçado a empunhar a espada, apesar de saber, como todos nós sabemos, qual seria a pena por fazer isso no castelo do xógum!

– E a sentença foi dada em tão pouco tempo? – perguntou Oishi, enquanto jurava vingar-se dos responsáveis.

– No mesmo dia – disse Hara, com desânimo. – Não tínhamos ideia do que estava acontecendo.

– E a Senhora Asano? – perguntou Oishi rapidamente. – Sabe o que aconteceu com ela?

– Desapareceu – disse Hara, soluçando. – Assim que nosso mestre foi morto, os soldados da corte foram à mansão e levaram tudo. Todos nós fomos dispensados e a Senhora Asano foi mandada de volta à casa de seus pais. Ela não deve voltar a Ako nem tentar entrar em contato com nenhum membro da família, pois corre o risco de ser morta.

Oishi sentiu uma pontada no coração ao pensar na menininha adormecida em um quarto próximo dali, esperando pela mãe e pelo pai. De repente, foi tomado pela enormidade da tragédia que havia atingido a casa de Asano e todos os seus membros. Virou-se a Mimura e o mandou buscar Chuzaemon Yoshida, um dos samurais mais velhos de Ako, cuja orientação seria bem-vinda.

– Como você soube de tudo isso? – Oishi perguntou a Hara, que agora começava a demonstrar muito cansaço após a árdua viagem.

– Kataoka estava ali quando nosso mestre cometeu *seppuku* na propriedade de Lorde Tamura. Pelo menos, ele pôde escolher essa morte. O restante de nós chegou tarde demais. Os carregadores de palanquins ficaram presos nas ruas movimentadas e, assim que recebemos o recado, fomos até lá, mas tudo havia terminado. Quando voltamos correndo para a nossa mansão para proteger a

Senhora, as forças do xógum chegaram com a ordem oficial e, seguindo o comando dela, nós obedecemos. Não conseguimos salvar nada. A ordem era de “imediate confisco de toda a propriedade” e isso foi feito à risca.

– E o castelo aqui em Ako também será confiscado?

– Sim – disse Hara com um tom de voz quase inaudível. – Uma força chegará de Edo para levar as instruções a cabo.

– E os homens que vocês deixaram em Edo? Eles estão voltando? Não devemos nos dividir em um momento como este.

Hara olhou para ele e explicou:

– Deixei o jovem Horibe no controle. Ele e os outros estão fechando nossas contas em Edo, como pensei que o senhor desejaria. Talvez estejam atentos para ver quando o inimigo, e me refiro às tropas do xógum, sairá de Edo.

Oishi olhou para ele com um olhar ríspido. Não era difícil entender a atitude de Hara. Ele estava dizendo que deveriam se preparar para sitiar o castelo e lutar. E Hara podia estar certo, pelo menos era um plano positivo de ação para redimir a honra perdida. Mas, ainda assim, Oishi sentiu que não deveria tomar decisões tão importantes sem conhecer totalmente os fatos.

Foram interrompidos pela chegada de Yoshida, de cabelos grisalhos e rosto de Buda que estava, pela primeira vez, enrugado de preocupação. Contaram o ocorrido e ele se encolheu no chão, tentando controlar o choro de lamentação. Em toda a sua vida como samurai, nunca vira um momento tão agonizante. Oishi sentiu um aperto de desespero e frustração no estômago, mas se recusou a dar vazão a seu lado emotivo. Estava no controle, os outros o tinham como exemplo, e deveria permanecer com frieza, controlado, para que suas decisões fossem tomadas de modo racional.

Para dar ao idoso samurai um tempo de recuperação, Oishi pediu que Mimura trouxesse um *hibachi* sem perturbar nenhum dos outros empregados. Por enquanto, até que decidissem adotar um plano de ação, seria melhor se ninguém mais soubesse a respeito dos

grandes problemas que enfrentavam. Mimura trabalhava para os Asano desde a infância, e confiavam que ele não diria nada.

Quando o *hibachi* com carvão em brasa chegou, Oishi deu a ordem para que fosse colocado ao lado de Yoshida, que agora estava sentado e em prantos. Oishi e Hara sentaram-se perto dele para se aquecerem, enquanto Mimura recolhia as longas pernas e sentava-se perto da porta, como um guarda protegendo-os de curiosos.

– Talvez devêssemos chamar Ono – Yoshida sugeriu com incerteza.

Como tesoureiro do clã, Ono tinha poder de decisão nas questões fiscais, mas, naquele momento, Oishi não acreditava que seu conselho teria alguma valia. Ono se sentiria inclinado a atribuir as questões de justiça e honra abaixo das de finanças, e Oishi não estava interessado em discutir.

– O assunto não envolve Ono – disse ele a Yoshida. – Podemos decidir o que deve ser feito entre nós mesmos.

Oishi olhou para Hara e viu o homenzarrão assentir de modo vigoroso. Ele não precisaria de Ono, assim como seu líder não precisava.

Fez-se silêncio por um momento enquanto todos pensavam. Para aumentar sua sensação de perda, Oishi lembrou-se do passado, voltando-se às lembranças das orientações que havia recebido quando era um jovem samurai. As aulas tinham sido dadas naquela mesma sala, e ele ainda se lembrava dos alertas de Yamaga Soko: os tempos estavam mudando, e a imposição da ética de Confúcio estava sendo minada pelos pregadores do “novo Confucionismo”, que começavam a infestar a corte. Por isso, Yamaga havia sido exilado para o interior – porque ele estava desatualizado –, mas encontrou ali os samurais de Ako, dispostos a ouvir, distantes da suavidade e da política da corte. Oishi ouviu a condenação que Yamaga Soko fazia da corte de Edo mais uma vez, como se estivesse falando com eles naquele momento:

– O sacrifício do nobre ao elegante.

E esta acabou sendo uma profecia da morte de Lorde Asano.

Oishi pensou nas circunstâncias do ataque de seu mestre a Kira. Não tinha dúvidas de que fora justificado, mas se ao menos houvesse acontecido em outro lugar!

Não era seu direito criticar o xógum, independentemente das circunstâncias, mas era estranho pensar como era inconsistente sua observação a respeito dos ensinamentos do Buda. Sim, a oposição à violência e à crueldade, típica de um Buda, era a essência de suas Leis de Preservação da Vida, mas será que elas tinham sido aplicadas igualmente à vida de Lorde Asano? E quanto a abrir mão da riqueza e do poder? E o exercício da abstinência de prazeres mais rudes, o reconhecimento da beleza da vida de reclusão e de meditação? Não, Tsunayoshi retirava do budismo apenas o que servia a seus próprios propósitos, e isso fazia com que suas políticas permanecessem abertas a questionamento por qualquer pessoa corajosa o suficiente para isso.

Oishi desviou o olhar das lembranças que via nas chamas do *hibachi* e percebeu que o velho Yoshida o observava. Não havia dúvidas de que ele estivera pensando as mesmas coisas, e não era preciso dizê-las em voz alta. Yoshida estremeceu e balançou a cabeça, e então passou a mão por seus cabelos curtos.

– Precisamos criar um plano – disse ele, de modo vago.

As palavras passaram uma impressão estranha a Oishi. Ele vinha contando com o conselho do senhor, mas agora percebia que havia pouco a esperar. Nada parecido havia acontecido antes na história do clã, e Yoshida não era capaz de lidar com aquilo, assim como o mais jovem samurai do castelo também não era. Oishi ficaria feliz se pudesse receber orientação do senhor, mas sabia que, a partir daquele momento, todas as decisões deveriam ser tomadas por ele, como o principal servo. Não temia não ser forte o bastante para tomar as decisões e cuidar para que fossem executadas; só esperava que suas ideias fossem cuidadosamente elaboradas e verdadeiramente melhores para a casa de Asano e o espírito de seu finado mestre.

Hara esfregou as mãos e se manteve inquieto. Em sua mente, aquele encontro era um conselho de guerra, e o objetivo seria criar um plano de defesa para o castelo.

– Não deveríamos reunir todos os homens? – ele resmungou.

Oishi hesitou e ficou feliz quando Yoshida pigarreou como sinal de que responderia.

– Vamos esperar até o amanhecer – disse o senhor. – Se nossos guerreiros forem necessários para propósitos extraordinários, ainda que seja apenas para receber o anúncio da morte de seu mestre, não haveria problema em deixá-los descansar tanto quanto puderem antes.

– Concordo com o sensei Yoshida – disse Oishi, dando ao senhor o honroso título de “professor”, para dar mais importância a seus comentários. – Quando amanhecer, todos poderemos pensar com mais clareza para enfrentarmos nossos novos problemas com mais confiança.

– Devemos começar a pensar em nossas defesas agora – Hara murmurou de modo obstinado, e Oishi, virando-se para o lado, irritado, acabou percebendo um olhar preocupado de Mimura em direção ao velho guerreiro. Percebeu que alguma coisa na atitude de Hara estava perturbando o criado, mas hesitou em perguntar por medo de envergonhar o jovem desajeitado. Então, virou-se para Hara.

– Você me contou tudo, Hara? Tudo o que preciso saber sobre este assunto trágico? Kira foi morto e nosso mestre foi condenado à morte e à perda de propriedade... É isso mesmo?

Hara hesitou.

– Em um ponto, há certa dúvida... Kira foi retirado depressa e talvez ele possa ter sobrevivido ao ataque, ainda que não seja muito provável. De resto, eu contei tudo o que sei. Ainda não consigo entender por que o senhor hesita em planejar a defesa do castelo. As tropas do xógum chegarão a qualquer dia e devemos nos preparar.

– Nós nos prepararemos para o que vier, não se preocupe. Mas acredito que o melhor plano para nós todos é que tentemos dormir

um pouco. Preciso de mais tempo para pensar antes de elaborar qualquer plano que valha a pena.

Oishi ficou de pé e se espreguiçou, e então fez uma reverência educada de boa-noite a Yoshida, que estava curvado, e assentiu de modo mais casual na direção de Hara. Ao sair da sala, foi acompanhado por Mimura, ainda que não houvesse motivo para o servo acompanhá-lo. Manteve-se em silêncio até chegarem à porta do quarto dele, e então Oishi virou-se ao jovem desajeitado.

– Tome um banho e descanse um pouco – disse ele. – Amanhã será um dia difícil para todos nós. Agradeço muito pelo que vocês têm feito e sei que sempre pensam no melhor para a casa dos Asano.

Ele se virou para sair, mas foi detido pelo movimento repentino de Mimura de se ajoelhar e encostar a cabeça no chão.

– Devo dizer a vocês – ele sussurrou. – Fui forçado por Hara a prometer não dizer nada, mas sinto que seria injusto com vocês ficar com a responsabilidade final!

Oishi cuidadosamente o ergueu pelo ombro até ficarem frente a frente. Ele não disse nada, esperando que o menino esclarecesse o conflito dentro de si.

– Antes de sairmos de Edo – Mimura disse, finalmente –, fomos visitar Daigaku Asano, o irmão mais jovem do Lorde, e seu tio, Lorde Toda, o *daimyo* de Ogaki. Eles estavam controlando sua tristeza da melhor maneira, apesar de, como você sabe, Daigaku ser um jovem muito frágil e Lorde Toda estar agora bem velho. Eles sabiam tudo o que havia acontecido. Sabiam sobre a ordem de entregar o castelo em Ako aos representantes do xógum.

– E?

– E eles aconselharam Hara a dizer a vocês que devemos nos entregar de modo pacífico para não aumentarmos os problemas que já atingiram a família.

Oishi soltou o menino e assentiu, indicando que ele podia ir. Mimura desceu o corredor correndo, rezando para que tivesse feito a

coisa certa. Ainda assim, Hara poderia matá-lo se descobrisse que ele havia quebrado a promessa.

Oishi havia tido mais uma surpresa desagradável e considerava mais do que nunca a complexidade dos problemas que tinha a resolver. Não podia se opor aos desejos da família e, ainda assim, entendia por que um homem de atitude como Hara se recusava a levar a mensagem. Quando havia dois pontos de vista válidos para levar em consideração, nem sempre era fácil escolher o lado certo.

Entrou em seu quarto e pegou uma capa quente. Estava profundamente abalado pelas notícias a respeito de seu mestre e sabia que de nada adiantaria tentar dormir. Havia apenas um lugar no qual ele poderia conseguir ajuda para as perguntas que o atormentavam, e saiu do castelo discretamente para chegar lá. O guarda que estava a postos no portão principal deixou que Oishi saísse por uma porta lateral pequena e educadamente escondeu a surpresa ao ver atitudes tão incomuns por parte de seu superior.

A noite estava escura com um vento frio e Oishi estremeceu quando começou a subir um monte pequeno atrás do castelo. Enquanto subia, o vento ficou mais forte e ele fechou a capa ao redor do corpo. Ao olhar para trás enquanto caminhava, viu os contornos escuros das torres dos castelos contra o céu da noite; ao olhar para a frente, começou a ver as sombras de uma pequena aglomeração de sepulturas no topo do monte. Era Kegaku-ji, o templo em Ako, local de sepultamento da família Asano.

Oishi caminhou até o centro da pequena área cercada e olhou ao redor. Ali estavam enterradas as cinzas de todos os membros da família Asano que ele conhecera e de muitos que tinham morrido antes de ele nascer. Movimentou-se lentamente, lendo as inscrições familiares nas pedras, e então parou e elevou o olhar para o céu.

– Meu Lorde Asano – disse ele, com grande intensidade. – Chamo o senhor do mundo dos espíritos.

Não houve resposta além do gemido do vento e da fricção intensa dos galhos folhosos, mas, ainda assim, Oishi sentiu-se mais perto de

seu lorde do que em qualquer lugar e confortou-se por poder expressar suas ideias abertamente.

– Se ao menos eu estivesse com o senhor – gritou Oishi ao se ajoelhar com as mãos unidas e erguidas para cima, em um gesto pedindo perdão. Então, ele abaixou as mãos aos joelhos e baixou o olhar, num gesto de humildade.

– Por favor, meu lorde, saiba, que não culpamos sua atitude. O senhor fez o que qualquer homem teria feito para proteger sua honra. A culpa está toda do outro lado.

Oishi estava pensando que conhecia Lorde Asano desde sempre e que, apesar de suas explosões de impaciência ocasionais, não havia um *daimyo* mais digno em todo o Japão. Aquela parte do país era conhecida pela forte obediência às virtudes tradicionais dos samurais e não havia ninguém mais generoso, mais corajoso e mais direto em tentar viver de acordo com aqueles ideais do que Lorde Asano. Oishi seguiria um mestre como ele a qualquer lugar, até mesmo à cova, se fosse preciso, e não hesitaria em empunhar a arma e unir-se a ele naquele momento se acreditasse que o gesto pudesse ser exitoso.

Ele levou a mão à lâmina da faca em seu cinto, mas, então, desistiu. Sua principal tarefa agora era com os vivos. Com a viúva e a filhinha de Lorde Asano, e com todos os servos e pessoas no castelo, que o procuravam para receber orientações. Se fosse preciso cometer um suicídio, ele estaria pronto, mas, agora, havia decisões a tomar e ele dependia do espírito de Lorde Asano para guiá-lo, a fim de que tomasse as decisões certas.

Seu mestre desejaria que ele abrisse mão, de modo pacífico, do castelo ou que ele resistisse, lutando até o último homem? Ou será que todos deveriam apenas ajoelhar-se na frente do castelo e cometer *seppuku* juntos, em protesto contra uma sentença injusta. Oishi estava acostumado a cumprir ordens, não a formular leis, e aquela era uma experiência difícil para ele. Percebeu quanto dependia de sua habilidade de decidir o que era melhor para todos, e a responsabilidade pesou sobre ele.

Quem julgaria se as escolhas dele eram as certas? A voz silenciosa de Lorde Asano o guiaria, mas, no fim, Oishi sabia que precisava julgar a si mesmo. O caminho de honra era fácil de seguir quando era fácil de ver. Quando havia conflitos entre as atitudes a serem tomadas, como o que Hara levantara, as soluções não costumavam satisfazer a todos.

No meio da mata, no alto das montanhas, uma raposa uivava ao vento, e Oishi desviou o olhar. Viu as sepulturas a seu redor como uma cerca impenetrável e imaginou que era daquela forma que o espírito de Lorde Asano os via também. Sua alma estava em tormenta devido à desonra que sua atitude havia causado a Ako, e só encontraria repouso quando uma resolução fosse encontrada. Dependia de Oishi encontrar uma maneira de fazer com que isso acontecesse.

Ele suspirou, e então se levantou para fazer uma reverência respeitosa a todas as sepulturas no cemitério. Sentiu o frio do medo em suas entranhas ao fazer isso. A repentina extinção daquela nobre família já era algo terrível para suportar. Se eles se rendessem, aquelas sepulturas seriam negligenciadas e os espíritos procurariam em vão por homenagem e cuidado de seus descendentes. Os vivos não teriam o conforto das bênçãos de seus ancestrais e percorreriam a Terra sem parte de suas almas.

Oishi sentiu um forte desejo de se vingar de quem causara tudo aquilo, mas sabia, no fundo, que uma guerra seria um gesto inútil. Por fim, perderiam, e os túmulos dos ancestrais seriam igualmente esquecidos.

De repente, a imensidão do que estava para acontecer a ele foi percebida pela primeira vez. Não mais seria um samurai de respeito; seria um *ronin*, um homem sem mestre, um daqueles coitados cujos dias de serviço e glória já tinham terminado. Seria forçado a se tornar um mercenário ou sair das classes militares de uma vez. As duas opções eram ruins. Talvez Hara estivesse certo, e ele devesse ignorar as ordens de Daigaku e Toda. Seria melhor ser derrotado em batalha do que ver sua família morrer de fome e chegar ao máximo da pobreza, sem honra alguma. Então, balançou a cabeça para se

livrar de tais ideias e voltou a descer o monte até o castelo, para planejar o que diria na reunião que seria feita.

De manhã, pediria à esposa que dissesse à filhinha de Lorde Asano que seu pai e sua mãe não voltariam para casa.



Na manhã seguinte, Oishi disse à esposa, brevemente, o que havia acontecido em Edo. Diante de tamanha tragédia, ela ficou naturalmente abalada, mas, de acordo com a tradição samurai na qual ela havia sido criada, não derramou lágrimas, que não ajudariam em nada. Recebeu instruções a respeito da menininha e fez uma reverência respeitosa ao sair para cumpri-las. O futuro de sua família não foi discutido; haveria tempo para isso mais tarde.

Cansado por não ter dormindo, Oishi movimentou-se lentamente em direção à frente do castelo, no qual os seguidores se reuniram, mas, quando passou pela porta do quarto onde havia encontrado Hara e Yoshida na noite anterior, ouviu vozes e parou. Havia alguém lendo os texto de Confúcio com uma voz arrastada e monótona, e Oishi não resistiu à tentação de caminhar em silêncio até a porta de correr e abri-la um pouco. O cenário do lado de dentro era como ele havia imaginado e o levou de volta à sua juventude, cerca de trinta anos antes. Seu filho Chikara, de quinze anos, quase do tamanho de um homem, estava ajoelhado no tatame diante de uma mesa baixa, pacientemente praticando os movimentos complexos da pena para

escrever os caracteres japoneses. Diante dele, sobre uma almofada, seu professor de rosto pálido, com um chapéu e roupas cinzentas esvoaçantes, ditava os textos de Confúcio. Oishi sabia que, pela exposição constante à cultura literária e aos ensinamentos morais, o garoto, em pouco tempo, seria orientado, tal qual ele fora, a respeito da sabedoria do passado.

Apesar de o quarto ser amplo e iluminado, ele era separado do jardim apenas por uma divisória de papel *shoji* e era muito frio. Chikara havia, evidentemente, permanecido parado por várias horas e Oishi notou orgulhoso que, apesar de suas mãos estarem vermelhas de frio, ele não tentou esquentá-las nem mudar de posição. Seu filho estava seguindo seus próprios passos com firmeza, e Oishi pensou que o menino logo seria um homem, com responsabilidades de homem. Diante dos acontecimentos atuais, porém, não terminaria os estudos tão cedo.

Silenciosamente, Oishi fechou a porta e atravessou o corredor até a voz do professor desaparecer. Quando chegou à porta da frente do castelo, ela foi aberta por um guarda. Oishi respirou fundo ao sair à luz fria do sol para defrontar-se com os homens organizados.

Todos os servos da classe samurai tinham sido chamados para a reunião. Normalmente, teriam sido reunidos em classes do lado de fora das muralhas, mas, por questões de privacidade, Oishi os havia agrupado nos degraus da frente do castelo. E ali estavam eles, embaixo das torres, mais de trezentos guerreiros cercando a entrada e tomando os caminhos do jardim abaixo.

Nas roupas, eram todos parecidos: vestimentas de semibatalha, prontos para vestir a armadura se necessário. As idades variavam muito, indo desde homens com mais de sessenta anos, que poderiam mais atrapalhar do que ajudar no campo de batalha, a garotos adolescentes que tinham força e agilidade, mas não sabedoria e experiência. A maioria tinha cerca de trinta e quarenta anos, experientes na vida e no combate, e era a eles que Oishi mais se dirigia.

Apesar de todas as precauções, os rumores tinham começado a circular. A chegada precipitada e sem motivo de Hara e Mimura no

meio da noite foi notada e comentada. Conjecturas de todos os tipos foram criadas por eles enquanto esperavam, mas seus murmúrios foram rapidamente interrompidos quando Oishi ergueu a mão pedindo silêncio.

No vento frio da manhã, o vapor branco de sua respiração era apropriado a suas palavras, frias:

– Nosso mestre está morto.

Eles olharam para Oishi sem acreditar. Se ele tivesse gritado com a espada empunhada, eles teriam compreendido se tratar de um chamado à ação, mas o tom com que pronunciou as palavras mostrava que a situação não tinha saída e não havia nada a fazer.

Ele continuou explicando o que havia acontecido, e lágrimas de pesar e de raiva marejaram os olhos de muitos que nunca haviam chorado antes na vida.

Contou a eles que o Mestre de Cerimônias do xógum havia atacado o mestre, e ouviram-se murmúrios irritados entre eles. Contou que a Senhora Asano estava exilada e que os representantes do xógum haviam tomado o castelo e todas as terras de Ako. Mais uma vez, ouviram-se murmúrios de raiva, os quais pararam quando Oishi concluiu, sem lançar nem mesmo um olhar na direção de Hara, que tinha sido a decisão de Daigaku Asano, o herdeiro ao título, que eles abandonassem o castelo em paz.

Hara olhou para cima depressa, e então estreitou os olhos enquanto procurava por Mimura. Por ser apenas um servo, ele não estava na reunião, mas Hara jurou que ele se arrependeria de sua traição quando o encontrasse.

Hara não teve de esperar muito tempo por seu criado. Mimura, inesperadamente, apareceu diante deles na porta do castelo, e Oishi se adiantou para ver que emergência o havia levado ali. Quando foi oficialmente reconhecido, Mimura se apressou até chegar ao lado de Oishi e todos os presentes olharam para ele, que cochichou algo no ouvido de seu líder. Oishi pareceu assustado, e então assentiu e o servo se afastou. Oishi virou-se aos homens organizados.

– Um mensageiro de Edo chegou – disse ele. – Gengoemon Kataoka trouxe notícias da capital.

Kataoka, com o sorriso desajeitado e as roupas puídas, remexeu-se com as pernas doloridas e fez uma reverência exagerada a Oishi. Obviamente, ele estava exausto e com dificuldades para respirar, mas fez o máximo que conseguiu para manter-se alerta enquanto era o ponto de observação de todos os seus compatriotas.

– Por favor – disse Oishi –, conte-nos o que você descobriu. Pode falar com o grupo todo junto. Estamos todos igualmente envolvidos nessa questão.

Kataoka hesitou, olhou ao redor para identificar alguns dos rostos perto dele, e então gritou as palavras fatais:

– Kira está vivo!

Instantaneamente, o tom da reunião mudou. O pesar e a desesperança se tornaram ódio puro, e Hara foi o primeiro a falar.

– Então, ele deve morrer! – ele gritou, e ouviu-se um brado forte como resposta. Um forte ímpeto ganhou força dentro de Oishi também, mas ele o controlou e esperou que os brados diminuíssem. Quando os homens viram que ele queria falar, acalmaram-se aos poucos, apesar dos murmúrios confusos a respeito daquela reação estranhamente fria à notícia de que o arqui-inimigo do mestre morto ainda estava vivo.

– Concordo que Kira deve morrer – disse ele por fim. – Não há nada que eu gostaria mais de fazer do que atacá-lo neste exato momento. Mas – e ele parou quando sua mandíbula ficou tensa – não devemos nos apressar. Não acho que este grupo tenha tamanho ou armamento suficiente para realizar uma expedição de vingança a Edo e atacar alguém que está sendo protegido pelos muros do castelo do xógum. Deixaremos tais discussões para mais tarde. Nesta reunião, devemos estar preocupados apenas com a entrega do castelo, e eu tenho certas recomendações a fazer a esse respeito.

Aquilo era mais do que alguns dos homens podiam aguentar. Seus murmúrios pareciam amotinados aos ouvidos de Oishi, mas apenas

Hara teve coragem de levantar-se e falar. Dirigiu-se a seu líder de modo formal, mas com um tom de incredulidade na voz.

– Por favor, Oishi-dono, acho que não o compreendo corretamente. Acabamos de saber que o inimigo de nosso mestre, aquele que causou sua morte, ainda está vivo, e você diz que há coisas mais importantes a discutir? – Ele olhou para a multidão à procura de aprovação e a recebeu nos gritos dos homens. Mais corajoso, continuou a falar: – Não foi até mesmo o pacífico Confúcio que disse que nenhum homem deve viver sob o mesmo céu que o assassino de seu senhor?

Os homens gritavam de novo, concordando, até Oishi erguer a mão em um gesto de ordem.

– Vocês se esquecem de si mesmos – disse ele. – Sua lealdade é à casa de Asano. Nossa primeira obrigação é seguir o comando do irmão de nosso mestre e verdadeiro herdeiro deste *fief*. – Ele parou para olhar diretamente para Hara. – Confúcio também não disse que, das cinco virtudes, a lealdade é maior do que todas as outras obrigações morais?

– O irmão de nosso mestre não é o nosso mestre! – Ouviram-se um grito de trás e murmúrios concordando. Hara caminhou de novo e se dirigiu diretamente a Oishi.

– Não existe questão de lealdade – disse ele. – Somos todos leais. A única pergunta é como podemos mostrar essa lealdade da melhor forma. E eu acho que, se não nos vingarmos de Kira, podemos parecer covardes e fracos aos olhos dos homens do interior!

Oishi respondeu a ele com frieza.

– E digo que não importa o que as pessoas pensem, desde que nos convençamos de que estamos certos. Pensem, por um momento, na Senhora Asano e em sua filhinha. Tirar a vida de uma criatura infeliz como Kira pode ajudá-las a retomar sua casa? Provavelmente, elas só seriam executadas, com o restante de nós, por nossa tentativa sem sucesso. Pensem também no que uma rebelião significaria para Ako. Os ancestrais da família Asano ficarão

felizes por verem seus túmulos profanados em um castelo arruinado?

– Os ancestrais descansarão pacificamente na morte sabendo que os seguidores de Lorde Asano foram covardes demais para vingarem sua morte? – Hara gritou. Ouviu-se um brado de apoio de muitos dos homens. Oishi hesitou e, então, silenciosamente, sinalizou para Yoshida na multidão. O homem de cabelos grisalhos ficou de pé e caminhou até a frente do grupo.

– Devo repreendê-lo, Soemon Hara – disse ele com seriedade –, pelo que acabou de dizer a nosso líder. Não há motivo para impugnar sua lealdade, só porque ele não concorda com você da melhor maneira. De minha parte, considero a posição dele totalmente razoável. Não resistindo e obedecendo às ordens do xógum da melhor maneira possível, conseguiremos mais daquilo que queremos do que se iniciássemos um banho de sangue. Se nos mantivermos irrepreensíveis, pode ser que, no tempo certo, o xógum veja de quem é verdadeiramente a culpa, punindo Kira.

– “No tempo certo”? – perguntou Hara. – Você é um homem velho, Yoshida. Não quer que a justiça seja feita antes de sua morte?

– Sou um homem velho – Yoshida concordou. – E mais do que qualquer coisa, quero ver esta casa restaurada antes de morrer. Acredito que devemos pedir a intervenção do xógum antes de tomarmos qualquer atitude.

Ouviu-se um murmúrio de aprovação à essa atitude, e Oishi sentiu-se aliviado. Pelo menos, não estavam todos contra ele. Havia agora a possibilidade de que pudessem chegar a um acordo que satisfaria os dois lados, pelo menos por enquanto. Ficou satisfeito consigo mesmo por ter combinado, com antecedência, que Yoshida apresentasse seu plano, para que fosse visto como um juiz imparcial.

Ono, o tesoureiro, levantou-se e, por um momento, Oishi arrependeu-se por não tê-lo consultado com antecedência. Ono era um senhor com olhar cuidadoso, um sorriso controlado e uma mente que se deslocava em um problema como as contas de seu ábaco. Suas opiniões tinham considerável peso, e ele era capaz de causar

problemas, mas, como Oishi havia previsto, ele estava de acordo com o plano de Yoshida. Também era a favor de esperar até o último momento possível para tomar uma decisão.

– Concordo com vocês que deveríamos fazer um apelo ao xógum – disse Oishi ao grupo quando Ono terminou. – Não é, de modo algum, contrário aos desejos de Daigaku Asano, pelo que entendi a respeito das opiniões dele. – Olhou diretamente para Hara, que se retraiu de modo desconfortável. – Além disso, tal ação nos oferece tempo para que nos preparemos.

– Preparar para quê? – perguntou Hara.

– Para um ataque, se nosso pedido for negado – respondeu Oishi. Era a primeira vez que ele sugeria uma ação positiva e percebeu, pela respiração ao seu redor, que não se tratava de uma perspectiva muito bem-vista. – Escreverei o pedido hoje e o enviarei por mensageiro aos oficiais certos de Edo. Enquanto isso, peço que todos vocês empreendam uma busca em sua alma, a fim de decidir qual será o melhor caminho para nós. Tantas coisas aconteceram, e tão depressa, que eu recomendo que todos pensem com calma. Vamos nos reunir amanhã cedo para discutirmos as medidas de resistência, se for preciso, e eu sugiro que apenas aqueles preparados para lutar até a morte apareçam.

Uma comoção se formou no grupo e Oishi falou de modo mais lento, para que não houvesse engano a respeito do que estava dizendo.

– Podemos lutar, podemos morrer ou podemos decidir, se percebermos que não estamos em número suficiente, que devemos simplesmente nos ajoelhar diante do castelo e cometer *seppuku* como cumprimento aos representantes do xógum. Se esse gesto não parecer covarde demais.

Fez-se silêncio total, até mesmo Hara se calou. O *seppuku* era o último grande recurso que eles tinham para combater a injustiça. Fazia parte do treinamento de um samurai que ele soubesse como e quando dar seu maior passo, mas, ainda assim, era a primeira vez

que um deles o sugeria como uma alternativa possível. Oishi havia, de fato, dado muitas coisas sobre as quais eles deveriam pensar.

Quando a reunião terminou e os homens voltaram a seus afazeres, Oishi voltou-se para Kataoka, que esperava, para perguntar como as coisas estavam indo em Edo.

– Bem... bem – Kataoka assentiu rapidamente, apesar de seu cansaço. – O jovem Horibe está fazendo um bom trabalho.

Ele prosseguiu contando que Horibe atentava-se muito às saídas da cidade para que soubesse quando as tropas seriam enviadas para tomar o castelo em Ako. Também estava de olho nos movimentos de Kira para saber quando deveriam atacar. Oishi temia que Horibe, conhecido por ser muito impaciente, pudesse fazer mais coisas do que deveria, mas Kataoka garantiu a ele que todos em Edo tinham de seguir as ordens de seu líder em Ako. Aliviado por saber disso, Oishi mandou o homem exausto comer e descansar, e começou a caminhar em direção à área dos estábulos. No caminho, Hara se aproximou, pedindo desculpas.

– Por favor, saiba que sinto muito se o ofendi – disse ele. – Não consigo me controlar quando fico ansioso. Sei que não me ajuda em nada, mas sempre fui assim e não consigo parar.

Oishi sorriu.

– Conheço você bem o suficiente para saber disso – disse ele. – E não se preocupe com o que aconteceu na reunião. Você representa uma opinião e fico feliz por ter feito isso de modo tão intenso. Estamos pedindo aos homens que entreguem suas vidas a nosso pedido, e eles precisam ter uma opção clara. Também precisamos cuidar para que aqueles que saiam do caminho da espada não percam a consideração de seus companheiros.

Hara olhou para ele com respeito. Sua mente era incapaz de analisar a situação tão profundamente e ele ficou impressionado por ver um líder que tinha inteligência e, ao mesmo tempo, um coração guerreiro.

– Isso deve ser difícil para você – disse ele com humildade –, ter de levar em conta as opiniões de todos... Saiba que sempre pode

contar comigo no cumprimento de suas ordens.

Oishi sorriu para ele.

– Obrigado, velho amigo. Sei que posso contar com você em qualquer crise.

Hara fez uma reverência em agradecimento e, juntos, continuaram caminhando. Quando chegaram aos estábulos, Oishi parou para analisar as baias, dentro das quais estavam os poucos cavalos restantes, despenteados, com as crinas embaraçadas. Ele balançou a cabeça incrédulo com aquela situação e, então, chamou o cuidador. Quando o homem apareceu, com a aparência tão desleixada quanto a dos animais, Oishi inesperadamente deu ordens para que os cavalos fossem penteados e seus cascos, cuidados para que ficassem bonitos. O cuidador ficou feliz com aquelas palavras e rapidamente se afastou, antes que Oishi pudesse mudar de ideia. Hara também ficara boquiaberto com a ordem.

– Então, você vai lutar? – perguntou ele com incerteza.

– Não necessariamente – disse Oishi. – Mas, ainda que decidamos evacuar o castelo pacificamente, não seria bom que nossa guarda parecesse desleixada, não?

Hara concordou e virou-se para observar o cuidador começar a trabalhar. Percebeu que Oishi o encarava e virou-se para seu líder com certa inquietação.

– Perdoei você pelos comentários feitos na reunião – disse Oishi –, mas não posso perdoá-lo com a mesma facilidade por não ter me contado sobre seu encontro com Daigaku e Lorde Toda antes de seu retorno a Ako. Sem essa informação, eu poderia ter cometido um erro que teria custado a vida de todos nós por nada.

– Sinto muito – Hara murmurou.

– Mas terei mais facilidade para perdoá-lo se você prometer não fazer nada para prejudicar Mimura por seu ato de coragem.

Hara fez uma careta e então assentiu de modo relutante. Estava ansioso para surrar o falante criado, a ponto de deixá-lo à beira da morte.

– Cumpra essa promessa – disse Oishi com seriedade –, ou contarei a todos que você tentou me enganar.

Seu modo de agir deixou claro que aquela não era uma ameaça vazia, e o velho guerreiro fez uma reverência quando Oishi se afastou. Então, coçou a cabeça e suspirou.

Agora, Oishi enfrentava o primeiro e verdadeiro teste de sua liderança. Se poucas pessoas aparecessem para a segunda reunião, toda a esperança de vingança se perderia. No horário marcado, ele observou da porta do castelo, enquanto os samurais se organizavam. Estava determinado a contar todos eles quando se assustou com a chegada de alguém a seu lado. Era Hara, também ansioso para saber quem estava do lado deles e quem não estava. Enquanto contavam, perceberam que o número de homens era bem menor ao do dia anterior; quando chegou a hora de a reunião começar, havia apenas cerca de sessenta pessoas presentes, e não trezentos, como antes. Hara sentiu-se amargamente decepcionado, mas Oishi analisou a situação de modo mais filosófico.

– Pelo menos, agora sabemos com quem podemos contar – disse ele a Hara, com um sorriso irônico.

– Mas e o ataque? – perguntou Hara com ansiedade. – Você disse que seria nosso próximo passo se o pedido fosse negado, não foi?

Oishi apontou para o grupo do lado de fora.

– Não poderá haver um ataque. Não com tão poucos homens à nossa disposição. E se você observar com atenção, verá que muitos deles são jovens ou velhos demais para uma luta decente.

Hara balançou a cabeça.

– Então, não nos resta escolha além de nos entregarmos e desistirmos de tudo sem lutar.

Oishi sorriu, mas não foi um sorriso agradável.

– Oh, ainda temos uma escolha a fazer. – Então, ele apareceu diante dos homens e ergueu o braço pedindo silêncio. Ele segurava dois documentos.

– Tenho aqui uma petição aos representantes do xógum, pedindo clemência aos sobreviventes do clã dos Asano, para que eles possam ficar com sua terra e posses devido à longa e honrosa história de serviço ao xógum e a seus ancestrais. É apenas um pedido educado de restituição em nome da Senhora Asano e de Daigaku Asano e, independentemente do resultado, não acho que trará qualquer problema. Pedirei a Gengoemon Kataoka que o entregue, apesar de sua viagem árdua e recente, porque ele conhece Edo e tem uma certa capacidade de pensar depressa e de negociar com o que for oferecido.

Kataoka, que estava sentado com as pernas cruzadas, levantou-se diante dos homens e aproximou-se para pegar o documento com uma reverência respeitosa. Então, sentou-se de novo enquanto Oishi prosseguia.

– Se o pedido for aceito, não teremos mais nada com o que nos preocupar. Contudo, se for rejeitado, teremos que tomar uma decisão a respeito de nosso plano. Pelo que vejo, temos apenas duas alternativas: podemos nos ajoelhar diante do castelo e cometer *seppuku* como protesto final, ou podemos entregar o castelo pacificamente... E, então, podemos nos separar e esperar o momento certo de nos vingarmos de Kira!

Hara foi o primeiro a se levantar, bradando pela segunda opção, e os outros não ficaram muito atrás. Oishi deu um breve sorriso com o entusiasmo demonstrado, mas ergueu a mão novamente, com uma expressão mais séria.

– Devo alertá-los de que, por mais interessante que esse plano pareça para homens de ação como vocês, a vingança ainda é contra a lei. Então, precisamos nos lembrar de que, ainda que sejamos bem-sucedidos, seremos considerados culpados por um ato ilegal. Não preciso dizer que a punição seria a morte. Que ninguém se iluda. Independentemente de cometermos *seppuku* com nossas

próprias mãos ou de sermos crucificados pelo executor, nosso fim será a morte. Iremos morrer, mas com honra!

Os brados não foram tão fortes dessa vez, mas soaram sinceros. Oishi ficou contente ao ver que os homens presentes estavam dispostos a lutar até o fim. Então, desenrolou o segundo documento e o colocou aberto nos degraus do castelo. Era um pedido solene de lealdade, e ele solicitou a todos que se aproximassem e assinassem. Quando os homens se reuniram ansiosos, Oishi percebeu que havia um garoto entre eles, quase adolescente, e parou para perguntar quantos anos ele tinha. O menino jurou ter dezesseis anos, e sua atitude era tão determinada que Oishi não teve coragem de dizer mais nada. O garoto pôde assinar, assim como todos os outros presentes.

Quando chegou a vez de Hara, este fez um gesto com a pena em direção à porta do castelo e Oishi virou-se para ver o que ele apontava. A porta estava levemente entreaberta, e Oishi viu o homem ali dentro, percebendo tratar-se de Mimura. A princípio, ficou irritado ao ver que um servo tivera a audácia de ouvir a conversa, mas entendeu, então, o gesto de Hara.

– Mimura – ele chamou, e o homem apareceu desajeitado à luz do sol. Oishi virou-se para o grupo. – Aqui está mais um que pode se unir à nossa força. Apesar de ele ser apenas um criado, eu, pelo menos, não tenho qualquer objeção ao fato de se tornar nosso companheiro. Ele já demonstrou que é tão leal quanto qualquer um de nós. O que dizem?

Ouviu-se um murmúrio geral de aprovação, liderado por Hara, e Mimura, muito feliz, pôde assinar. A assinatura dele foi a sexagésima e, assim, o grupo de vingança de Oishi se formou.



Depois de Kataoka partir para Edo, Oishi e seus homens dedicaram sua atenção a colocar o castelo e a terra ao redor em suas melhores condições. Se esperassem até o pedido ser oficialmente negado, e tinham de admitir que esta era uma possibilidade real, não haveria tempo para colocar as coisas em ordem antes de os representantes do xógum chegarem.

O trabalho começou com pequenos consertos no castelo e uma relação completa de tudo que havia na propriedade. Ono, como tesoureiro, assumiu a responsabilidade de atualizar as contas e reunir todo o dinheiro em circulação. Este não seria entregue ao xógum, mas, sim, distribuído entre membros do clã no momento adequado, quando Oishi julgasse certo.

Montado a cavalo, Oishi passou pela região, tentando prever qualquer discrepância que os representantes do xógum pudessem perceber. Encontrou pontes de pedra caindo, cercas de madeira com placas quebradas, telhados que precisavam de reparos, pequenos templos e santuários à beira da estrada que tinham se tornado feios e certo descuido pela cidade em manter o lixo longe das ruas.

Quando viu uma camponesa segurando seu filho acima de uma vala aberta, disse que ela deveria usar um balde. Naquele momento, ele estava se preocupando não só com as aparências, mas também com os aspectos práticos de usar o material no campo como adubo.

Todos estavam trabalhando. Em uma das maiores tarefas, o conserto da estrada principal que ia da cidade ao castelo, até mesmo os samurais permaneciam ao lado dos camponeses e moradores da cidade para realizar o trabalho. O projeto envolvia a remoção de grandes quantidades de rochas de leitos próximos dos rios, e grandes grupos de trabalho logo foram criados. Em pouco tempo, centenas de homens estavam organizados ao longo da estrada, trabalhando desde o amanhecer ao anoitecer, normalmente com a respiração gelada e os corpos suados.

Oishi estava conferindo o progresso na estrada, naquela manhã do fim de março, quando Kataoka voltou para Ako, sem fôlego e sujo. A poeira se acumulava nas rugas de seu rosto e os olhos eram pequenos riscos vermelhos quando ele desceu do cavalo, quase aos pés de Oishi.

– Sinto muito – disse ele, encostando a cabeça na estrada de terra. – De algum modo, na estrada, não vi passarem os representantes do xógum. Eles já tinham saído de Edo quando cheguei lá.

Por um momento, Oishi sentiu uma pontada de desespero. A primeira pessoa em quem pensou foi na filhinha de Lorde Asano. Ele não sabia quais instruções o xógum poderia ter dado no caso dela. Sua mãe tinha sido proibida de se encontrar com qualquer membro do clã, mas isso também se aplicava à filha? Ele percebeu que o tempo estava acabando e perguntou a Kataoka, abruptamente:

– Por que Horibe não deu a notícia? Ele tinha que estar observando as saídas da cidade, não tinha?

– Eles saíram por outro caminho – respondeu Kataoka. – Você deve saber que, em Edo, todos são contra Kira, e o xógum, evidentemente, achou melhor manter a partida das tropas em segredo.

Oishi sentiu-se surpreso e satisfeito por saber que a opinião pública os favorecia, mas isso não mudou o fato de que os oficiais estavam prestes a confiscar o castelo.

– Você tem ideia de quando eles chegarão a Ako?

– Dentro de dois ou três dias – disse Kataoka, com sua melhor estimativa.

Oishi rapidamente começou a repassar, em sua mente, os planos de reforma do castelo, mas seus pensamentos foram interrompidos pelo comentário de Kataoka:

– Espero não ter excedido minha autoridade, Oishi-dono, mas, quando descobri que estava atrasado, procurei Daigaku Asano na casa de seu tio. Imaginei que eles pudessem ter alguma orientação a respeito da petição.

– É mesmo? – perguntou Oishi, com leve interesse.

– Eles a leram e demonstraram bastante irritação. Disseram que em nenhuma circunstância vocês deveriam resistir ao confisco do castelo. E mandaram uma carta.

Kataoka a tirou de sua proteção peitoral e a entregou com uma reverência respeitosa. Oishi pegou a carta e a abriu. Daigaku e Toda acreditavam que a ideia de uma petição era boa e que a maioria dos pedidos dele parecia muito razoável, apesar de terem certas objeções à referência de Oishi à dificuldade que ele estava enfrentando para controlar os homens, o que poderia ser interpretada como uma ameaça. No entanto, insistiram que o castelo fosse entregue de modo pacífico, mesmo que o pedido fosse recusado.

Oishi sorriu. Não se surpreendeu com o conteúdo da carta e Kataoka ficou aliviado ao ver que não seria repreendido por suas atitudes. Havia mais uma informação que Oishi queria muito saber, mas fez sua pergunta de modo muito casual.

– E Lorde Kira? Ele está se recuperando da ferida, imagino.

Kataoka olhou para ele rapidamente. Conhecia Oishi bem demais para pensar que suas perguntas fossem despropositadas.

– Horibe diz que ele está se recuperando. Temos um homem dia e noite perto da entrada do castelo e, quando Kira puder viajar, seremos informados.

Oishi manteve a mandíbula tensa ao visualizar Kira vivo e bem, comportando-se como se nada tivesse acontecido. Sentiu uma onda de fúria, mas controlou-se. Haveria tempo para lidar com Kira mais tarde. Enquanto ele permanecesse dentro do castelo do xógum, não havia mais nada a ser feito.

Mais tarde, na mesma sala onde ele havia recebido Hara naquela noite escura, quando seu mundo começou a ruir, Oishi repassou a situação com Yoshida. Disse ao mais velho que sentia a mente aliviada por ter escrito uma autorização para que o castelo ficasse com os homens do xógum, mas estava preocupado com Daigaku e a atitude de seu tio em relação aos problemas causados ao nome dos Asano. Eles pareciam não se preocupar com questões como justiça ou vingança e não mencionaram o nome de Kira uma vez sequer.

Yoshida assentiu.

– Compreendo sua preocupação, meu filho. Mas analise pelo ponto de vista deles. Eles se sentem tão próximos de um novo desastre, como perder a vida ou a propriedade, que não têm a menor vontade de analisar a tragédia que causou tudo isso. Mas, apesar de eles estarem na família, nós, aqui em Ako, somos os mais imediatamente afetados. Nós estamos prestes a perder nossa casa, não eles.

Oishi viu que ele provavelmente tinha razão e decidiu que, para o bem de todos, não envolveria Daigaku nem seu tio no plano de vingança prestes a ser formulado. Assim, poderia justificar qualquer ação violenta sabendo que eles continuariam livres de culpa, e Yoshida concordou que aquela era uma medida inteligente.

A próxima tarefa seria dar as ordens finais a seus homens. Quando todos estavam reunidos na frente do castelo de novo, Oishi leu a carta de Daigaku para eles e ficou deprimido ao ver tantos rostos desanimados entre os guerreiros. Era inegável que teriam de se entregar, a não ser que acontecesse um milagre em cima da hora, e aqueles homens eram práticos demais para acreditar em milagres. Oishi disse a eles que, ainda que os representantes do xógum que chegassem a Ako recebessem a petição de modo favorável, provavelmente não teriam autoridade para lidar com o assunto e precisariam deixar as decisões finais às pessoas de Edo. Então, não podiam fazer nada além de se prepararem para evacuar. Havia chegado a hora de pedir às famílias que começassem a embalar suas coisas, lembrando-se de que só poderiam levar o que conseguissem carregar com as próprias mãos. Oishi enfatizou que deveriam obedecer inteiramente a ordem do xógum para o confisco e que não poderiam fazer nada que comprometesse as chances de herança de Daigaku.

Agora, viria a tarefa de dividir os bens financeiros do clã.

Primeiro, foram feitas doações ao templo local para garantir que os túmulos dos ancestrais fossem bem cuidados. Em seguida, uma quantia representando o dote de viúva da Senhora Asano foi separada. Depois disso, o dinheiro em espécie do clã foi distribuído de modo justo entre servos e moradores. Até aquele momento, não havia reclamações a respeito de como as contas estavam sendo dirigidas, mas agora, olhando para Hara, Oishi propôs que a maior parte do que havia sobrado fosse reservada para “a reforma da casa dos Asano”. Como esperava, alguns homens cochicharam, incluindo Ono, que tinha mais idade e, conseqüentemente, mais participação do que a maioria deles, mas as objeções não ganharam força. Ali, ninguém era corajoso o bastante para se opor a uma divisão tão cuidadosa. O que restou, então, foi dividido entre os homens de acordo com suas classes e tempo de serviço. As quantias recebidas não foram grandes e todos perceberam que estavam enfrentando um momento econômico muito difícil, talvez até a pobreza.

Conforme todos, um a um, deram passos à frente para receber o que lhes era de direito, Oishi pensou o que aconteceria com eles. Agora, não mais seriam samurais, mas teriam o título malvisto de *ronins*. Seriam homens solitários, sem destaque ou prestígio, ainda com o privilégio de carregarem duas espadas compridas, mas sem qualquer causa justa pela qual lutar. Não era à toa que um *ronin* acabava entrando em um mau caminho, ele pensou. Alguns se tornavam pedintes ou sacerdotes, mas outros se tornavam mercenários profissionais, lutando por qualquer causa que pague dinheiro suficiente para merecer sua lealdade. Em alguns casos, não se tornavam nada além de criminosos comuns, usando sua esperteza nas artes militares para atacar os mais fracos, e Oishi percebeu que até mesmo os homens de Ako poderiam cometer os mesmos erros se ele não conseguisse mantê-los na linha.

Quando todas as partes foram distribuídas, Oishi sentiu que precisava proferir uma palavra final. Os homens terminaram de contar o dinheiro e lhe deram total atenção, muitos deles tentando imaginar se um dia voltariam a se encontrar. As palavras dele foram breves e diretas.

– Não importa o que façam ou aonde cheguem, lembrem-se de que, em minha mente e na mente de nosso falecido senhor, vocês sempre serão samurais da casa Asano. Por favor, comportem-se de modo a não trazer nada além de honra à memória desta casa. Sei que Lorde Asano está observando todos vocês o tempo todo, assim como sei que ele me observa. Por favor, deixem o espírito dele feliz... Não triste.

Fez-se silêncio por um momento e, então, os homens começaram a sair. A última reunião da qual eles participariam em Ako estava terminada.

– Aí vêm eles! – o guarda gritou no portão. A notícia foi rapidamente passada a Oishi, que terminou de comer o mingau de

arroz e correu para a torre do relógio com vista para a planície diante do castelo. Pela grande nuvem de poeira que vinha pela estrada, ficou claro que as tropas do xógum realmente haviam chegado.

Oishi deu as ordens necessárias: todos os homens com roupa de pré-batalha, todas as sentinelas totalmente guarnecidas, todos os cavalos disponíveis selados e prontos para partir. Ele próprio estava vestido para cavalgar, não para lutar, mas também usava um protetor peitoral grosso, com o grande brasão de ouro de Asano. Então, uniu-se aos outros cavaleiros atrás dos portões fechados, assumindo uma posição de onde era possível enxergar o exterior por uma abertura.

Liderando os soldados que avançavam a pé pela planície estava o representante do xógum, um homem de aparência distinta, na casa dos cinquenta anos, em cima de um cavalo bem cuidado, que ele fazia avançar em um passo firme e constante. Oishi sabia que, se os homens de Ako dessem qualquer sinal de resistência, o *daimyo* da região seria obrigado a colocar suas forças à disposição do xógum, mas naquele momento havia apenas um pequeno grupo de soldados a pé marchando em sua direção. Oishi admirou a aparência fria do líder daquele grupo.

O homem sobre o cavalo continuou a avançar, percebendo e apreciando a parte externa do castelo e suas redondezas. Ele já havia atravessado metade da planície quando seu segundo em comando, um dignitário nervoso e rechonchudo, que também estava montado em um cavalo, chamou sua atenção aos portões do castelo que agora estavam sendo lentamente abertos.

Quando o grupo de homens de Oishi apareceu na abertura, a respiração da tropa que se aproximava se tornou mais rápida, mas estes relaxaram de novo quando Oishi e seus homens se colocaram em formação, como se aguardassem tropas em um desfile. O líder das forças do xógum percebeu que seus cavalos também estavam bem-cuidados, mas concluiu que seu próprio grupo tampouco receberia a aprovação do xógum e tirou o assunto de sua mente quando os dois grupos se aproximaram.

– Bem-vindos ao castelo dos Asano – cumprimentou Oishi, com tom de voz formal. O representante do xógum parou e fez uma

reverência educada, agradecendo a gentil recepção. A tensão se desfez e o oficial rechonchudo secou a testa.

Aqueles movimentos mutuamente respeitosos estabeleceram o tom da relação que existiu durante os dias seguintes, enquanto as formalidades da transferência de posse ocorriam. O representante sênior, cujo nome era Araki, ficou claramente impressionado com a condição da propriedade, para a satisfação de Oishi, que também recebeu elogios pelos impecáveis guardas.

Na primeira oportunidade, quando o grupo de Edo já havia conseguido descansar depois da longa viagem, Oishi apresentou sua petição. Em seguida, contou a história do clã dos Asano desde o começo, quando serviram o primeiro xógum, Ieyasu, e concluiu dizendo que estavam dispostos a fazer qualquer sacrifício se Daigaku se tornasse sucessor do amado e falecido Lorde Asano, até mesmo cometer *seppuku* diante de seu túmulo.

Araki se impressionou com a sinceridade de Oishi e de seus homens, e prometeu ver o que poderia fazer por eles. Explicou que não podia dar qualquer garantia, mas que faria o que pudesse para que o pedido ganhasse atenção adequada na corte de Tsunayoshi. Chegou até a escrever uma recomendação pessoal e a enviá-la com a petição a Edo, por meio de um mensageiro especial.

Oishi sentiu-se motivado com isso e percebeu que poderia contar com Araki para dar prosseguimento ao assunto quando voltasse a Edo. Não havia motivos para duvidar das promessas feitas por um velho guerreiro a outro, e Oishi esperava que algo acabasse resultando da sua petição.

A inspeção do castelo e do território ao redor demorou cinco dias. Depois desse tempo, Araki declarou que, como representante oficial do xógum, ele estava certo de que a propriedade havia passado por um bom inventário e estava em boas condições. Sentia-se pronto para assumir sua posse.

Naquela noite, Oishi foi de novo a Kegaku-ji, o templo da família Asano. Ali, viu que muitos de seus homens tinham se reunido para dizer adeus aos túmulos dos ancestrais e uns aos outros. Oishi

conversou pessoalmente com cada um deles e pediu àqueles do grupo de voluntários que espalhassem a notícia de onde ele poderia ser encontrado, mas pediu também que ninguém tentasse localizá-lo durante um período de pelo menos dois meses, para que não suspeitassem da conspiração. Passou a mensagem sincera de esperança de que, por fim, a honra seria devolvida ao nome de seu senhor, ainda que, por dentro, ele sentisse certa incerteza a respeito da capacidade do grupo de se manter unido. Sabia que a separação poderia enfraquecer sua posição como líder e que a disciplina e a moral, por maiores que fossem agora, deteriorariam com o tempo.

Na manhã seguinte, às seis horas, os portões do castelo foram abertos e os homens de Araki entraram para trocar de lugar com a antiga guarda. Os homens de Ako e suas famílias saíram com os carrinhos de mão repletos de objetos pessoais e caminharam lentamente até a planície à frente do castelo. Oishi e Araki trocaram uma última palavra e, em seguida, os homens do xógum assumiram o local e o portão voltou a ser fechado.

Oishi e seus homens ficaram calados, mas olharam para trás pela última vez para o que já tinha sido sua fortaleza invencível, enquanto as mulheres continham o choro, como se esperava de esposas e filhas de samurais. E, então, um bebê começou a chorar, e para não terem de tolerar o intolerável, as famílias começaram a partir para todos os lados, dependendo de onde acreditavam que conseguiriam viver.

Oishi e sua família seguiram para a estrada principal que levava a Osaka e Kyoto, assim como a maioria dos outros, incluindo Hara, Kataoka e Mimura. Levava seu cavalo ao lado de um carrinho, dentro do qual havia uma alta pilha de móveis, e seu filho Chikara caminhava ao lado dele. Atrás, vinham a esposa e três filhos pequenos, vestindo roupas pesadas de viagem muito parecidas. Ninguém de fora teria como saber que uma das crianças era a filhinha de Lorde Asano, a quem Oishi prometera proteger com sua própria vida, se fosse preciso. Ele não quis deixá-la aos cuidados de nenhum outra pessoa nem mesmo durante o tempo em que

conversou com Araki, preferindo correr o risco e a responsabilidade sozinho.

Ele não tinha como saber quais eram as ordens do xógum em relação à criança e preferia deixar Araki pensando que ela estava com a mãe, a quem Oishi pretendia entregá-la no momento certo.

Quando o castelo desapareceu à luz fraca atrás deles, Oishi olhou para trás, para a menininha, e viu que ela tinha os olhos secos, apesar de ter tomado conhecimento da morte do pai e do exílio da mãe. Ficou impressionado com o autocontrole da menina, digno de uma filha de samurai, e torceu para que, no futuro incerto que os aguardava, ela pudesse continuar se curvando como um salgueiro aos ventos do destino.



Kyoto foi tomada por grandes inundações naquela primavera, o que tornou o primeiro movimento de Oishi ainda mais difícil. O rio Kamo, que percorria a parte central da cidade, transbordou em quase cem pontos, espalhando morte e destruição. A maioria das pontes foram derrubadas, e atravessar a área levando uma criança pequena não era tarefa fácil. A única vantagem é que tais condições também dificultavam a presença de espiões de Edo.

Oishi havia levado a filhinha de Lorde Asano para lá para encontrar um lar adequado, onde ela pudesse ser criada como um membro da família. Mais tarde, se ela não pudesse ser devolvida à mãe, a adoção poderia se tornar permanente. O importante era que ninguém soubesse que tratava-se de uma Asano, para que não caísse nas mãos do xógum e se tornasse refém.

Kyoto ainda era a capital religiosa do Japão, e quase meio milhão de seus habitantes eram sacerdotes de algum tipo. Apesar de a influência do budismo ter perdido força, ainda havia templos em todas as partes, sem falar do grande número de “homens santos” que haviam determinado o próprio sacerdócio e vagavam pelas ruas

vestidos de acordo com suas manias. No que tangia aos negócios, Kyoto não podia ser comparada a Osaka, cidade próxima, nem em tamanho nem em capacidade, mas, sim, como um local de prazer sem concorrentes. Havia três enormes áreas de gueixas, incluindo a região de Gion, e os executivos de Osaka e de outras cidades próximas mantinham os locais em constante atividade.

Para Oishi, no entanto, a principal atração em Kyoto não eram os aspectos espirituais nem recreacionais. Ele havia chegado ali porque era a residência do Imperador Higashiyama e sua corte, acreditando que seria na casa de um de seus cortesãos imperiais que sua jovem protegida estaria em segurança. Sabia-se que o xógum desejava manter a divindade do imperador sem qualquer mácula que pudesse ser causada pelos problemas mundanos do governo, e, assim, ele havia separado as duas capitais. Havia um acordo não expressado que fazia com que o xógum se mantivesse longe da pequena propriedade isolada do imperador e não fizesse nada que pudesse ofender sua corte. Se a filha de Lorde Asano ficasse sob a proteção de um cortesão do imperador, Oishi acreditava que poderia ficar tranquilo sabendo que ela estaria protegida até mesmo do próprio xógum.

O caso dos Asano já era bem conhecido por todo o Japão, e muito era comentado até a respeito de Oishi. Felizmente, poucos o conheciam de vista e, vestindo-se como um morador comum, ele podia ir e vir sem chamar muita atenção. Permanecia distante da própria família para evitar exposição a espiões, mas, conforme o tempo passava e ele não conseguia encontrar um lar adotivo para a menina, sentia-se cada vez mais tentado a desistir de sua busca e ir para casa.

Os candidatos de sua lista de pais adotivos foram eliminados um a um, pois encontravam uma desculpa ou outra para recusar o pedido de Oishi. Alguns dos motivos dados eram, sem dúvida, sinceros, como falta de recursos materiais, mas outros ele acreditava serem motivados pelo medo de se envolver com uma família cujo nome era coberto por uma sombra. Com todas essas perspectivas, Oishi tomou o cuidado de cobrir o rosto da menininha com um véu para

que a família que a aceitasse não ficasse embaraçada em futuros encontros com cortesãos que pudessem se lembrar dela.

Já estava quase desesperado, quando foi direcionado por parentes à casa de certo nobre de classe samurai que já tinha sido amigo do falecido Lorde Asano. As qualificações do homem eram excelentes: ele pertencia a uma classe importante na corte, possuía recursos financeiros para sustentar a garota adequadamente e tinha vários filhos seus. O samurai prometeu discutir o assunto com a esposa e encontrar Oishi e a menina no dia seguinte.

No horário combinado, chegaram à casa perto do Palácio do Imperador, e Oishi deixou a menina no corredor de entrada quando entrou para discutir seu futuro. Ficou desconcertado quando o casal pediu para ver a criança, mas hesitou apenas por um momento, e então a chamou e pediu que ela tirasse o lenço da cabeça. Vestindo seu kimono mais bonito, ela estava tão bela que a família a aceitou sem pestanejar, insistindo que Oishi já poderia dar sua busca por encerrada. Eles a integrariam à sua família como uma “prima do interior”, e ninguém jamais desconfiaria.

Oishi ficou satisfeito, acreditando que não poderia ter encontrado casa melhor onde deixá-la, mas o momento da despedida não foi fácil. O casal que a estava adotando se retirou para que eles pudessem se despedir com privacidade, mas, quando ficaram sozinhos, Oishi e a garota repentinamente ficaram em silêncio ao perceberem que aquela seria a última vez que se veriam. Ela deu as costas para ele, mas Oishi viu as lágrimas que ela tentava esconder.

– As abelhas picam o rosto de quem chora – disse ele do modo mais suave que conseguiu, e a menininha bravamente tentou sorrir.

– Tio... Tio, por favor, mande lembranças à minha mãe.

Então, ela começou a chorar e lançou-se nos braços dele. Ele a consolou, garantindo que entregaria sua mensagem e, então, fez com que ela lembrasse que, por ser a filha de um samurai, deveria ter mais controle de suas emoções. Ele era como um parente de sangue e não se importava em vê-la chorar, mas os outros, os membros de sua nova família, não mereciam ter de lidar com os

problemas dela, além dos deles também. Aquilo fazia parte da obrigação que ela tinha pela gentileza deles.

Ela parou de chorar e o soltou. Deu um passo para trás e secou os olhos, e então forçou um sorrisinho.

– Farei o que o senhor diz, tio – e fez uma reverência delicada. – Farei isso pelo senhor.

– Pela sua família, menina – disse ele abruptamente. – Permita que todas as suas atitudes sejam guiadas pela honra do nome dos Asano.

Então, ele fez uma reverência rápida, virou-se e saiu pela porta. Sabia que devia sentir um pouco de satisfação por ter se saído tão bem, mas só sentiu mais tristeza dentro de si ao voltar para sua esposa e filhos.

Os parentes da região haviam conseguido uma casa para Oishi e sua família em Yamashina, um vilarejo a alguns quilômetros a leste de Kyoto. O local parecera ideal devido à proximidade com Kyoto e Osaka, onde a maior parte do grupo estava, e por estar mais perto de Edo do que as duas. A casa em si era velha, mas tinha aparência confortável. Oishi percebeu isso ao se aproximar dela pela primeira vez, e tinha certeza de que poderia fazer os reparos em pouco tempo. Ao redor da propriedade havia um muro de pedras, com uma cerca de madeira maciça sobre ele. Dos dois lados do portão pesado de madeira, uma parede de gesso se estendia por uma distância curta, com uma comprida janela com barras de madeira. Não havia guardas nos portões e o muro não oferecia proteção contra um ataque forte, mas possibilitava um pouco de privacidade.

Depois que ele cumprimentou sua família e o jovem Mimura, que seria seu empregado, Oishi caminhou pela casa e ficou feliz por ver tantos cômodos de vários tamanhos, ligados por corredores estreitos e tortos. Sentiu um pouco da atmosfera que havia no castelo que

eles deixaram em Ako e o local, imediatamente, passou a parecer seu lar. Percebeu que o telhado pesado vergava um pouco nos pontos de ligação e que havia manchas no gesso aqui e ali, mas um reforço nas paredes deixariam as coisas melhores e, de modo geral, ele se sentiu grato aos parentes por terem conseguido um local como aquele. Oishi preferia acreditar que eles o tinham feito por meios lícitos, com o dinheiro que ele havia dado a eles, apesar de não confiar em ardilosos como Shindo, de nariz afilado, e Koyama, de olhar inocente, seus primos em Kyoto.

Ficou surpreso ao descobrir que havia recebido mensagens de diversos *daimyo* importantes, que queriam dar a ele a função de servo principal, mas sua dedicação à casa dos Asano nunca tinha sido tão forte quanto era naquele momento, e Oishi respondeu recusando de modo educado, dizendo que sua saúde não estava muito boa e que não seria capaz de assumir as tarefas em tempo integral, por enquanto. A verdade era que ele sentia, sim, uma dor constante no estômago, causada pelo desgaste ao qual vinha sendo submetido desde a morte de Lorde Asano, mas, para a família, dizia não se tratar de nada sério, apenas um desconforto da alma que desapareceria quando a petição fosse aceita.

O primeiro visitante da casa nova foi Kataoka. Ele estivera em Osaka com Hara e estava feliz em poder dizer que seu velho e corajoso amigo havia conseguido emprego como instrutor de arco e flecha dos moradores e que, assim, poderia se manter em forma para os combates.

Mas Kataoka ficou abismado ao ver que Oishi não estava contente com a notícia. Pensar em seu melhor guerreiro ensinando aos moradores uma das artes que, antigamente, eram reservadas à classe samurai não lhe agradou, apesar de ele saber que estava sendo tolo. Tentou convencer a si mesmo de que seria para o bem de todos, mas ficou chocado ao saber que Hara deixara de ser um guerreiro para se tornar um professor.

Kataoka rapidamente compreendeu os sentimentos dele e evitou mencionar a nova ocupação de Hara a partir daquele momento. Ajudou Oishi a organizar um grupo de trabalhadores para

começarem os concertos na casa e, durante vários dias, ocuparam-se planejando e supervisionando as atividades. Tiveram cuidado ao contratar os homens, perguntando sobre a experiência que tinham e de onde vinham, esperando que pudessem conter espiões de Edo, mas sempre havia a possibilidade de algum deles ter passado despercebido. Por esse motivo, Kataoka manteve-se atento sobre suas idas e vindas, fazendo um relatório a Oishi todos os dias.

Certa noite, depois de os trabalhadores terem saído, Kataoka apareceu diante do líder com um olhar de preocupação em seu mirrado rosto. Nos últimos dois dias, ele havia notado um *komuso* tocando flauta, um sacerdote itinerante, de pé do outro lado da estrada, de frente para a casa e, naquele instante, espiando pelo buraco longo e estreito na parede, viu um dos trabalhadores trocar palavras com ele. O aspecto suspeito daquele encontro foi o sacerdote tê-lo afastado, tirado de vista em vez de apenas aceitar uma doação. Oishi estava pensativo quando Kataoka o levou para fora, para o muro, e mostrou que o “sacerdote” havia retornado. Como todos os outros da classe de *komuso*, ele usava um cesto de junco na cabeça para preservar sua identidade. Era o disfarce perfeito para um espião, se realmente aquela fosse sua ocupação.

Oishi tinha de admitir que o homem estava agindo de modo suspeito, mas não sabia que atitude tomar além de observar quais trabalhadores pareciam ter qualquer ligação com ele e se livrar destes com uma desculpa qualquer. Pensando no fato de que uma palavra proferida não tem mais volta, a partir daquele momento, Oishi e Kataoka mal conversavam com medo de revelar algo. Ainda que não houvesse espiões, tampouco seria interessante atrair a atenção de ladrões. Afinal, o baú contendo o dinheiro para a “reforma da casa dos Asano” estava na casa, e não ousariam colocá-lo em risco de forma alguma.

No dia 14 de agosto, com espiões ou sem espiões, Oishi decidiu visitar o Templo Reikoin na parte norte de Kyoto. Já fazia cinco meses desde o dia da morte de Lorde Asano e, como os outros membros do clã dos Asano tinham sido enterrados ali, parecia o local mais adequado para reflexão. Além disso, Oishi havia combinado,

antes de deixar Ako, que ele se encontraria ali com seguidores que pudessem estar na região de Kyoto naquele momento.

Chegou cedo no templo, que ficava em uma mata fechada, e, enquanto Kataoka permanecia na entrada para guiar os outros até ele, Oishi se pôs de pé entre os túmulos dos Asano para entrar em comunhão, mais uma vez, com o espírito do lorde. Respeitosamente, contou tudo o que havia acontecido até ali, incluindo a família que encontrara para a menina e a petição. Imaginou que o espírito de Lorde Asano ficaria mais tranquilo, agora que sua filha estava em segurança. Porém, os problemas básicos persistiam, e Oishi permanecia determinado a dar paz à alma de seu mestre.

Quando os outros chegaram, Oishi os cumprimentou de modo caloroso. Estava feliz por ver a maioria dos 62 que haviam prometido lealdade, mas controlou seus comentários a respeito do dia da morte e não fez qualquer referência a planos futuros. Pediu a eles que o encontrassem ali todos os meses, para que não perdessem contato uns com os outros. Despediu-se pessoalmente de todos os presentes, tentando solidificar o senso de propósito que todos deviam sentir, se quisessem ser bem-sucedidos. Então, os homens saíram em grupos de dois ou três até restarem apenas Oishi e Kataoka. Já era tarde quando estes saíram pelo portão do templo, e ficaram assustados ao ver que um sacerdote, com um cesto na cabeça, os observava do outro lado da estrada.

– Pode ser apenas uma coincidência – Oishi sussurrou. Afinal, havia dezenas de homens como aquele em Kyoto. No entanto, observando os olhos de Kataoka se estreitarem de modo ameaçador, ele o pegou pela mão e o levou para longe. Não era hora de fazer escândalo.

– Vou em frente – Oishi murmurou ao ouvido de seu companheiro.
– Você deve esperar para ver se serei seguido, e me encontre na casa.

Kataoka assentiu e eles se separaram. Agora, descobririam a verdade a respeito do homem do cesto. Tomando um caminho em zigue-zague, Oishi fez uma curva que levava por um dos principais centros de diversão e prazer. Foi uma experiência chocante. Aqueles

lugares eram mundos que despertavam à tarde e só ganhavam vida quando o sol se punha e as enormes lanternas vermelhas eram acesas nas ruas estreitas. As mais aparentes eram as casas comuns de prostituição, identificadas pela “garota-recepcionista” solitária que esperava na porta para receber os clientes. Uma menina naquela função normalmente estava sendo punida pelo dono da casa por alguma atitude inadequada, e era obrigada a se deitar com quem perguntasse o que eles tinham de mais barato. O mesmo sistema era empregado em todo o país, e Oishi já estava acostumado a ver aquela cena em suas andanças pela cidade de Ako.

Mais para dentro, havia coisas que ele nunca sonhara existir. Havia descoberto, por acaso, os palácios de prazer lindamente construídos e decorados pelos quais Kyoto era conhecida: as casas de gueixas de Gion. Ali, à beira do rio Kamo, ficavam os pontos mais animados de toda a região, e Oishi sentiu-se apreensivo ao passar pelos muros misteriosos e pelas entradas de luz forte, tão diferentes das coisas que conhecia. Mas sua impressão mais vívida e repugnante de Gion foi causada pelo comportamento reprovável de alguns samurais. Eles faziam barulho, andavam bêbados e arrumando brigas nas ruas, e Oishi precisava se controlar para não empunhar sua espada e ensinar bons modos a eles. No entanto, sabia que, se estivesse sendo vigiado e fosse flagrado naquela atitude, seus inimigos teriam certeza de que ele estava longe de resignar-se com a aposentadoria. Com amargura, manteve a mandíbula tensa e continuou caminhando, apesar de, por dentro, amaldiçoar a fraqueza que havia tomado os homens de sua classe e as tentações da cidade às quais, aparentemente, não conseguiam resistir.

Quando voltou à casa, esperou brevemente pela chegada de Kataoka. Oishi realmente tinha sido seguido, e o “sacerdote” mais uma vez assumira sua posição em frente à propriedade. Oishi sentiu certo desânimo quando saíram para observar o homem pela abertura na parede e especular sobre suas intenções. Independentemente de quais fossem, o “sacerdote” percebera que havia ocorrido uma reunião no Templo Reikoin, e falaria sobre isso a seus superiores.

Enquanto o observavam, outro *komuso*, vestido de modo idêntico, tomou o lugar do primeiro homem. Estava na hora, obviamente, da mudança de guarda, e Kataoka pediu a Oishi que lhe desse permissão para seguir o primeiro homem, de modo que pudessem conhecer as identidades de seus inimigos.

– Se conhecermos os rostos deles, Oishi-dono, nós os identificaremos sem seus disfarces. Caso contrário, permaneceremos no escuro.

– Bem, então, vá. Mas prometa que não agirá sozinho. Qualquer atitude exagerada contra um espião será relatada a Edo, e as medidas que poderiam ser tomadas contra nós acabariam com nossas chances de surpreender Kira.

Kataoka prometeu e entraram em casa, e ele, o homem com cara de macaco, vestiu uma capa escura e saiu por uma porta dos fundos. Deu a volta na casa, saindo na estrada em um ponto fora da vista do homem em guarda. O primeiro espião tinha uma certa dianteira, mas havia apenas uma estrada de Yamashina a Kyoto, e Kataoka não teve dificuldades em seguir pelo caminho à luz da lua.

Por fim, precisou percorrer apenas uma curta distância. O homem estava hospedado em uma pensão às margens de Kyoto, e Kataoka respirou fundo enquanto o observava tirando o cesto que lhe cobria a cabeça e colocando-o, juntamente com a flauta comprida de madeira, nos arbustos do lado de fora. Ninguém do lado de dentro seria capaz de identificá-lo como um sacerdote no caso de serem feitas perguntas.

O homem, que era alto e magro e tinha a expressão alheia como a de um samurai, entrou rapidamente na pensão. Kataoka se aproximou o máximo que pôde para observar e escutar. Felizmente, era uma noite quente, e os *shoji* estavam abertos em todas as partes da construção. Ele viu o homem desaparecer escada acima e correu a um jardim lateral para vê-lo entrar em um quarto do segundo andar. Kataoka, que se parecia com um macaco em mais de um aspecto, subiu no telhado de uma casa ao lado, do qual pôde saltar discretamente para o canto de uma pequena varanda. Havia outros dois homens presentes, e ele prendeu a respiração enquanto

observava as sombras moverem-se na varanda ao lado. O magro que ele havia seguido não perdeu tempo contando aos outros a respeito das atividades de Oishi. Tinha uma voz grossa e reverberante que Kataoka tentou identificar, sem sucesso. Ficou impressionado com a minúcia demonstrada por ele, que até sabia os nomes de todos os que haviam se reunido no tempo. Também disse que poderia ter sido flagrado como espião, por causa do caminho tomado por Oishi depois de sair do templo, mas não acreditava que isso fosse lhe causar qualquer problema. Se os ex-seguidores de Asano soubessem que estavam sendo observados, seria mais uma razão para pensar que eles não se comportariam mal.

O espião deixou de lado a batina e tirou seu *haori*. Enquanto procurava um lugar onde pudesse pendurá-lo, disse aos outros que enviaria um bilhete a Edo, por meio do mensageiro, naquela noite. A reunião no Templo Reikoin era a primeira coisa tangível que tinha a relatar em todas as semanas que passara observando Oishi, e estava ansioso para que seus superiores recebessem a mensagem logo. Então, caminhou até a varanda e jogou a roupa na grade, quase no rosto de Kataoka. O homem com cara de macaco ficou paralisado quando os pés do magro quase resvalaram os seus, mas permaneceu invisível nas sombras. O espião voltou para o quarto sem notá-lo.

Os outros agora começaram a comentar sobre o relatório e, pelas vozes, Kataoka pôde identificar um deles como um empregado da casa de Oishi. O outro homem era desconhecido, mas era claro que os dois estavam a serviço do homem alto e magro. Concluindo já ter ouvido o bastante, Kataoka ficou de pé para saltar da varanda quando percebeu a estampa no *haori* que estava pendurado na grade. Suspirou surpreso, e então se controlou e pulou discretamente para o chão.

– Era o brasão dos Uesugi – disse ele, sussurrando as palavras quando Oishi permitiu sua entrada pela porta de trás. – Uesugi de Yonezawa. Você sabe, o clã, eles são conhecidos pelos hábeis arqueiros!

Oishi franziu o cenho.

– Uesugi... Sim. E o neto de nosso inimigo Kira foi adotado pelos Uesugi não faz muito tempo... Horibe mencionou o fato em um de seus relatórios. O conselheiro daquela casa, Chisaka, é muito astuto, pelo que eu soube. Não era o nome do homem que você viu ontem, era?

– Não, os outros o chamavam de Fujii.

– Ele deve ser um espião profissional. Chisaka só contrataria os melhores.

– Mas por que Chisaka se preocuparia tanto com as questões de Kira apenas porque seu filho está na família agora? Temos que considerar os arqueiros de Uesugi também?

Oishi estava pensativo.

– Pode ser. Mas acredito que Chisaka esteja tentando evitar qualquer tipo de conflito. Ele provavelmente acredita que, se Kira fosse atacado e morto, isso teria consequências para seu próprio mestre, Lorde Uesugi, e ele está, assim, tomando todas as precauções para que isso não aconteça.

Kataoka assentiu. Aquilo fazia total sentido; os gastos com espiões valiam a pena se o mestre de Chisaka ficasse tranquilo.

– Mas e as reuniões? Teremos de evitar contato com nossos homens a partir de agora?

– Não podemos fazer isso – disse Oishi com firmeza. – Só podemos esperar que nossas reuniões sejam vistas como rituais honrando nosso falecido mestre. Se nos separássemos dos homens de Ako agora, destruiríamos qualquer chance de conseguir ação unificada mais tarde.

Kataoka aceitou, mas ainda continuava com ar de desconforto. Oishi percebeu e perguntou o que ainda o perturbava.

– Foi o terceiro homem na sala – disse ele. – Receio ser alguém em quem pensávamos poder confiar.

Oishi sentiu-se mal ao imaginar um de seus homens se aproximando do inimigo, mas Kataoka rapidamente percebeu a impressão que havia passado e se apressou em corrigi-la.

– Não, não, não me referia a um de nós. Mas é alguém de sua família: o cozinheiro que lhe foi recomendado por seu primo Shindo!

– Um pássaro voando perto de nossos pés... – Oishi disse baixinho, e franziu o cenho ao pensar que nem mesmo sua casa era segura.

– Sei que você admira o trabalho dele; será muito ruim ter de dispensar seus préstimos.

Kataoka finalizou acariciando o cabo da espada em um gesto óbvio, mas Oishi levantou a mão.

– Não, você é tão mau quanto Hara. Quer partir para a ação, o que só nos trará mais problemas. Que sinal poderia ser mais forte para nossos inimigos de que estamos nos armando contra eles se matarmos seu espião? Não, manteremos esse homem no posto e o usaremos para os nossos propósitos. Se chegar um momento em que quisermos que informações falsas circulem, saberemos exatamente onde espalhá-las.

– Excelente – disse Kataoka, admirado. – Mas devemos alertar a todos, para que permaneçam atentos. Sua esposa e filhos devem saber que tipo de coisa estamos escondendo na cozinha.

Oishi pensou por um momento.

– Não, acho que não. Confio que eles não contarão nada que não devem contar, mesmo agora. Se começarem a agir de modo estranho na presença do cozinheiro, ele vai suspeitar que sabemos sobre ele e não terá muita serventia para nós. Ele precisa acreditar que não sabemos de nada. Não concorda que assim é melhor?

Kataoka assentiu com relutância, mas ainda parecia contrariado.

– O que foi agora? – perguntou Oishi.

– Gostaria de não saber sobre ele.

– E por quê?

– Porque agora não terei apetite, sabendo que ele fez a comida.

Oishi riu.

– Então, talvez não coma tanto e pare de engordar.

Kataoka fez uma cara séria, mas estava alegre por dentro. Ele havia feito Oishi sorrir pela primeira vez desde que tinham deixado Ako e sentia que aquilo era um grande avanço, naquelas circunstâncias.

No dia seguinte, chegaram duas mensagens de Edo que acabaram com toda a alegria. A primeira era de Araki, que estava de volta à cidade. Ele havia, pessoalmente, chamado os conselheiros do xógum para pedir a eles que considerassem de modo especial a petição de Oishi, mas disse com franqueza que havia pouca esperança.

A segunda mensagem era de Horibe, o líder do grupo de Edo, e exigia que uma atitude urgente fosse tomada contra Kira.

Oishi sentiu uma dor aguda na lateral de seu corpo ao ler a mensagem. Tinha certeza de que seus homens em Edo estavam sob vigilância constante por parte dos espões de Chisaka, e sabia que um ataque, naquele momento, poderia fracassar, mas sentiu-se impotente ao explicar isso a Horibe a uma distância tão grande. Estava sendo observado e, por isso, não podia ir a Edo pessoalmente. Contudo, de alguma maneira, Horibe, um jovem impetuoso, precisava entender que tinham de esperar pelos resultados da petição. Finalmente, decidiu que o melhor a fazer era mandar Hara, que saberia conversar com seus antigos companheiros de maneira mais efetiva que qualquer outra pessoa. Assim, pediu a Kataoka que fizesse algo muito além de sua obrigação e assumisse as aulas de tiro com arco em Osaka. Kataoka concordou com um sorriso, e Hara foi a Yamashina para tomar conhecimento dos assuntos de Oishi antes de partir para Edo. Também foi alertado para que ficasse atento a qualquer desconhecido alto e magro com voz grossa.

As semanas seguintes foram marcadas pela ansiedade. Apesar da opinião de Hara a respeito do que deveria ser feito com Kira, Oishi confiava que seu antigo guerreiro representaria de modo adequado a opinião de seu líder ao lidar com Horibe. Nisso, Oishi não estava enganado, mas, infelizmente, Hara não pôde convencer o jovem samurai em Edo de que esperar seria a melhor solução. Eles já estavam sem paciência devido aos comentários diários a respeito de Kira e ansiosos para agir sem demora. Assim, Hara escreveu que, apesar de todos os bons motivos pelos quais Oishi não deveria ir a Edo, a situação era tão séria que seria melhor que ele fizesse a viagem mesmo assim.

A mensagem deixou Oishi muito irritado. Ele estava seriamente preocupado que o grupo de Edo resolvesse agir sozinho e finalmente decidiu, depois de afirmar que Hara era um tolo, que seu raciocínio estava correto e que quanto mais cedo ele partisse, melhor. Havia outras coisas das quais ele poderia cuidar em Edo, então, de qualquer modo, a viagem não seria um desperdício.



Como ajudantes na viagem, Oishi decidiu levar Shindo e Koyama, seus parentes de Kyoto. Nenhum dos dois lhe agradava como companhia, mas, como não eram ex-servos de Lorde Asano, uma visita a Edo com eles tinha menos chance de ser vista como um ato de guerra. Além disso, apesar de terem jurado se unir à causa, Oishi sentia que os dois não eram suficientemente dedicados, e que a exposição ao grupo mais entusiasmado de Edo poderia aumentar seu senso de propósito.

Seguiram por Tokaido, a estrada para o mar ocidental, no fim de outubro, uma época em que os montes estavam tomados por cores fortes do outono e os dias haviam se tornado frescos o bastante para que o clima na longa jornada fosse confortável.

Ainda era difícil para Oishi permanecer o dia todo sentado sobre uma pilha de roupas de cama acomodada sobre uma sela, com as pernas cruzadas ou estiradas nas laterais do pescoço do cavalo na abertura entre as cargas, de ambos os lados. O ritmo era lento, e Oishi e seus companheiros se balançavam sem parar para a frente e para trás sob os amplos chapéus de palha. Não tentaram se

disfarçar, pois isso passaria uma impressão de segredo que eles pretendiam evitar.

Havia 53 postos de controle, ou barreiras, entre Kyoto e Edo, e as divisões eram marcadas por pequenos montes com árvores. A sombra era produzida por fileiras retas de pinheiros plantados nos dois lados da comprida estrada de mão dupla. Havia também taperas de galhos e de folhas verdes a cada duas ou três divisões, onde os viajantes podiam se aliviar em receptáculos especiais de modo que os excrementos pudessem ser usados pelos camponeses da região como adubo. Oishi ficou abismado ao ver que muitos dos recipientes não eram esvaziados havia algum tempo, e que fezes de cavalos também haviam permanecido no caminho. Ficou claro que muitos camponeses pelo caminho tinham desistido da luta contra um verdadeiro exército de pestes, que eles não podiam combater de modo eficiente.

As cidades pelas quais passavam eram muito parecidas. Não havia muros nem fosso cercando-as, mas normalmente erguiam-se grandes portões de madeira nos extremos de cada cidade, com uma parte de muro estendendo-se por uma distância curta de ambos os lados. Alguns dos vilarejos eram apenas uma rua comprida com poucas lojas. As estruturas eram baixas, com telhado de palha e abertas para a rua, com fileiras de cordas de palha penduradas para impedir que as pessoas que passassem olhassem para dentro. Ao lado da entrada, normalmente havia uma figura do deus da casa, normalmente um dragão ou um demônio.

As ruas das cidades estavam sempre cheias e barulhentas, e Oishi e seu grupo foram amolados por muitos pedintes, como nunca acontecera. Vendedores de diversas mercadorias gritavam enquanto passavam, e havia inúmeros cortejos funerários com pessoas cantando alto e chorando ao lado dos sacerdotes e parentes dos falecidos. As donas e as funcionárias dos bordéis também gritavam para que os viajantes parassem para se divertir. Oishi manteve o olhar firme para a frente, e seus companheiros eram obrigados a fazer a mesma coisa, pelo menos durante o dia.

Quando a noite chegou, Oishi procurou uma pensão discreta às margens da cidade, onde esperava ter uma boa noite de descanso, mas, nesse ponto, acabou ficando decepcionado. Ali, também, companhia feminina estava disponível para quem quisesse. O mercado estava repleto de filhas de camponeses, e elas tinham se mudado até para aquelas que haviam sido pensões e hospedarias de respeito.

Para Oishi, visitar Edo, onde seu mestre estava enterrado, tinha um caráter de peregrinação religiosa. Para seus companheiros, no entanto, era apenas uma viagem, e eles o mantinham acordado durante metade da noite com suas festas regadas à bebida.

Certa manhã, Oishi foi despertado pelos gritos de uma mulher e saiu à procura de sua espada antes de perceber que o grito se tornou um riso, entendendo, então, que a festa havia começado de novo. Balançou a cabeça, irritado, e decidiu que estava na hora de ensinar uma lição a seus companheiros, algo de que nunca mais se esquecessem.

Haviam saído de Yamashina fazia pouco tempo quando ficou claro para Oishi que estavam sendo seguidos. Um certo samurai alto e magro e seu companheiro apareceram atrás deles na estrada e paravam sempre que seu grupo parava. Sem dúvida, era Fujii, como Kataoka o descrevera. A princípio, Oishi decidiu não falar sobre o assunto com Shindo e Koyama, que pareciam totalmente alheios ao que estava acontecendo, mas suas comemorações infundáveis fizeram com que ele mudasse de ideia.

Naquela manhã na estrada, Oishi diminuiu a distância entre seu grupo e o espião Fujii que os seguia. Então, escolheu uma pensão para o almoço, em um local onde seria impraticável para aqueles que os seguiam voltar ou seguir em frente a fim de procurar outro lugar para comer. Assim, os dois grupos sentaram-se lado a lado na mesma varanda, aberta de frente para a estrada, em direção aos montes vermelhos e amarelos. Shindo e Koyama estavam admirando a paisagem e aproveitando a refeição, e já faziam planos para mais uma noite repleta de diversão quando Oishi ficou de pé, pediu licença dizendo que ia ao banheiro. Quando passou por Fujii,

no entanto, tropeçou de propósito e caiu em cima do espião assustado. Fujii ficou de pé, xingando com a voz rouca, e desembainhou a espada em um só movimento. Permaneceu olhando ameaçadoramente para Oishi, que se desculpava, até desconfiar de que a queda não tinha sido acidental. Então, sorriu se desculpando e se sentou. Sentiu-se desapontado porque sua função de espião fora descoberta, mas sabia que havia maneiras de usar a nova situação a seu favor.

Shindo e Koyama viram o brasão na espada do homem magro. Era, com certeza, a marca da casa dos Uesugi, e eles perderam o apetite ao vê-la. Os dois se lembraram de ter visto aquele homem na estrada atrás deles desde que saíram de Yamashina, e perceberam a situação difícil em que estavam. Na visão dos inimigos de Oishi, eles agora eram seus colaboradores, independentemente das consequências, e suas atitudes se tornaram mais sóbrias e silenciosas.

Em outra manhã, quando estavam na metade do caminho, Oishi teve outra oportunidade de lhes ensinar uma lição. Foram a uma cidade, como as outras, mas, aproximando-se pelo lado oeste, passaram pelo local onde ocorriam as execuções, recentemente reativado. O corpo de um prisioneiro era uma imagem terrível à luz do sol, preso a uma cruz de madeira, com lanças fincadas no corpo.

– Pelo visto, o *eta* ainda tem trabalho, mesmo que não seja mais permitido curtir couro – disse Oishi, fazendo uma piada sobre os párias da sociedade que só podiam trabalhar como curtidores de couro ou executores.

Seus companheiros umedeceram os lábios e permaneceram em silêncio enquanto Oishi guiava seu cavalo para mais perto do cadáver.

– “Executado por falsificação” – ele leu em um cartaz. – Bem, isso não é incomum hoje em dia. Se o governo não para de depreciar nossa moeda, você acaba encontrando aqueles dispostos a se arriscar e desafiar as ordens do xógum.

Shindo e Koyama murmuraram algo um ao outro e Oishi enfatizou sua opinião a respeito das consequências dos atos ilegais.

– Se matar uma raposa, um cachorro ou um homem, a pena é a mesma para todos os crimes, independentemente da gravidade.

Shindo, com a mandíbula tensa, contraiu os lábios e Koyama entreabriu a boca mais do que o normal enquanto seguiam adiante.

Sabiam o que Oishi estava dizendo: que destino semelhante teriam aqueles que imitassem o ato e se vingassem de modo ilegal. Oishi não queria desanimá-los, mas, ao mesmo tempo, queria que percebessem o que os aguardava. Se não estivessem interessados naquilo, quanto mais cedo descobrissem e deixassem o grupo, melhor.

A viagem prosseguiu, passando por *tera* budistas (templos), com os ídolos entalhados e o cheiro de velas aromáticas, por *miya* menores em Shinto (pequenos relicários), pelos lindos *torii* (portais decorados). Também havia imagens de pedra de Jizo pelo caminho. Acima dos rios que não eram muito caudalosos nem alteravam seu curso radicalmente a cada estação, pontes de cedro, com grades. Sobre outros, dos quais as pontes foram derrubadas, era preciso pegar as barcas; para atravessar o rio Oigawa entre Totomi e Suruga, ao se aproximarem de Edo, era preciso atravessar à pé, na água, pois não havia pontes nem barcos disponíveis.

Viram o monte Fuji à frente e, então, o observaram mover-se lentamente à esquerda à medida que se aproximaram da planície Kanto, na qual Edo se localizava. A última etapa da viagem era por Hakone, onde a paisagem de outono era maravilhosa e a vista de Fuji incomparável, mas os viajantes estavam muito preocupados com seus próprios problemas para apreciarem a cena. Por maior que fosse sua beleza, o caçador de veados nunca vê as montanhas.

* * *

Em Edo, a boca de Kira ficou seca de medo quando soube que Oishi estava a caminho. Foi ao castelo de Uesugi para ver Chisaka, cujo mensageiro havia trazido as más notícias.

– Ah, Chisaka-san, você está bem – começou Kira, com um sorriso forçado que deixava à mostra seus dentes escurecidos.

– E o senhor também, Lorde Kira – respondeu o conselheiro calvo e suado. – Mas há boatos de que está pensando em se aposentar em razão de sua saúde debilitada. Isso é verdade?

Kira remexeu-se incomodado. Era verdade que havia recebido o pedido para que se aposentasse, devido à notoriedade que obtivera no caso Asano, mas pretendia manter aquele assunto em segredo por mais um tempo. Deveria saber que Chisaka descobriria tudo antes de qualquer outra pessoa.

– Um velho transtorno voltou – disse ele. – Não tenho escolha, mas isso me lembra de algo que quero perguntar. Como terei que deixar o castelo do xógum, precisarei de um lugar para ficar, e estava pensando se...

– Pessoalmente ajudarei o senhor a encontrar uma casa – Chisaka o interrompeu, disposto a impedir que Kira se mudasse para o castelo de seu mestre.

– Mas preciso mais do que uma casa – Kira insistiu. – Preciso de guardas a postos o tempo todo e de um lugar onde eles possam ficar. – E, então, acrescentou de modo insinuante: – Não que eu tema por mim, entenda, mas, afinal, nossas casas estão relacionadas, e eu não quero que Lorde Uesugi se aborreça por um incidente como esse.

– O senhor terá tudo de que precisa – Chisaka prometeu rapidamente, ainda que, por dentro, estivesse pensando na despesa. Só valeria a pena se mantivesse Kira e seus problemas longe. O caso Asano estava se transformando em algo problemático, mas, pelo menos por enquanto, não podia fazer nada além de tolerar a situação.

– E agora que as coisas estão resolvidas, não quer beber um pouco de chá? – perguntou Chisaka ao convidado, com um sorriso

forçado.

Kira hesitou, e então retribuiu o sorriso de dentes pretos.

– Por que não? Precisamos nos conhecer melhor, já que tenho certeza de que nos veremos mais no futuro.

Sentaram-se, e Chisaka chamou um criado para lhes trazer chá, por mais amargo que o gosto fosse para os dois.



OITO

Doze dias depois de o grupo de Oishi sair de Kyoto, eles chegaram em Edo. A caravana estava intacta, incluindo o espião Fujii, que agora os seguia a uma distância mais respeitosa. A caminho da cidade, passaram rapidamente pelo Sengaku-ji, um pequeno templo, com o cemitério onde Lorde Asano estava enterrado. Ali, Oishi despejou sozinho água purificadora de uma tigela de bambu sobre a base da lápide de pedra. Então, deixou o cemitério depois de uma reverência acentuada e de prometer ao seu senhor que ele sempre poderia contar com ele.

Uniu-se aos demais do lado de fora do templo e entraram na cidade. As ruas desconhecidas eram cheias e barulhentas, e Oishi estremecia sob a pressão inquietante das pessoas de todos os lados. Já era tarde quando encontraram uma pequena pensão no centro da cidade e ali se hospedaram para passar a noite. Oishi não tinha pressa nenhuma em confrontar os seguidores rebeldes e, além disso, precisava fazer mais uma visita importante depois de descansar e trocar de roupa, escolhendo peças mais adequadas que seus trajes de viagem. Seu estômago estava doendo de novo, então

comeu pouco e deitou-se cedo. Mesmo depois de escurecer, as ruas da cidade eram tomadas pelos latidos dos cães e Oishi agitou-se na cama a noite inteira. Nunca havia se sentido à vontade em Edo e, apenas quando pensou em Yashamina e sua família, sua mente finalmente se aquietou e ele conseguiu adormecer.

No dia seguinte, fez o contato pelo qual ansiava: foi visitar a Senhora Asano na casa de seus pais. Não tinha certeza de que receberia permissão para vê-la, mas ficou feliz quando não viu guardas a postos e foi levado a ela sem qualquer incidente.

Ela usava um roupão parecido com um hábito de freira, e seus movimentos eram contidos quando o recebeu no pequeno quarto perto do jardim, dentro do qual havia se exilado. Havia sutras budistas no chão, ao lado da mesa, e Oishi imaginou que ela passava seus dias e noites copiando-os pacientemente, esperando encontrar paz de espírito em meio à tragédia que lhe havia acometido.

– Espero que toda a sua família esteja bem – disse a Senhora Asano com um sorriso forçado, e ele sabia que ela estava perguntando, na verdade, sobre sua própria filha.

– Todos estão bem. Até mesmo a pequena, que está com amigos.
– É claro que ele havia escrito a ela antes para contar sobre a adoção, mas sabia que palavras em um papel não substituem as afirmações feitas pessoalmente.

– Você tem visto a menina?

– Não, minha senhora. Acredito ser melhor que eu fique longe. Assim, os outros não desconfiarão de meu estranho interesse na filha de um cortesão imperial. No mínimo, eu seria acusado de me intrometer em questões políticas.

Oishi tentou fazer piada da situação, mas a Senhora Asano não sorriu, continuando a fazer perguntas a respeito do paradeiro de sua filha.

– E esse cortesão imperial tem boa reputação na corte?

– Muito boa – disse Oishi brevemente, determinado a não revelar o nome do homem que a havia adotado, para o bem da Senhora e da

menina.

– Então, tenho certeza de que ela receberá boa educação, além de usufruir de privilégios de uma criança nobre – disse a Senhora Asano, com esperança na voz.

– Estou certo de que isso acontecerá – ele concordou e, então, mudou de assunto, passando a falar sobre a petição. A Senhora Asano fez perguntas educadas, mas seu entusiasmo parecia fingido, e Oishi ficou desanimado ao ver que ela tinha pouca esperança sobre tal assunto. Sem dar sinais de seus planos, Oishi simplesmente disse a ela que ainda era um fiel seguidor de Lorde Asano e sempre seria. Por um momento, ela parou de pensar em si mesma e o viu no papel que ele havia escolhido: de último defensor do nome dos Asano, alguém que poderia carregar aquela bandeira enquanto houvesse vida dentro de si.

A Senhora Asano pediu a ele que esperasse um minuto e foi para outro quarto. Quando voltou, trazia uma carta. Era a carta que Lorde Asano havia escrito na noite anterior à sua morte, e ela pediu a Oishi que a levasse consigo e a lesse. Quando ele saiu, o rosto da senhora estava banhado em lágrimas. Porém, ela sorria mais naturalmente, e Oishi disse a si mesmo que sua visita não tinha sido em vão. Pensou também que nunca mais deveria voltar ali, se não quisesse envolvê-la em suas futuras ações.

Ao sair, Oishi pediu a um servo que lhe mostrasse a propriedade e memorizou a localização dos vários portões. Pensou que, um dia, reuniria mãe e filha, apesar de não ter mencionado tal plano à Senhora Asano temendo que ela alimentasse falsas esperanças.

No mesmo dia, Oishi foi visitar Araki em sua casa para agradecer-lhe pelos seus esforços e para saber como a petição estava sendo analisada. Araki o recebeu com cordialidade, feliz por ver, pela atitude de Oishi, que ele não estava em Edo em missão de protesto ou violência. Como sempre, Oishi comportava-se com a dignidade esperada de um servo principal, e Araki impressionou-se com ele mais do que nunca. Infelizmente, o velho e grisalho soldado não tinha nada de promissor a relatar; os conselheiros estavam sendo cuidadosos a respeito do caso, e ele só pôde se desculpar pela

inconveniência que causava. Beberam chá juntos, falaram sobre o clima e se despediram com um sentimento de simpatia mútua. Aquilo, pensou Oishi, era melhor do que nada, mas não lhe dava munição para o encontro que ele teria com os jovens rebeldes.

Os bons modos ditavam que ele fizesse mais uma visita enquanto estivesse em Edo. Os porta-vozes oficiais da casa dos Asano eram Daigaku Asano e seu tio, Lorde Toda, e foi para a mansão de Toda que ele se dirigiu.

Era uma grande propriedade, ainda que um tanto desgastada, e Oishi fez cara de desgosto ao pular o corpo de um cão sarnento na entrada. O animal podia estar dormindo ou morto, mas, de qualquer modo, ele interpretou aquilo como um sinal de mau agouro. Sua visita não era inesperada e, assim, Oishi descobriu que Lorde Toda estava fora. Mas Daigaku, ainda oficialmente em prisão domiciliar, ficou feliz por recebê-lo como visitante. Era um jovem magro e nervoso, que se remexia emitindo gritos de boas-vindas enquanto seus olhos semicerrados vasculhavam o rosto de Oishi para encontrar indícios de suas verdadeiras intenções. Finalmente, parou, colocou um dos dedos ao lado de uma das narinas e respirou com força.

– Estou muito feliz por vê-lo – repetiu Lorde Daigaku, pela décima vez. – Faz tanto tempo.

Oishi assentiu de modo formal.

– Creio que o lorde esteja bem.

– Receio não estar tão bem assim... Essas dores em meu peito... Não sei bem o que fazer.

– Todos temos vivido sob pressão ultimamente – comentou Oishi.
– Sei que se sentirá melhor quando as coisas voltarem ao normal.

– Se é que um dia elas foram normais – disse Daigaku, com amargura. – Mas isso é algo que pode nunca acontecer.

– O lorde não tem esperanças em relação a sua indicação como sucessor de seu irmão?

– Não... mas Lorde Toda me diz que eu ainda tenho uma chance. – E, então, acrescentou rapidamente: – É por isso que devemos esperar e ver. Não existe motivo para colocar minhas chances em risco.

– Não, claro que não...

Foram interrompidos por um barulho no corredor e Lorde Toda entrou apressado. Daigaku sorriu aliviado. Estava feliz por ver o tio presente durante a visita de Oishi.

Lorde Toda, um homem baixo e eriçado de comportamento sério, era o total oposto de seu jovem sobrinho inútil. Ele chegou diretamente ao ponto com Oishi depois de terem trocado reverências e cumprimentos formais.

– Soube que há uma movimentação entre alguns de seus homens para uma ação contra Kira.

Oishi olhou para ele com atenção, e então assentiu.

– Há muitas pessoas que acreditam que tirar a vida do miserável que causou a morte de nosso mestre é o único caminho decente a ser seguido.

Lorde Toda riu.

– Insanidade... Total insanidade. Será que eles não sabem que Kira vive dentro da propriedade do xógum? Têm ideia de como são fortes os muros da propriedade, e bem guardados?

– Sabem desses fatos, Lorde Toda, mas talvez mais tarde...

– Loucura – Toda o interrompeu. – As ordens do xógum aos homens de Ako foram de se entregarem, e só isso... Soube que você fez um bom trabalho ao transferir o castelo e agradeço por isso. É o tipo de atitude que salvará o nome de nossa família. Chega de derramamento de sangue, como aquele jovem nervoso...

Ele estava prestes a dizer o nome de Lorde Asano, mas parou ao ver o olhar de Oishi.

– Bem, não importa. O que passou, passou. Mas pelo menos podemos fazer o que estiver em nosso alcance para impedir que as coisas fiquem piores.

– E quanto às chances de sucessão de Lorde Daigaku? – perguntou Oishi com educação, determinado a ouvir todas as opiniões a respeito daquela pergunta essencial.

Lorde Toda caminhou de um lado a outro na sala.

– Acredito que as chances são boas, desde que não façamos nada para perturbar o xógum ainda mais. Quando o tempo passar e os ânimos estiverem mais apaziguados, acredito que todos irão olhar esse assunto de modo diferente. Com nosso longo histórico de trabalho leal, não acredito que possamos perder tudo do dia para a noite. Mas a paciência deve ser nossa palavra de ordem. – Ele fez uma pausa para observar Oishi com atenção. – Paciência e autocontrole em todos os momentos... é assim que chegaremos a nosso objetivo.

Oishi fez uma reverência educada e Lorde Toda pareceu satisfeito ao ver que ele havia compreendido. O chá foi servido e, pouco tempo depois, Oishi partiu. Pensava estar feliz por ter confrontado o senhor e o jovem herdeiro, ainda que fosse apenas para ver como eles eram fracos. Estava claro que a responsabilidade da vingança era só dele.

Naquela noite, um homem alto e magro, com as duas espadas de um samurai, chegou ao castelo de Uesugi e foi recebido para uma reunião com o conselheiro principal, Chisaka.

– A seu dispor – disse o homem alto com a voz grave, fazendo uma reverência a seu superior, de estatura bem mais baixa.

– Bem, onde ele está agora? – perguntou Chisaka. – Creio que você o tem sob constante vigilância, não?

– Sei exatamente onde ele está. Em uma reunião em um restaurante na cidade.

– Uma reunião?

– Uma reunião com os homens de Ako que ficaram em Edo quando seu mestre foi morto.

– Executado, você quer dizer. E por que você não está na reunião, tomando conhecimento dos planos deles?

– Não fui convidado – disse Fujii, de modo seco. – Eles conhecem meu rosto e não confiarão em mim.

Chisaka estava prestes a fazer mais uma pergunta irritada, mas Fujii se adiantou.

– Não tema. A reunião está sendo observada por um de meus homens disfarçado de servo, mas duvido que ele descubra alguma coisa importante.

Chisaka olhou para ele com frieza.

– Tome conta apenas do espião, Fujii. Eu decido o que é importante.

Fujii fez uma reverência em silêncio, mas Chisaka acreditou ter visto um sorriso irônico no rosto do homem magro.

– O que lhe dá a certeza de que não estão armando um ataque contra Kira neste momento? – o homenzinho gritou irritado.

Fujii parou, e então, deu de ombros.

– Eles têm um líder inteligente, que não permitirá que ajam precipitadamente. E o que podem fazer para matar Kira, se ele está seguro dentro do castelo?

Chisaka sorriu de modo condescendente.

– É melhor você deixar as suposições comigo, meu amigo. Tenho outras fontes de informação além de você e estou em uma situação melhor para encaixar as peças.

Fujii sorriu com incerteza. Talvez tivesse ido longe demais com o sarcasmo.

– Sinto muito se o ofendi. No futuro, me dedicarei à minha parte no trabalho – disse ele, com apenas um leve indício do desgosto que sentia.

– Certo – Chisaka concordou. – E se você se sair bem, sempre haverá um lugar permanente para você aqui, prometo. Tivemos sorte por nos encontrarmos. Um *ronin* com conhecimento a respeito da

região de Kyoto era exatamente o que eu precisava, tanto quanto você precisava de um abrigo.

Fujii ficou calado. Não gostava de ser lembrado de seu passado.

– Agora, pode fazer o que peço e voltar ao trabalho?

Enquanto Fujii fazia uma reverência, Chisaka lançou a ele a informação que estava guardando.

– Saiba, meu amigo desinformado, que as coisas estão um pouco mais difíceis agora que Kira não está mais no castelo!

– É verdade – disse Horibe, com o coque balançando. – Kira não está mais no castelo!

Ele estava diante de um grupo de quinze homens leais de Ako, incluindo Oishi e Hara, e mais sete de Kyoto e Osaka. O cômodo que havia alugado para a ocasião ficava em cima de um restaurante barulhento, o que permitia que conversassem sem medo de serem ouvidos, e, agora, ouvia-se um tom de alegria em suas palavras.

– Então, pelo que estamos esperando? – gritou um dos homens do grupo de Edo. – Vamos atacar agora!

Oishi sentiu o coração acelerar, mas forçou-se a pensar com a razão. Levantou-se, e o grupo se calou de novo diante de sua autoridade.

– Seus tolos – disse ele com frieza. – Que tipo de guerreiros vocês são, que logo se alvoroçam com qualquer boato! Se Horibe pode confirmar essa notícia, ela certamente influenciará nossos planos, mas não se esqueçam de que nosso grupo principal de tropas está longe no momento e de que precisaremos de todos os homens, se quisermos ser bem-sucedidos. – Oishi fez uma pausa para respirar, e então assentiu para que Horibe prosseguisse.

– Kira – disse o jovem com um sorriso que teria gelado o sangue do homem cujo nome ele pronunciava – está prestes a ser

dispensado de suas tarefas oficiais. Ele foi levado, esta manhã, à região do outro lado do rio Sumida. Eu mesmo o segui até lá.

– Você fez um bom trabalho – Oishi reconheceu.

Horibe sorriu, mas não foi um sorriso simpático.

– Posso lhe contar muitas coisas sobre Kira – disse ele, e então falou em detalhes a respeito do que soubera sobre o tratamento que Kira dispensara a Lorde Asano, sobre seu histórico de corrupção e até sobre o sistema de defesas em sua nova casa. Apesar de ter um grupo de arqueiros à sua disposição e de ser um espadachim excelente, Kira, claramente, sentia medo deles.

Quando Horibe concluiu seu relato com uma ameaça para justificar tal medo, Hara, lamuriante, sentiu-se na obrigação de expressar seus sentimentos.

– Há pessoas em Osaka que dizem, até agora, que não temos intenção de fazer qualquer coisa para nos vingarmos. Já não está na hora de mostrar que elas estão erradas?

Hara evitou olhar para o líder e não percebeu como suas palavras o feriam, mas Oishi, como sempre, deixou seus sentimentos de lado. Explicou pacientemente a todos eles, mais uma vez, que o bem-estar da casa do seu senhor vinha em primeiro lugar, e que isso significava esperar por uma decisão acerca do pedido. Sabia que era difícil manter a preparação para um ataque que talvez nunca fosse feito, mas, como líder, precisava pedir.

– Mas você não vê? – Horibe gritou. – Trata-se apenas de uma tática por parte dos conselheiros. Eles não têm qualquer intenção de entregar a terra a Daigaku. Eles estão propositalmente parados para nos confundir. Sabem que a espera enfraquecerá nosso moral e, por fim, nos destruirá. Estamos nas mãos deles por não fazermos nada!

Oishi suspirou e virou-se para confrontá-lo.

– Mas estamos sob vigilância constante. Em Yamashina somos vigiados o tempo todo e fomos seguidos até Edo. Vocês aqui em Edo devem estar sob vigilância ainda mais rígida. Não percebem que, ao primeiro sinal de ataque, o alarme soaria para que os parentes poderosos de Kira viessem salvá-lo? Vocês entrariam em um local

incendiado com um casaco feito de palha? Como ficaria o moral de nossos homens depois de uma tentativa frustrada de atacar Kira, uma que derramasse nosso sangue pelas ruas?

Ouviu-se uma leve batida à porta e todos se calaram quando o homem mais próximo da entrada permitiu que um criado entrasse trazendo mais chá. O homem entrou e se movimentou tão lentamente que Hara rosnou para ele, que entendeu a dica e se apressou. Todos esperaram que ele saísse.

– Sabemos que há espiões – Horibe murmurou, olhando para a porta –, mas podemos evitá-los se nossos planos forem feitos com cuidado. Não estou pedindo para atacarmos esta noite nem amanhã, mas acredito que uma data precisa ser marcada. Certamente, não pode passar de março. Se por acaso vocês se esqueceram, é aniversário da morte de nosso mestre e, até lá, com certeza, precisaremos lidar com Kira de um jeito ou de outro. Será que alguém aqui acha que podemos esperar mais um ano e ainda mantermos nossa fama de homens corajosos?

Os demais concordaram com tanta veemência que Oishi se calou, desesperado, tentando pensar em uma maneira de não se comprometer. Todos estavam contra ele, claramente, até mesmo Hara, com quem contava para receber apoio. Provavelmente havia sido um erro mandar Hara ali, para começo de história, onde ele podia ser influenciado pela impaciência dos homens mais jovens. Ainda assim, ele havia obtido sucesso impedindo-os de agirem sozinhos, e isso já era motivo para que Oishi se sentisse grato. Talvez Horibe estivesse certo, e alguma decisão devesse ser tomada antes de março. De qualquer modo, Oishi agora percebia que não podia mais se opor a eles.

– Muito bem – disse, disfarçando a relutância e sua verdadeira intenção. – Vamos criar um plano para resolver isso em março. Voltarei a Yamashina para me preparar.

Os homens, animados por receberem o tão esperado sinal para a ação, gritaram e deram tapinhas uns nas costas dos outros. Oishi ficou em silêncio até Hara se aproximar, mais uma vez se desculpando, erguendo um copo de saquê para brindar.

– A nosso sucesso? – perguntou ele.

– A nosso sucesso – Oishi concordou e virou o líquido de uma vez. Apesar de não ter contado a ninguém, a última carta de lorde Asano continuava em sua lembrança. Ele a lera na noite anterior, e o conteúdo o deixou mais revoltado com Kira do que nunca. Pensou que talvez a Senhora Asano a tivesse entregado a ele exatamente para que aquilo acontecesse. Estaria ela também sedenta por vingança, independentemente das consequências? Ele sabia que nunca a decepcionaria, mas também sabia que só agiria no momento certo, por mais pressão que sofresse.



A viagem de volta a Kyoto transcorreu sem incidentes. Fujii e seu ajudante os seguiam, mas nunca de muito perto, e grande parte da tensão que tomou conta deles a caminho de Edo desaparecera. Os três viajantes estavam absortos em seus pensamentos e Shindo e Koyama, como Oishi havia planejado, mais conscientes das implicações de seu compromisso. Todos estavam felizes em voltar para casa.

O ano estava chegando ao fim e as cores dos montes mudavam, passando do vermelho do outono até o branco do inverno. O Ano-Novo chegou e, com ele, as celebrações de época, apesar de Oishi não acreditar ser adequado que seu grupo participasse das comemorações. Olhando pelo portão, as crianças podiam ver os homens, com suas saias pregueadas e seus casacos com brasões, chamando os amigos às suas casas, e as mulheres com kimonos ostentosos, recebendo os convidados. Os meninos do bairro empinavam pipas com pequenas lâminas presas às linhas para cortar as de seus oponentes em uma batalha aérea. As meninas, vestindo faixas novas, brincavam com petecas tradicionais.

Nesta época, os velhos servos e os criados recebiam convites e cumpriam suas obrigações de forma a serem tratados como iguais, mas, naquele ano, a casa em Yamashina não conheceu nenhum desses prazeres.

Oishi deixou que soubessem que sua família ainda estava em luto pela morte de Lorde Asano, e seus filhos estavam proibidos de saírem da propriedade. Sua desculpa era legítima, em parte, mas ele também queria mantê-los por perto para sua própria segurança. Ele não duvidava de que Chisaka pudesse fazer uma das crianças refém para impedi-lo de causar problemas para mestre Uesugi.

No fim de janeiro, uma mensagem urgente de Horibe chegou, e Hara saiu depressa de Osaka quando soube. Kira agora estava oficialmente aposentado, e os boatos eram de que ele seria convidado para viver em Yonezawa, no *fief* do Lorde Uesugi. Diante da força das tropas de Uesugi, aquilo colocaria Kira em um local tão seguro quanto o castelo do xógum, e Horibe acreditava que deviam agir antes que tal atitude fosse tomada. Para Hara, Oishi deveria atacar, ou se arrepender para sempre da oportunidade perdida. O momento de agir era aquele, e todos deveriam preparar suas armas e marchar para Edo.

Oishi, no entanto, ainda convencido de que deveriam esperar uma resposta a respeito da petição, não concordava que aquele era o momento. Horibe precisava ser controlado de novo, de alguma maneira, mas Oishi sabia que, se fosse a Edo sozinho, poderia ser pressionado a tomar decisões nada inteligentes. Decidiu mandar Yoshida, o representante mais velho do grupo, que concordava com suas visões e cuja voz era a de maior peso depois da dele. O objetivo do estratagema era deixar claro que Oishi era o único que poderia, verdadeiramente, tomar uma decisão final e, se ele não estivesse ali, talvez Horibe pudesse ser contido novamente.

Pela insistência de Hara, este pôde acompanhar Yoshida como seu “guarda-costas”, ainda que Oishi preferisse que ele permanecesse na escola de tiro com arco. Sempre havia o risco de que aproximar Horibe e Hara pudesse acabar acendendo uma faísca, mas Oishi guardou seu medo para si.

Quando partiram, Kataoka preparou-se para ir a Osaka para tomar o lugar de Hara, mas decidiu atrasar a partida quando percebeu que Oishi precisava desabafar. Oishi se preocupava com os acontecimentos em Edo, e, além disso, a vigilância imposta à sua casa pareceu tornar-se mais rígida do que nunca. Todos que saíam da casa eram seguidos, por mais trivial que fosse a tarefa. Tal atividade chamou a atenção de Oishi. Por que, a essa altura, as forças de espionagem estavam sendo reforçadas, a não ser que eles estivessem esperando um ataque? E por que Oishi e seus homens planejavam um ataque naquele momento? Havia apenas uma resposta: a ida de Kira a locais relativamente desprotegidos. O mais óbvio que os protetores de Kira podiam fazer naquele momento era levá-lo sem demora a um lugar mais seguro, como o castelo de Yonezawa. Mas o fato de terem apenas enviado mais espiões em vez de tomar uma atitude óbvia mostrava algo mais de sua estratégia, e Oishi chamou Kataoka para saber sua opinião.

– Kira estaria seguro de qualquer ataque que pudéssemos arquitetar se estivesse vivendo em Yonezawa, não acha? – perguntou ele.

– Sim, acho que sim – respondeu o levemente confuso Kataoka.

– Assim, se Chisaka estivesse planejando levar Kira para lá, não haveria motivos para toda esta espionagem, não é?

– Não... Acredito que não.

– Então, não faz sentido – disse Oishi, de modo triunfante – que ele não esteja planejando mudar Kira de lugar!

Kataoka olhou para ele sem entender, e Oishi tratou de explicar.

– Seria típico de um conspirador como Chisaka fazer algo assim. É claro que ele deve proteger Kira se este realmente estiver em perigo, mas abrigá-lo debaixo do mesmo teto do mestre seria contra os princípios de segurança que mantêm o perigo afastado. Em outras palavras, abrigar Kira seria envolver diretamente Lorde Uesugi na questão dos Asano, e é exatamente isso o que Chisaka está tentando evitar.

Kataoka mostrou-se em dúvida por um momento e, então, lentamente, sorriu e assentiu com um movimento de cabeça.

– Pode ser que você esteja certo – ele admitiu.

– Sei que estou – disse Oishi com entusiasmo, e escreveu suas ideias para enviá-las a Yoshida, em Edo, introduzindo o que imaginava que seria uma discussão delicada. Mas a carta não chegou a ser enviada, pois uma mensagem de Toshida chegou e mudou todos os planos.

A primeira parte da carta era analítica; descrevia as facções representadas em Edo com tamanha sutileza que Oishi ficou feliz por ter mandado o velho em seu lugar. Uma facção, representada pelo próprio Yoshida, apoiava a opinião de Oishi de que deveriam esperar por uma decisão a respeito dos direitos dos Asano antes de tomar qualquer atitude. A outra, de Horibe, era a favor da ação imediata, independentemente das consequências. Um terceiro grupo era formado por aqueles aparentemente dispostos a esperar com Oishi, mas, na opinião de Yoshida, aqueles homens não tinham estômago para uma vingança, tornando-se Daigaku herdeiro ou não. O grupo apoiaria Oishi, mas se a petição fosse negada, Yoshida sentia que eles cairiam como folhas de uma árvore no frio. Oishi tinha de admitir a si mesmo que provavelmente havia homens assim, e Yoshida estava em condições melhores de perceber as coisas do que ele.

A segunda parte da carta era mais inquietante, principalmente por causa da maior atividade de espões perto da propriedade. Devido aos impasses que a última série de reuniões em Edo havia causado, e como Oishi não podia ou não queria ir a Edo para resolvê-los, o grupo de Horibe propôs que fossem a Yamashina, então. Oishi ficou irritado com o descaso demonstrado a seu porta-voz, Yoshida, mas não havia nada a ser feito, já que os homens estavam a caminho. Como um gesto final de desrespeito, Yoshida informou que Horibe havia anunciado que não podia deixar a responsabilidade de vigiar Kira a mais ninguém, e que mandaria Hara para falar por ele. Oishi ficou furioso com o desprezo à sua autoridade, mas não podia fazer nada. Não se oporia ao fato de Horibe se tornar membro do grupo por precisar de lutadores jovens, dispostos, que podiam significar a

diferença entre o sucesso e o fracasso. Então, apesar de não aprovar a situação, Oishi agia como se Horibe estivesse atuando da melhor maneira.

O grupo chegou em fevereiro e, na primeira reunião na casa de Yamashina, Hara, sem perder tempo, perguntou por que o ataque não estava sendo providenciado. Oishi respondeu calmamente que não faria nada se não ouvisse uma palavra final de Daigaku e admitiu que nunca tivera a menor intenção de lançar um ataque em março. Apenas havia concordado com isso para deter Horibe e os outros fanáticos. Hara corou ao ouvir uma descrição a seu respeito com aqueles termos, mas abordou um novo assunto levantado por Horibe. Na hipótese de Daigaku ser nomeado herdeiro e a casa dos Asano, restaurada, eles poderiam perseguir e matar sem arruinar o nome que esperaram tanto para restabelecer? Não haveria vingança, então?

Oishi suspirou e pensou com cuidado na resposta antes de falar.

– Na minha opinião – disse ele por fim –, a restauração da casa e a vingança são duas coisas distintas. Você está certo, Hara, quando diz que, se a casa for restaurada, um ataque a um dos oficiais do xógum, ou ex-oficial, será considerado um ato de ingratidão.

Hara ergueu as sobrancelhas ao ouvir aquela declaração inesperadamente franca, mas manteve-se em silêncio para saber qual seria a solução proposta por Oishi.

– Assim, decidi que, se o momento chegar, eu mesmo farei a vingança em nome de todos nós.

Fez-se uma pausa enquanto aquelas palavras eram absorvidas. Então, Hara falou alto, com frustração:

– Você não vê, Oishi, que, se fizermos isso, o restante de nós será considerado covarde? – Ouviu-se um murmúrio de homens concordando com as palavras de Hara. – Todos sabem que um samurai não consegue viver no mesmo ambiente que o assassino de seu senhor. Merecemos a chance de atacar, sejam quais foram as consequências.

Os homens gritaram concordando, e apenas Yoshida e Onodera, outro representante mais velho, permaneceram ao lado de Oishi. Tentaram dizer aos outros que a espada não era a única maneira de provar a lealdade de um samurai e que o plano de Oishi tinha a vantagem de dar a eles tudo o que diziam que queriam, mas argumentos tão racionais não condiziam com a atmosfera carregada do encontro. Oishi percebeu que a situação estava fora de controle e que provavelmente permaneceria daquela maneira, a menos que um dos lados cedesse. Estando claro que os outros não cederiam, decidiu abrir mão de seus desejos, pensando nos interesses do grupo.

– Certo – disse ele, erguendo a mão para pedir silêncio –, certo. Não posso me opor a tantos. Concordo que dividamos o mesmo destino, mas insisto que esperemos a resposta à petição. Se não a tivermos até março, esperemos mais um ano. Se ainda assim não recebermos resposta, assumiremos que a esperança estará para sempre perdida e atacaremos em grupo. Compreendem? Prometo que nessa data, ou até antes, atacaremos!

Os homens comemoraram e começaram a conversar animados. Oishi expôs sua opinião a respeito da provável atitude de Chisaka em relação a Kira, e todos concordaram que aquilo fazia sentido. Esta informação ajudaria a aplacar Horibe, além das notícias de que uma ação firme aconteceria. Todos renovaram a promessa de ficar juntos como um grupo leal, e Yoshida foi enviado de volta a Edo com instruções para permanecer ali com Horibe até segunda ordem. Hara voltou a Osaka, enquanto Onodera, mais experiente, permaneceu em Yamashina com Oishi, como líder do grupo. Os homens se afastaram em grupos de dois ou três para dificultar as coisas para os espões que esperavam do lado de fora, mas muitos foram seguidos. Suas atitudes foram relatadas a Chisaka, e dele para Kira. Quando soube da reunião, Kira insistiu que a força de espionagem fosse reforçada e Chisaka concordou, por fim. Mas não disse nada que pudesse ser interpretado por Kira como convite para se mudar para o castelo em Yonezawa.



A primavera chegou chuvosa à região de Kyoto, causando diversas inundações. Oishi estava, assim, preso na casa em Yamashina, com tempo para pensar e, conseqüentemente, meditar. Sentia-se confinado e na defensiva, devido à constante presença dos espões de Chisaka. Ele compreendia Horibe e os outros em Edo, mais próximos a Kira e, assim, tentados, além da razão, a atacá-lo. Ali em Yamashina, Oishi não tinha nenhum inimigo importante a enfrentar além dos espões escondidos, mas, assim que o clima melhorou e os estragos das inundações foram reparados, ele decidiu realizar um plano incomum. Apesar de não ser tão perigoso quanto o combate físico, envolvia riscos de diferentes tipos, que Oishi acreditava valerem a pena. Uma espada nem sempre é necessária em uma batalha.

Durante a primeira semana de abril, Oishi ficou até tarde em Kyoto por várias noites sem explicação. Quando Kataoka o visitou de novo, em maio, seus motivos finalmente se tornaram aparentes.

– Estou feliz em vê-lo – Oishi cumprimentou seu velho amigo, com uma expressão mais intensa do que o normal.

– Nenhuma notícia vinda de Edo a respeito da petição? – o homem com cara de macaco perguntou, quando entraram na casa.

– Não – Oishi resmungou –, e não parece que virá qualquer notícia. Horibe e os outros estavam certos. Os conselheiros estão apenas dificultando as coisas.

– Você não pode ter certeza... – Kataoka começou, mas Oishi o interrompeu.

– Não tente melhorar as coisas. Admito que eu estava errado. Queria tanto salvar algo que nos era estimado que deixei de ver a verdade.

– Pode ser que ainda haja uma chance. Araki disse... – começou Kataoka, mas, mais uma vez, foi interrompido.

– Araki não toma as decisões. Ele tem sido educado, possivelmente solícito, mas não podemos depender dele. Não, a partir de agora, devemos pensar que tudo está perdido e planejarmos as coisas do modo correto.

– Está dizendo que devemos atacar? – perguntou Kataoka, incrédulo.

Oishi hesitou, e então falou com a voz baixa:

– Quando estamos com pressa, às vezes, é melhor tomar outro caminho. Certas condições prévias eu havia postergado até agora, mas vejo que elas não podem mais esperar. Ponha a sua casa em ordem, meu amigo, o mais rápido possível, e eu farei a mesma coisa.

Foram deitar-se. Kataoka ainda tentava entender o que Oishi queria dizer. No dia seguinte, contudo, ficou claro que ele estava sendo sincero a respeito de arrumarem seus assuntos. Oishi acordou cedo, como sempre, para tomar o café da manhã com sua esposa e seus filhos. Quando terminaram, ele mandou os filhos brincarem, pediu à esposa para sair da cozinha, onde estava orientando o cozinheiro a respeito do cardápio do dia, e a levou a uma sala de estar em outra parte da casa. Era fim da primavera, e ele abriu a *shoji* de papel para o jardim, que agora começava a esquentar sob o sol. Fez um sinal para que a mulher se sentasse e ela se ajoelhou

obedientemente à frente dele, curiosa e muito apreensiva a respeito do que o marido diria.

– O clima esquentou bastante – disse ele, consciente de sua intranquilidade.

– Sim – ela murmurou, mantendo o olhar baixo –, o zunido das cigarras aumenta com a aproximação do verão.

Sem responder, ele olhou para ela por um momento, admirando-a silenciosamente. Durante todos os anos de convivência, a esposa sempre havia agido do modo correto, e Oishi sabia que podia contar que ela continuaria agindo corretamente no futuro. Tinha sorte, porque, em um momento como aquele, podia contar com a ajuda dela, independentemente do que fosse preciso. O que tinha para contar a ela naquele minuto colocaria todo o conhecimento dela como esposa de um samurai em teste, um teste muito severo, mas, ainda assim, ele confiava que ela se sairia bem.

– Sinto muito se, chegando tarde à noite, eu tenha causado algum desconforto a você – disse Oishi, postergando o assunto principal, mas sentindo que precisava dizer aquilo.

– De maneira nenhuma – ela mentiu, olhando para ele rapidamente. – As crianças e eu dormimos sem qualquer perturbação.

Oishi sabia que aquilo era uma referência velada ao fato de que não se deitava com ela havia muitas semanas, e pigarreou embaraçado.

– Eu... O que tenho a pedir não é fácil, considerando que não tenho nenhuma reclamação a fazer sobre você...

– O que você quiser – ela murmurou.

– Escrevi esta carta – disse ele, retirando-a da manga comprida e entregando-a a ela. – É uma carta de divórcio.

Ela pegou a carta em silêncio, apesar de seu rosto ter ficado pálido, e Oishi percebeu que seu coração deve ter se tornado pedra com aquelas palavras. Inexpressiva, ela leu a carta toda, e então a colocou a seu lado no chão com tapete de palha. Virou a cabeça e

Oishi se aproximou da *shoji* para abrir e olhar para o jardim, evitando ver suas lágrimas.

– Você devia saber que isso aconteceria – disse ele, com delicadeza.

– Eu disse a mim mesma que não aconteceria – disse ela, controlando a voz de modo que seu suspiro não fosse ouvido. – Eu dizia a mim mesma que a petição seria aceita e que todos voltaríamos para Ako um dia.

– Eu também me dizia isso, mas agora acabou o tempo dos contos de fada. Tenho certas coisas a fazer e não tenho o direito de envolver você e as crianças. É por isso que precisamos nos separar.

Por um momento, ela não soube o que dizer.

– Me envolver? E por que eu não me envolveria no que você faz?

– Porque eu não gostaria que você se envolvesse – respondeu ele, e ela obedientemente abaixou a cabeça. Ela não pretendia argumentar nem contrariá-lo.

– Quero que pegue as crianças e volte à casa de seus pais. O que eu fizer no futuro não refletirá em vocês, e não serão responsáveis por meus atos. É assim que deve ser se eu quiser me sentir livre para agir como acredito que devo.

– As crianças – disse ela. – Está falando de *todas* as crianças?

– Chikara tem dezesseis anos – respondeu ele. – Acredito que devemos permitir que ele escolha se vai ou não.

Ela abaixou a cabeça, resignada, mas não conseguiu controlar o choro.

– Perderei vocês dois? – perguntou ela. Por um momento, não se ouviu nenhum som além do zumbido dos insetos no jardim e, então, ela secou os olhos e se recompôs.

– Me desculpe – disse ela. – Sei que é algo que você deve fazer e rezarei para que tenha sucesso, como sempre teve. Mas... quando esse divórcio deve acontecer? – perguntou com uma voz distante e cansada.

– Logo, o mais depressa possível... Por favor, chame Chikara para eu poder expor a questão a ele.

A conversa entre eles terminou e ela fez uma reverência encostando a cabeça no chão, em sinal de respeito e obediência. Então, ficou de pé e saiu, com os pés de meias brancas arrastando no tatame em uma cadência que era característica dela, e de que Oishi sabia que sentiria falta mais do que qualquer coisa nos dias que viriam.

Chikara se assustou com o comportamento da mãe quando ela o chamou, e caminhou em direção ao pai com certa inquietação. Ele se ajoelhou e fez uma reverência respeitosa, e então esperou pelo que ouviria. O fato de as primeiras palavras do pai serem ditas de modo calmo e contemplativo não diminuiu sua ansiedade.

– A dificuldade em nossa vida atual é uma redenção dos pecados cometidos em nossa existência anterior, ou a educação necessária para nos prepararmos para um nível superior na próxima. Foi isso o que seus professores ensinaram a você, não foi?

– Sim, pai.

– Então, não hesitamos em escolher o caminho mais difícil quando o vemos, se é a direção na qual está nossa obrigação, não é?

– Sim, pai.

– Mas quando ocorre um conflito de lealdades, as decisões às vezes são difíceis. Não estou falando de mim, agora. A direção na qual minha obrigação está é clara. Mas, em seu caso, você tem dois caminhos a escolher. Se for com sua mãe e os pequenos para a casa de seus avós, você será o responsável pelo bem-estar deles, e seu caminho não será fácil. Se decidir ir comigo, o caminho quase certamente o levará à morte, mas esperamos que seja uma morte com honra. Você deve decidir sozinho. Acredito que já tem idade para tomar sua decisão. É uma escolha que eu não posso fazer por você.

Para Chikara, aquele era um momento que vinha esperando. Já havia preparado sua resposta há muito tempo. Sem hesitar, respondeu:

– Irei com você, pai. Sei por que está mandando a mãe para a casa dos pais dela. É para protegê-la. Se eu fosse com ela, estaria protegendo apenas a mim mesmo, e isso não é atitude de um homem, de um samurai.

Oishi ficou satisfeito com a resposta do filho e sentiu orgulho de seu legado. Era verdade que os frutos de hoje tiravam sua força das raízes de mil anos atrás. Ainda assim, ele não queria apressar o menino a tomar uma decisão precipitada, e pediu a ele que pensasse com cuidado no que estava fazendo.

– Já pensei – disse o rapaz. – Sou um homem e devo ir com os homens. Qualquer outro caminho seria covardia.

Oishi sorriu e segurou o menino pela mão.

– Bem-vindo a nosso grupo – disse ele. – A partir de agora, suas responsabilidades serão iguais às responsabilidades de qualquer um de nós.

Chikara sorriu para ele. Finalmente conseguia o que mais queria no mundo e, quando partiu, os olhos de seu pai brilhavam e seu peito estava inflado de orgulho.

Um dia depois, o resto da família já estava com a mudança pronta para partir. Oishi despediu-se deles com uma expressão séria que escondia seus verdadeiros sentimentos. Os olhos arregalados das crianças pequenas estavam vermelhos de tanto chorar, mas, na presença de seu pai, contiveram o choro. Mimura os acompanhou, guiando o cavalo que levava seus pertences, mas voltaria assim que estivessem estabelecidos em sua nova casa.

Enquanto saía pelo portão, a esposa de Oishi virou-se para olhar mais uma vez para o marido, hesitou por um momento e então seguiu em frente. Os dois sabiam que nunca mais se encontrariam.



Dos três centros de lazer em Kyoto, Gion era, de longe, o mais popular. E de todas as casas de gueixa em Gion, a Garça em Voo tinha uma fama invejável pela qualidade de seus serviços. O proprietário, um homem grande e suado chamado Hoshino, havia trabalhado muito para tornar aquele lugar o melhor em Kyoto, e assim pretendia mantê-lo. O bom atendimento se transformava em lucro, e Hoshino faria qualquer coisa para ganhar dinheiro.

Naquele momento, ele estava preocupado com a festa que ocorria em um dos quartos com vista para o rio. Dois dos convidados ele conhecia de vista. Eram moradores da região, chamados Shindo e Koyama. Os outros dois samurais, porém, deixavam claro que estavam em uma casa de gueixas pela primeira vez, e não conseguiam relaxar e se divertir. O homem de testa larga parecia especialmente tenso, e Hoshino temeu que ele pudesse ser um homem influente, que passaria a impressão de que a Garça em Voo era um local entediante.

Hoshino ficou parado no corredor do lado de fora e transpirava constantemente enquanto a conversa atrás da porta de papel se

estendia a um ponto que ele não mais tolerava. Aquilo pedia medidas drásticas, e ele levantou um braço úmido para chamar uma garçonete que ali passava.

– Chame Okaru – disse ele, e a moça fez uma reverência rápida e partiu para cumprir a ordem recebida.

Dentro da sala, Oishi estava realmente entediado.

A casa de chá era pitoresca, e ele tinha certeza de que seu quarto, que dava vista para o rio Kamo, era o melhor da casa, mas a conversa infundável da gueixa a seu lado era intolerável. Havia quatro gueixas, uma para cada convidado, e todas trouxeram bandejas com garrafas de saquê e copos. Elas vestiam kimonos coloridos dos melhores tecidos imagináveis, com um grande *obi* contrastando, preso com um laço. Seus rostos eram pintados de branco, e batom fora aplicado no lábio inferior. Os cabelos estavam presos em coques bem-armados e decorados. As moças haviam se apresentado de modo informal e, rindo, colocaram apelidos nos quatro. Oishi foi chamado apenas de “Tio”, Shindo era o “Sr. Lobo”, Koyama era o “Sr. Rato”, e Kataoka, claro, tornou-se o “Sr. Macaco”.

As bebidas foram servidas, os brindes foram feitos, os copos foram esvaziados e cheios de novo. Porém, enquanto Shindo e Koyama, e até Kataoka, de certo modo, se divertiam, Oishi não conseguia unir-se a eles. A moça ao lado dele tinha idade para ser sua filha, e ele sentiu-se tolo bebendo com ela. Já estava quase decidido a partir, quando algo inesperado ocorreu.

Oishi havia se virado para o lado para dizer algo a Kataoka quando a moça entre eles se levantou para buscar a bandeja de alimentos. Ele percebeu, vagamente, que as outras moças saíram ao mesmo tempo, mas aparentemente todas retornaram juntas com pratos coloridos e atraentes sem qualquer atenção à lei do xógum que proibia o consumo de carne ou peixe.

Oishi virou-se diretamente para a própria bandeja quando ela foi colocada diante dele e não percebeu que uma gueixa diferente estava ajoelhada a seu lado. Foi o silêncio dela que fez com que ele finalmente se virasse em sua direção. Quando fez isso, rapidamente prendeu a respiração. Ao lado dele, com um sorriso tranquilo que o deixou à vontade, estava a moça mais linda que ele já havia visto. Aquela era Okaru, a gueixa número um na capital das gueixas do mundo.

Era impossível saber a idade dela, apesar de ela não ser mais nenhuma criança. Seu kimono era bonito, mas não muito diferente dos kimonos das outras moças. Seu rosto era notável especialmente pelo nariz afilado e aristocrático, mas foram seus olhos, acima de qualquer coisa, que prenderam a atenção de Oishi. Eram grandes e brilhantes, com uma forte expressividade que a diferenciava das outras moças de rosto pálido dali.

Com a voz musicada e baixa, ela explicou quais eram os diversos pratos da bandeja e mostrou a ele a maneira certa de se servir. Mais tarde, enquanto as outras gueixas dançavam e cantavam, ela explicou as palavras e os movimentos de modo que ele conseguisse apreciá-los verdadeiramente.

Então, ela se levantou para dançar e Oishi se sentiu cativado por sua graça. Com o som sensual de um *samisen*, ela fazia poses e gestos que contavam uma história simples de flerte e entrega amorosa que não precisava de tradução.

Depois, as outras moças dançaram de novo e Shindo e Koiyama, ambos já meio alterados pela bebida, dançaram de modo engraçado, imitando os movimentos das gueixas. Oishi riu pela primeira vez, e a atmosfera da festa ficou muito mais relaxada.

Quando chegou a hora de partir, foram acompanhados até o portão pelas gueixas e pelo próprio Hoshino. Ali, exagerando na tristeza pela despedida, as moças fizeram reverências e imploraram que os homens voltassem. Eles garantiram que voltariam, mas Oishi, que não conseguia tirar os olhos de Okaru, foi, sem dúvida, o mais sincero. Aquela tinha sido uma noite da qual ele nunca se esqueceria.

Sob todos os aspectos, a primeira ida de Oishi a Gion foi um sucesso.

As pessoas começaram a falar sobre sua mudança repentina ao esbanjamento, o que era exatamente o que Oishi queria que acontecesse. Quanto mais falassem, mais sua reputação seria difamada e menos ameaçador a Kira ele seria considerado. Passou a ir constantemente a casas de gueixas, esforçando-se para arruinar o que sempre tinha sido mais valioso para si.

Mais espiões foram chamados para acompanhar suas atividades frenéticas, e Oishi ficou feliz ao ver o transtorno que estava causando em campo inimigo. Tinha consciência de que corria o risco de causar confusão entre seus pares, mas precisava pagar para ver.

Em um dia comum, acordava tarde, fazia uma rápida refeição e imediatamente partia para a cidade. Aqueles que não conseguiam ou não queriam se levantar tão cedo uniam-se ao grupo depois, localizando-o pela presença, do lado de fora, de um espião disfarçado de *komuso*. Aqueles espiões logo se tornaram tão familiares a eles que Kataoka começou a chamá-los de “guias aos locais de prazer”. Estes mantinham os rostos cobertos, e eram motivos de riso por se mostrarem envergonhados.

Depois de passarem uma tarde bebendo e jogando, algo que Oishi finalmente aprendeu a tolerar, costumavam ir a outro estabelecimento para jantar e, às vezes, para uma terceira casa de chá para se divertirem depois. Era na troca de um lugar a outro e, especialmente, quando voltavam para casa tarde da noite, que mais aproveitavam a situação. Oishi, embriagado, costumava abordar os pedestres, fazendo arruaça. Quando o clima estava bom, chegava a levar um grupo de gueixas e convidados a um local público, como o Parque Gion, para um piquenique às vistas da elite da sociedade. As pessoas em Kyoto estavam acostumadas com turistas animados, mas Oishi passava dos limites.

Ainda que à custa de sua reputação, o plano parecia estar funcionando. Semana após semana, as notícias que chegavam a Edo eram de que Oishi estava gastando dinheiro como um tolo e fazendo farra com seus homens, que viviam bebendo por aí. Kataoka era visto como um bobo da corte, e Shindo e Koyama certamente não poderiam ser considerados guerreiros valentes na concepção de ninguém. Naturalmente, com as notícias também vinham as contas dos espiões adicionais, e Chisaka, consternado, teve de tomar uma atitude para conter as despesas. Os espiões foram reduzidos, ainda que relutantemente, a Fujii e um assistente, além do cozinheiro que ainda trabalhava em Yamashina. Era uma tarefa impossível para apenas dois homens, e eles logo se distraíram por falta de descanso e pelas tentativas de Oishi de confundi-los. O grupo de Ako passou a sair pelas portas dos fundos, indo e vindo separadamente, e, assim, tornavam o trabalho dos espiões muito mais difícil. Fujii ainda usava o cesto na cabeça para que não houvesse confronto direto, mas estava claro que as coisas tinham mudado de rumo, e Oishi riu ao pensar que tinha vencido pelo menos um grande inimigo.

Infelizmente para Oishi, a maior parte das conversas nas casas de gueixas era sobre o mundo do entretenimento, incluindo o teatro e os atores e artistas populares da época. Sobre aqueles assuntos, Oishi era totalmente ignorante, afirmando ser apenas um samurai simples do interior sem experiência em coisas assim. Já era fim de tarde na Garça em Voo, que Oishi parecia visitar mais do que qualquer outra casa de gueixas, quando mais uma discussão acalorada sobre os méritos relativos de certos atores surgiu. Oishi se retirou para tomar um ar quando Okaru sugeriu, animada, que ele fosse assistir ao *kabuki* para que soubesse do que eles estavam falando. As outras gueixas presentes se assustaram com a audácia dela, mas Oishi fingiu não perceber.

Oishi virou-se a Okaru e educadamente agradeceu a sugestão. Sentiu que ela podia estar zombando dele, mas decidiu entrar na brincadeira e concordou em ir ao teatro no dia seguinte. Nunca havia pensado em ir a um teatro público, e aquilo poderia ser divertido. Atrás dele, Shindo e Koyama piscaram um ao outro quando

escutaram aquilo; tinham certeza de que Oishi só estava dizendo aquilo porque estava sob efeito do saquê. Ele não era o tipo de homem que gostava de frequentar locais públicos.

A festa continuou até bem tarde naquela noite e, quando finalmente estavam prestes a partir, Kataoka encontrou apenas um espião na porta. Contou o fato a Oishi e concluíram que o pequeno jogo estava dando certo. Depois de se despedirem da gueixa e do proprietário, os homens de Ako trocaram chapéus e roupas com Shindo e Koyama, que saíram discretamente pelo portão. O espião os seguiu, e Oishi e Kataoka, observando de uma varanda, começaram a rir sem parar. Então, vestindo as roupas de seus companheiros, saíram pela porta dos fundos. Apesar de Oishi não saber, e muito preocupado ficaria se soubesse, havia um observador escondido. A gueixa Okaru observava pela janela do andar de cima com uma expressão que ia além da curiosidade.

No dia seguinte, para a surpresa de todos, Oishi anunciou que de fato ia ao teatro *kabuki*. Shindo e Koyama, já fãs desse novo tipo de teatro, muito mais animado do que o *noh*, da corte, aceitaram o convite com animação. Kataoka não estava tão entusiasmado; não conhecia tais coisas, assim como seu líder, mas não pretendia deixá-lo sem qualquer proteção, e o acompanhou para servir de guarda-costas.

A primeira apresentação começou ao meio-dia. Contudo, tendo Oishi insistido em passar em uma casa de chá para beberem um saquê, perderam o primeiro show. Conforme a tarde passava, Shindo avisou que seria melhor que chegassem em tempo de assistir à segunda apresentação ou todos os assentos seriam tomados, mas Oishi o ignorou e serviu-se de mais uma bebida. Para o esquema que ele planejava, precisava de coragem e, quando finalmente se sentiu pronto para partir, já era o fim da tarde.

Como Shindo temera, os ingressos já estavam esgotados quando chegaram ali. No teatro, havia várias pessoas interessadas na compra de ingressos voltando de mãos vazias. Oishi, contudo, um tanto embriagado e não muito contente, decidiu que entrariam de qualquer modo, e chamou o administrador do local. Quando o

apreensivo homem apareceu, Oishi ameaçou jogá-lo dentro do rio Kamo se não conseguisse um lugar para eles naquele instante. O administrador secou a cabeça calva e prometeu ver o que podia ser feito. Depois de uma breve espera, foram levados para dentro por um empregado.

Enquanto desciam o corredor estreito do teatro escuro, Oishi viu que o salão acarpetado era dividido com pequenas grades, formando pequenas seções repletas de clientes de todas as idades e posições sociais. Para acomodar Oishi, o administrador precisou tirar quatro mercadores de uma seção no meio do salão, que olharam para os recém-chegados com irritação disfarçada enquanto pegavam suas bandejas de comida e atravessavam o corredor. Oishi, fazendo barulho, indicou onde seus companheiros deveriam ficar e olhou ao redor, apontando e perguntando quais assentos eram os melhores. Viu que as gueixas e os mercadores estavam bem-representados e que havia até alguns samurais, ou *ronins*, incluindo um rapaz enorme com companheiros na seção ao lado. Apesar de a peça estar acontecendo, Oishi virou-se para abrir o saquê que eles tinham levado e causou mais confusão, pois chamou o administrador para trazer água quente na qual pudesse aquecer a bebida. Obviamente, ninguém teve coragem de repreendê-lo, apesar de o samurai da seção ao lado ter ficado muito irritado. Ele próprio estava embriagado, mas tentava acompanhar a peça e resmungou pela falta de modos de Oishi.

Oishi o ignorou totalmente e apenas quando finalmente conseguiu seu saquê aquecido passou a prestar atenção ao que ocorria no palco. Quando conseguiu se concentrar, viu que o cenário representava a casa de um camponês comum e que os atores, todos homens, usavam roupas comuns de camponeses. Foi o que ele achou mais chato; afinal, os campos estavam repletos de camponeses, e não era preciso ir ao teatro para vê-los. O que ele achou estranho foi que todos ali não estavam falando como outros camponeses que já tinha visto, mas diziam as falas de um modo altamente estilizado que não parecia nada condizente com a realidade. Os sentimentos nobres que eles expressavam pareciam

inadequados para personagens tão rudes, e Oishi teve dificuldades em acreditar que a plateia poderia aceitar aquilo. Enquanto ouvia com mais atenção, ficou surpreso ao ver que os personagens falavam de coisas como a ética de Confúcio e a escolha entre o dever ao superior ou a humanidade em relação aos seres amados.

Para Oishi, era absurdo pensar que as pessoas gostassem de assuntos tão pesados e cutucou Kataoka na costela para fazer um comentário a respeito dos camponeses elevados que eles estavam tendo o prazer de ver. Kataoka riu alto e os outros, assim como Oishi, se uniram a ele. O samurai da seção ao lado encarou-os por ainda mais tempo e reclamou com seus companheiros. Estava começando a se cansar daquelas interrupções.

A heroína da peça apareceu. Era uma “moça” de origem nobre, e Oishi ficou imediatamente revoltado ao ver que os atores tinham a audácia de interpretar alguém de classe superior à deles. Além disso, parecia que ela havia sido muito maltratada pelo marido e tinha um amante da classe de mercadores. Havia fugido de casa e estava esperando para encontrá-lo no casebre do camponês, mas Oishi não permitiu que o encontro ocorresse. Irritado, ele se levantou e gritou que o ator era um farsante, que não tinha ideia de como interpretar uma mulher nobre, que nunca se comportaria de modo tão nojento, e exigiu que a peça fosse interrompida. Fez-se um silêncio impactante por um momento, no palco e fora dele, e, então, o samurai da seção ao lado saltou, incapaz de manter o controle por mais tempo.

– Cale-se, seu ignorante filho da mãe! – ele gritou para Oishi. – Você demonstra modos ainda piores do que os do povo. E não é a primeira vez que faz papel de tolo em Kyoto, pelo que ouvi falar!

Oishi se assustou por um momento e, então, xingando, rapidamente levou a mão à espada. Ela parecia presa à bainha, e o outro samurai desfez a carranca e começou a rir alto e de modo provocador.

– A espada agora virou utensílio de cozinha, não é? – Ele riu de novo e virou-se para seus companheiros. – Vejam, ele afirma ser um samurai, melhor do que aqueles no palco ou na plateia, e empunha uma espada enferrujada! – Ele riu de novo e, desta vez, Oishi fez um

arremedo de corte com a espada ainda embainhada nas pernas dele. O homenzarrão tentou saltar e acabou caindo sobre uma das divisórias baixas entre as seções. Aterrissou sobre outro cliente, uma idosa que o xingou como uma lavradora, e levantou-se em meio aos risos dos companheiros embriagados de Oishi. Os companheiros do homem levaram a mão às espadas, mas ele fez um sinal para que recuassem.

Por um momento, olhou para aquele espetáculo ridículo, Oishi com a espada empunhada mas ainda embainhada. Então, jogou a cabeça para trás e riu. Pegou a própria espada e a ergueu: a sua, também, dentro da bainha. Com um grito de guerra engraçado, partiu em direção a Oishi e errou a mira, caindo em outra seção. Os clientes ao redor rapidamente abriram a roda quando viram que aquilo estava se transformando em um verdadeiro duelo, e os homens de Oishi e de seu oponente formaram semicírculos atrás de seus líderes para impedir que alguém interferisse.

Os avanços e a disputa das espadas continuaram, uma cena totalmente descabida por estar ocorrendo no meio de um teatro escuro com divisões entre as seções servindo de obstáculos. Os dois homens aparentemente tinham condicionamento físico ruim, além de estarem embriagados, e as pessoas julgaram aquela performance barulhenta e tediosa. Muitos começaram a deixar o teatro, profundamente ressentidos por ver que homens daquela classe pudessem entrar em um teatro e atrapalhar a apresentação daquela forma.

Apesar de ocupado, Oishi percebeu aquilo e sentiu-se muito envergonhado, apesar de ter causado toda aquela situação. Tentou colocar fim à briga, mas seu oponente era igualmente habilidoso, e os movimentos continuaram. Nunca em sua vida Oishi havia se sentido tão tolo nem agido assim, e se arrependeu por ter se envolvido em uma briga tão estúpida. Percebendo que a situação não podia ficar pior do que já estava, tropeçou de propósito e caiu de cara na frente do oponente. O homenzarrão gritou, vitorioso, e bateu na cabeça de Oishi de leve com a espada embainhada, em um gesto

de vitória. Oishi se ajoelhou e simulou uma reverência de entrega, e o homem riu e recolheu-se à sua seção.

As claraboias estavam abertas e a apresentação, finalizada. Alguns membros da plateia ainda permaneciam em seus lugares, esperando que a peça recomeçasse, mas a maioria já havia partido com medo ou raiva. O grande samurai deu a ordem a seus homens para que pegassem suas coisas e se preparassem para sair. Oishi estava prestes a fazer a mesma coisa quando olhou ao redor, para as seções da lateral, e viu Okaru. Ela estava sentada ali, conversando com uma pequena *maiko*, ou aprendiz de gueixa, e Oishi não sabia se ela tinha visto o ocorrido ou não. Acreditou, contudo, que ela havia presenciado a cena e virou-se arrependido e envergonhado.

Shindo percebeu aquilo, apesar de embriagado, e contou a Koyama. Quando Koyama finalmente entendeu o que Shindo estava tentando lhe contar, trocaram um olhar, compreendendo toda a situação.

Oishi saiu do teatro repentinamente, e seu grupo o acompanhou. Shindo e Koyama fizeram reverência para cumprimentar Okaru, que assentiu educadamente em resposta. Oishi não viu o cumprimento; ainda estava pensando em seu comportamento vergonhoso. Em seu modo de ver as coisas, havia apenas um motivo para se orgulhar do ocorrido: se algum dos espiões de Kira estivesse observando, certamente tinham provas de que seu vigiado era um tolo completo. Sua espada estava enferrujada, sua habilidade era uma piada, e ele se importava tão pouco com sua reputação quanto um mendigo.

Decepcionado consigo mesmo e para piorar propositalmente a situação, Oishi insistiu para que eles parassem na primeira “casa de chá” que encontrassem, apesar de ser um estabelecimento de classe inferior que ele normalmente teria recusado. Abatido, entrou e exigiu a atenção da garota que atendia à porta. Ali, bebeu mais saquê, que não era o melhor, servido por uma gueixa que também não era a melhor. Aquelas moças vinham diretamente das fazendas sem qualquer treinamento em modos sociais. Sua função era servir saquê e dormir com os clientes quando eles queriam; suas capacidades de

entreter de qualquer outro modo eram muito limitadas. Oishi escutava entediado enquanto elas conversavam entre si com seus dialetos, todos eles desagradáveis ao ouvido. Mas ele estava ali para beber, não conversar, e dedicou-se totalmente a esse propósito.

Horas depois, Shindo e Koyama haviam partido discretamente e Oishi permaneceu em um estupor com a cabeça aconchegada ao colo da garota, que cantarolava uma canção sobre o lar com a voz monótona e arrastada. Kataoka havia adormecido em um canto, exausto e sem paciência com seu líder.

De repente, houve uma agitação na porta e a garota parou para ver o que ocorria. Oishi se levantou para escutar, e então voltou a se sentar e ela voltou a cantar. Em seguida, a porta foi aberta com um baque e Hara, com os olhos vermelhos, apareceu. Oishi tentou ficar de pé, mas sua mão escorregou e bateu na menina, que ficou assustada e calada ao ver o samurai de olhos arregalados diante deles.

– Hara – disse Oishi com dificuldade ao se ajoelhar. – Bem-vindo, velho amigo... Kataoka, veja quem está aqui... Nosso velho amigo Hara.

Kataoka levantou-se sonado, mas, quando viu quem estava na porta, sentou-se assustado. Estava prestes a dizer algo a Hara para se explicar, mas o olhar no rosto do outro o deteve. Nunca vira tamanha expressão de fúria no rosto de Hara e, de repente, não soube o que dizer.

– Então, as histórias eram verdadeiras! – Hara vociferou, com as mãos tremendo sobre as duas espadas como se quisesse usá-las. – Eu não teria acreditado que vocês fossem capazes, por isso precisei vir e ver com meus próprios olhos. E você, Oishi, ficou tão incomodado quando me tornei instrutor de tiro com arco!

Oishi ficou de pé sem firmeza.

– Espere um pouco, velho amigo...

– Não sou seu amigo – Hara o interrompeu com frieza. – Você é uma vergonha aos samurais. – Ele balançou a cabeça. – Nunca pensei que vocês fossem se dispor a se sujarem desta forma!

– Espere um pouco! – disse Kataoka com raiva, mas Hara não esperaria.

– Quem paga por toda esta baixaria, Oishi-dono? – perguntou ele com fúria na voz. – Enquanto alguns de nossos homens estão morrendo de fome nas ruas, com que direito vocês gastam nosso dinheiro desta forma?

– Hara, você já disse o bastante! – Oishi gritou.

– Eu já disse o bastante. Não tenho mais nada a dizer e mais nada a ouvir, tampouco. Contarei tudo isto a todos de nosso grupo, contarei que Oishi se tornou um ladrão e um salafrário em quem não se pode confiar. Eu deveria acabar com vocês agora mesmo!

Ele se virou para sair e Kataoka se lançou desesperado atrás dele.

– Hara, você não entende... – ele começou, mas Hara, com um gesto muito ofensivo, chutou o peito de Kataoka, empurrando-o violentamente.

– Filho de uma besta! – ele vociferou e saiu pela porta.

Quando fechou a porta, Oishi viu um jovem esperando atrás dele, mas o rosto não lhe era familiar, e ele rapidamente se esqueceu do que viu.

Hara se foi e Oishi e Kataoka permaneceram ali, tristes, balançando a cabeça.

Depois de um momento, a garota, ainda pálida e trêmula, começou a se movimentar na direção da porta de entrada da casa de chá, mas Oishi a viu de soslaio. Bloqueou seu caminho e abriu um sorriso forçado.

– Por favor – disse ele –, não é nada com que se alarmar. Nosso amigo é muito antiquado e não entende por que gostamos de nos divertir de vez em quando.

A menina hesitou e a cor voltou a seu rosto aos poucos.

– É tarde demais para cantar, mas agradecemos pelos bons momentos. – Ele abriu a bolsa e tirou dali algumas moedas, que passou de uma mão a outra enquanto continuava falando. – Pode nos perdoar, não é? E não contar nada a ninguém?

A menina respirou profundamente ao ver o dinheiro e, quando Oishi terminou de falar e o entregou a ela, ela sorriu e revelou os dentes tortos.

– Obrigada, senhor. Por favor, volte mais vezes.

Oishi e Kataoka fizeram uma reverência desajeitada e saíram. Lá fora, Kataoka se afastou e, pela primeira vez, não fez nenhum comentário descontraído. Oishi percebeu que seu velho amigo havia sido muito humilhado pelos acontecimentos da tarde, e ficou imaginando se Hara também havia perdido toda a fé em seu líder.

Naquelas circunstâncias, ele não podia culpar nenhum dos dois, e quando chegaram a Yamashina, Oishi foi para a cama entristecido, mas esperançoso.



No meio da noite, Oishi foi despertado por sussurros no corredor perto de seu quarto. Tentou entender o que eles estavam dizendo, mas os sons se fundiam em sua mente e ele rolou na cama para conseguir voltar a dormir. De costas para a porta, pensou ter ouvido alguém abrir e fechar delicadamente a *shoji*, mas estava triste e embriagado demais para se importar e fechou os olhos até adormecer de novo.

Algum tempo depois, quando se virou na direção da porta, sentiu que havia mais alguém no quarto. E não apenas no quarto, mas na mesma cama que ele! Uma sombra estava deitada no colchão a seu lado, e Oishi se levantou, apoiando-se no braço, assustado. A primeira coisa que lhe ocorreu foi que podia ser sua esposa, que teria retornado da casa dos pais sem permissão. Sentiu vontade de abraçá-la e, ao mesmo tempo, de agredi-la por sua desobediência.

Então, a figura virou-se mais em sua direção e ele viu, à luz da lua que entrava leitosa pela janela de papel, que era Okaru. De novo, seus impulsos foram contraditórios. Soube instantaneamente que a presença dela ali se devia a Shindo e Koyama, o que o deixou

irritado e ressentido. Mas, por outro lado, tudo aquilo era engraçado! Era uma piada cruel tentar envolvê-lo com uma “esposa substituta”, e ele riu daquela situação desesperadora e divertida. Ao ouvir o riso, a moça olhou para ele com curiosidade. Oishi viu como a pele dela era pálida e distinguiu um leve brilho avermelhado em meio a seus cabelos perfumados. Ela era bela, ele tinha de admitir, e ele se aproximou enquanto ela o observava, sem se mexer.

Oishi esticou o braço para tocá-la para ter certeza de que era real e sentiu um desejo intenso ao tocar a pele quente de seu rosto. Levou a mão à nuca dela e acariciou devagar. Então, sua mão tocou o pescoço dela e lentamente desceu pela frente de seu kimono delicado, abrindo-o totalmente. Ele o abriu ainda mais, primeiro de um lado e depois do outro, até ela estar totalmente revelada à luz fraca. Sua pele era tão macia, tão perfeita, que ele hesitou em tocá-la de novo. Então, colocou a palma da mão sobre o peito da gueixa e sentiu seus batimentos cardíacos mais fortes.

Afinal, pensou ele, ela não precisava estar ali se não quisesse. Era uma gueixa de primeira classe e podia recusar-se a se deitar com homens indesejados. E não era vergonhoso para um homem não comer uma refeição posta à sua frente?

Com um suspiro, ele se posicionou sobre ela, mas a noite ainda lhe reservava surpresas. Quando o corpo dela o recebeu, ele sentiu uma sensação que nunca havia tido antes, um latejar rítmico que o acariciava sem parar até ele atingir o êxtase. E, então, continuou, e sentiu uma dor agradável enquanto cada gota de prazer era sugada. Ao sair de cima dela, ficou imaginando se aquilo era um truque, uma técnica que ela havia aprendido na casa das gueixas, ou se seria um dom raro com o qual ela havia nascido. No entanto, ele não teve coragem de perguntar-lhe. Melhor não se intrometer, ele pensou, e logo adormeceu.

De manhã, quando Oishi acordou e encontrou a moça ainda a seu lado, sentiu-se totalmente envergonhado por seu comportamento. Viu que ela já estava acordada e pediu desculpas.

– Não deveria ocorrer intimidade sem cortesia.

Ela sorriu para ele pela primeira vez e, de novo, ele viu sua beleza. Havia uma expressão melancólica constante naquele olhar, que dava a um simples sorriso um toque de mistério.

– É uma questão de pouca importância – disse ela simplesmente.

Oishi sentiu-se tranquilo e agradecido por um momento e, então, voltou a pensar na briga no teatro. Ela estava lá e certamente recriminava a atitude tola dele em um teatro repleto de pessoas. E uma coisa lhe ocorreu: como ela o havia visto e devia considerá-lo um tolo, por que consentira em entrar em seu quarto quando os bem-intencionados parentes dele a chamaram? Será que ela precisava do dinheiro que eles, sem dúvida, tinham dado a ela? Não era provável para alguém de sua classe. Talvez ela fosse uma espiã, que havia entrado na casa dele aproveitando-se da inocência de Shindo e Koyama. Ela pareceu adivinhar o que ele estava pensando, mas ao ver aquele sorriso mais uma vez, Oishi desconversou com um gracejo.

– Dizem que uma mulher que sorri para todos tem o coração frio.

– Pode ser – ela concordou, ainda sorrindo. – Mas o que faz você acreditar que eu sorrio para todo mundo?

– Faz parte de seu trabalho – disse ele simplesmente. – Não me considero diferente dos outros.

– Todos os homens são diferentes, mas, ao mesmo tempo, iguais.

– Verdade – ele concordou. – Mas alguns homens devem ser evitados, não procurados. Criadores de problema e afins não causam nada além de dor a quem os cerca.

– Um braço toca outro porque assim foi predestinado no mundo anterior – disse ela, baixinho.

– E o que é unido deve se separar – disse ele, igualmente baixo. Então, de repente, ele mudou de assunto, preferindo não correr o

risco de começar uma discussão. – O *kabuki* não foi como você disse que seria – ele começou, voltando ao assunto que já havia sido discutido.

– Sinto muito que você não tenha gostado – respondeu ela, adotando um tom mais simpático.

– Você disse que era realista. Para mim, foi totalmente o oposto. Camponeses não se comportam daquele modo. Tampouco as mulheres nobres. – Okaru ergueu levemente as sobrancelhas, mas permaneceu em silêncio. – Nenhuma mulher de um samurai o abandonaria por um plebeu como aquele da peça – ele prosseguiu. – Foi totalmente inacreditável. Entendo que pessoas ignorantes, que não sabem de nada, possam acreditar naquilo, mas qualquer pessoa que já conviveu com a nobreza saberia que tais coisas não acontecem.

– Tenho certeza de que você conheceu mais mulheres nobres do que eu – disse ela. – Mas você não viu o fim da peça. O jovem plebeu se torna um samurai! E ainda que você não tenha imaginado, a maioria das pessoas na plateia sabia disso, porque já tinham assistido à peça antes.

Oishi ficou em silêncio por um momento.

– Bem, isso faria diferença – disse ele, por fim. – Mas, ainda assim, não justifica a infidelidade dela.

– Mas e se o marido dela a tratasse com crueldade? E se ele tivesse se divorciado dela por um motivo qualquer e ela não tivesse a quem recorrer?

Aquela conversa estava começando a se tornar familiar demais, desconfortável, e Oishi hesitou.

– Talvez – disse ele. – Mas, ainda assim, nenhuma mulher decente se entregaria de modo tão promíscuo a um homem.

Foi a vez de Okaru se sentir desconfortável, mas apenas assentiu, concordando.

– Sim – disse ela. – Você provavelmente tem razão. Não conheci muitos homens nobres. Tampouco muitas mulheres decentes. Tenho

certeza de que você está certo sobre o modo como eles se comportam.

Oishi percebeu, tarde demais, como seu comentário a havia ferido, mas não encontrou palavras de retratação que parecessem adequadas. Envergonhado, voltou a adotar a postura direta.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ele.

– Seus parentes me pediram para vir – disse ela simplesmente. – Disseram que você precisava de uma mulher na casa para que não fosse ao centro de diversão todas as noites e, assim, acabasse com sua saúde.

– Eles procuraram você? – perguntou ele.

– Sim, claro – respondeu ela, surpresa. – Você achou que eu...? – Ela hesitou, e então sorriu. – Não que uma mulher não precise de um homem assim como ele precisa dela.

Os pensamentos de Oishi ainda estavam concentrados em Shindo e Koyama, e ele a ouvia falando, mas não entendia o que dizia. Será que estavam realmente preocupados com a possibilidade de ele morrer? Ou havia mais alguma coisa que pretendiam obter levando a moça à sua casa? Com certeza o estavam observando com atenção para saber que aquela mulher, entre todas as gueixas de Kyoto, o havia atraído mais. Mas o que aconteceria se Oishi se envolvesse demais com ela? Aquilo também fazia parte do plano? Confuso, ele se voltou para ela.

– E os seus clientes, moça? Pode se dedicar a apenas um, deixando os outros de lado?

– É o meu trabalho – disse ela, rindo.

– Mas por que escolher um homem dissoluto como eu?

– Vou lhe contar um segredo, senhor – disse ela misteriosamente.

– Você não é tão mais velho do que eu.

Oishi assentiu.

– Talvez seja por isso que eu me sinto mais atraído a você do que às outras, quero dizer... – Ele parou, irritado, ciente de que havia dito mais do que pretendia. Pensou que Okaru riria do deslize, mas ela

apenas esperou que ele terminasse. – Quero dizer que as meninas mais novas são tolas. Mas os homens da minha idade também são.

– Mas você não é.

– Como pode dizer isso? – perguntou ele, surpreso. – Sou o maior tolo de Kyoto. Você viu uma amostra de meu comportamento ontem, no teatro.

– Assim como não o considero tão velho, não o considero tão tolo – disse ela, segura.

– O que você vê em mim? – perguntou ele, levantando a voz, alterado.

– Talvez eu veja alguém que sofreu uma perda de posição, com o qual me identifiquei.

– Você se identificou comigo ou sentiu pena de mim? – perguntou ele.

– Ah, não sinto pena de você. Sinto que um dia você vai reaver o que é seu de direito. Como sabe, um homem tem mais capacidade de fazer isso do que uma mulher.

Oishi olhou para ela, que parecia estar contando a ele, com franqueza, que sabia tudo sobre ele. Ou seria apenas uma típica atitude de gueixa: um sorriso e uma palavra doce para todo mundo?

– Você está falando bobagens – disse ele. – O que eu perdi não poderá ser recuperado. Nem toda a determinação do mundo vai me ajudar a reaver o que se foi.

– Se você diz... – ela concordou sorridente.

– Você me viu no teatro – disse ele com a voz baixa. – Você ainda acha que, depois daquela atitude horrorosa, sou um guerreiro?

– Se preciso for. Acredito que você poderia ser.

– E o que leva você a essa conclusão?

– O que sei a seu respeito, nas poucas vezes em que nos encontramos. Por exemplo, tenho a impressão de que as coisas no teatro aconteceram exatamente como você queria.

Oishi se assustou.

– Como assim?

Para responder, ela saiu da cama e caminhou em direção a um canto, onde ele havia deixado sua espada na noite anterior.

– Fiz uma aposta comigo mesma a respeito de sua espada – disse ela, pegando a arma com a bainha. Oishi fez um movimento involuntário para impedi-la, e então voltou a se recostar para ver o que ela faria. – Aposto que não está tão enferrujada como você finge que está. – Ela voltou e ficou de pé na frente dele em sua fina camisola, com a mão no cabo da espada. – Estou certa? – Ele olhou para ela, percebendo que não podia dizer nada para impedi-la. – Estou certa? – ela repetiu e, então, sem esforço, tirou a lâmina da bainha para segurá-la acima da cabeça em um gesto de ataque.

Oishi só resmungou e continuou olhando. De repente, Okaru começou a rir e enfiou a espada na bainha de novo. Deixou que ela caísse no chão e ficou ali, rindo, triunfante e aliviada por estar certa.

Oishi abriu um sorriso e então começou a rir também. Rapidamente, ele mexeu o pé para prender suas pernas por trás. Ele a puxou delicadamente e ela deixou-se cair sobre ele. Oishi começou a pensar se Okaru poderia ser uma espiã. Porém, seus pensamentos logo foram interrompidos pelos lábios dela nos dele e ele se entregou, como ela queria. Não há como negar que o fogo se espalha rápido na palha.



Na loja de arcos em Osaka, Hara estava muito incomodado. Suas mãos tremiam quando ele ergueu o arco e posicionou uma flecha, e sua mira estava tão ruim que ele errou completamente o alvo.

Ele xingou baixinho. Nunca na vida havia se sentido daquela forma. Nem mesmo sair do castelo em Ako havia tirado dele a fé na justiça tanto quanto seu encontro com Oishi. Hara era um homem simples e, a princípio, não acreditou no que estava vendo. Sentia-se denegrado e ofendido pelas atitudes de Oishi e até repreendeu a si mesmo por não ter matado seu líder naquele momento. Apesar da longa amizade entre eles, havia limites para o que um samurai conseguia aguentar.

Felizmente, Hara estava sozinho naquele momento e ninguém percebeu sua má pontaria. Teria de se recompor antes que as pessoas chegassem para as aulas. Sua paciência estava tão desgastada desde a volta de Kyoto que a falta de jeito de seus alunos poderia irritá-lo mais do que o normal.

Na verdade, pensou, ele só tivera um aluno promissor desde a abertura da loja. Claro que a escola não passava de fachada, mas ele se sentia satisfeito por ter passado o básico do tiro com arco a um jovem musculoso. Aquele rapaz sorridente se chamava Konishi, e ele havia se tornado assistente de Hara e sua companhia quase constante. Expressava grande admiração pela habilidade de Hara com um arco e implorava para saber histórias sobre a vida no castelo em Ako. Disse ser o filho de um mercador e nunca ter conhecido um samurai.

Aquela demonstração de interesse era lisonjeira, e Hara esforçou-se ainda mais com as aulas. Pensou que, se o jovem continuasse a mostrar progresso, poderia até conversar com Oishi, a fim de encontrar uma maneira de ajudá-lo com o negócio. Então, lembrou-se de seu último encontro com Oishi e rosou de raiva. Nunca mais pediria nada a ele. E quanto ao assunto da vingança, cuidaria dela pessoalmente, se preciso.

Seus pensamentos foram interrompidos pela chegada ruidosa de Konishi. O jovem entrou correndo sem fôlego e fez uma reverência rápida, encostando joelhos e cabeça no chão em um só movimento.

– Ei! Qual é o problema agora? – perguntou Hara.

Konishi levantou a cabeça e sorriu.

– Sensei – disse ele, dirigindo-se a Hara com o título de honra de professor. – Não imagina quem eu vi em Osaka hoje!

– Não estou interessado em adivinhar nada – disse Hara, dando-lhe as costas.

– Um de seus compatriotas! – o jovem continuou animado, e Hara virou-se para olhar para ele.

– Alguém de Ako?

– Sim, ele tem um negócio aqui e parece estar muito bem.

– Um negócio? Quem seria? Você sabe seu nome?

– Oh, não. Apenas reconheci o brasão de Ako no local onde ele trabalha.

– Hum. E que tipo de negócio era? Outra escola de tiro com arco?

– Não, sensei. Era uma loja de tecidos, bem grande.

– Loja de tecidos? Quem poderia ser? – Hara pensou por um momento, e então saiu da loja abruptamente. – Venha – disse ele rapidamente. – Mostre-me essa loja de tecidos onde viu o brasão de Asano.

Konishi ficou de pé e, com um sorriso, o seguiu para fora.

A caminhada pelas ruas de Osaka até a loja que tanto surpreendera Konishi foi curta. Quando chegaram lá, Konishi apontou e sorriu, e Hara, até aquele momento não acreditando que o menino estava contando a história direito, retraiu-se.

E como esperado, ali, diante de uma loja comum de tecidos, à vista de quem passava, estava o brasão dos Asano, exposto como se fosse uma placa anunciando macarrão ou arroz.

Hara rangeu os dentes e seguiu em frente, com o rapaz logo atrás. Apesar de sua preocupação, Hara sabia que não devia envolver seu jovem assistente em questões do clã e mandou que ele esperasse do lado de fora. Então, entrou na loja.

Do lado de dentro, olhou ao redor à procura de pistas que indicassem a identidade do proprietário, sem sucesso. Havia rolos de tecido expostos aos clientes por diversos vendedores jovens, mas Hara não reconheceu nenhum deles. Então, ouviu uma voz familiar e se virou. Vindo da sala dos fundos com alguns produtos especiais para expor, estava o antigo tesoureiro do clã dos Asano, Ono!

Hara ficou surpreso por um instante, mas logo percebeu que não havia motivos para isso. Ono era do tipo que não pensaria duas vezes antes de esfregar o brasão da família na lama se isso o favorecesse. Se o dinheiro que ele havia usado para entrar no negócio foi conseguido por meios lícitos ou não, Hara não tinha como saber. Mas tinha algumas ideias a respeito da situação atual de Ono e de alguns modos de usá-la.

Hara deu um passo à frente e segurou Ono pela gola da camisa.

– Por favor – disse ele ao senhor, cujo rosto havia empalidecido de repente –, mostre-me algumas de suas peças especiais.

Hara empurrou Ono na direção de onde ele havia saído, de volta para o estoque, onde podiam conversar sozinhos. Colocou o velho homem sobre um rolo de material e dobrou os braços ao se posicionar na frente dele.

– Preciso parabenizá-lo, Ono-san, pela prosperidade. Deve estar se saindo melhor do que qualquer outro *ronin* de Ako.

Não havia nem sinal de ameaça em sua voz, mas Ono não era tolo. Sabia muito bem o que Hara pensava dele.

– Espere um pouco, velho amigo, não há nada de errado com o que estou fazendo...

– Eu disse que há? – perguntou Hara inocentemente. – Acredito que você se saiu maravilhosamente com o pouco dinheiro que todos recebemos. Sempre soube que você tinha jeito com dinheiro. Agora vejo que sabe fazê-lo aumentar também.

– Trabalhei muito aqui, meu amigo – disse Ono, de modo defensivo. – Meu filho e eu tivemos que trabalhar muito para conseguir isto.

– E vocês merecem os créditos – disse Hara, concordando.

Ono remexeu-se inquieto. Alguma coisa estava prestes a ser revelada, algo que ele sabia que não iria apreciar, mas ainda não conseguia entender quais eram exatamente as intenções de Hara. Havia um estratagema que sempre funcionava, no entanto, e ele decidiu que estava na hora de usá-lo.

– Sinto muito se as coisas têm sido ruins para você – disse ele, com um sorriso doentio. – Percebi que você tem poucos clientes em sua escola de tiro com arco. Pensei em passar por ali várias vezes, mas, como disse, estou sempre correndo com o trabalho... – Hara nada disse, e Ono continuou: – Para dizer a verdade, eu estava comentando com meu filho, dia desses: “Por que não chamamos Hara para vir trabalhar aqui? Ele seria um bom funcionário, e tenho

certeza de que ele gostaria de aumentar a renda”. – Hara continuou olhando para ele sem expressão, e Ono falou um pouco mais rápido.

- Posso ajudá-lo agora, velho amigo? Talvez com um empréstimo...
- O velho ficou de pé e correu para um canto da sala para pegar uma caixa de dinheiro que estava embaixo de uma pilha de produtos.
- Veja! Isto é a recompensa pelo investimento de capital e trabalho. Pegue quanto precisar! Farei uma nota do valor e...

Hara calmamente se aproximou e pegou a caixa com apenas uma das mãos. Havia encontrado a solução perfeita para recompor os cofres que Oishi estava roubando. Sem dizer mais nada, começou a sair da loja enquanto Ono corria atrás dele como um peixe fora d'água.

- Mas não, não tudo. Não pode fazer isso!

Hara parou e se virou para ele.

- É por uma causa justa, não é para meu uso pessoal. Você vai ficar feliz por ter feito tamanha contribuição.

Ele começou a andar de novo.

- E tire o brasão dos Asano que tem aqui pendurado, sim? – disse ele, com educação. – Se não fizer isso, voltarei com uma espada, que é o que você merece.

Ono continuou olhando para Hara, enquanto este se afastava. Depois, chutou um rolo de material, pela raiva que sentia. Havia sido roubado na própria loja, e não havia nada que pudesse fazer a respeito.

Ao sair, Hara encontrou-se com o filho de Ono, que entrava.

Ao ver a caixa de dinheiro, o rapaz percebeu tudo e passou por Hara com uma rápida reverência. Hara riu. O menino era tão medroso quanto o pai. O clã ficaria melhor livre dos dois.

Do lado de fora, encontrou-se com Konishi novamente, que estava morrendo de curiosidade para saber o que havia acontecido dentro da loja, mas Hara não contou nada. Determinado, atravessou a rua coberta pela poeira, já quase vazia de lojistas ao fim do dia, e voltou para a loja de arcos, onde poderia contar o dinheiro sem ser

perturbado. Ele tinha planos bastante específicos para usar os fundos, e nenhum deles incluía seu antigo líder, Oishi. À noite, escreveria a Horibe e faria as coisas andarem na direção que os mais corajosos desejavam.



CATORZE

Certa manhã, Okaru ficou surpresa quando recebeu um mensageiro com um bilhete de seu antigo empregador, o dono da Garça em Voo. Nele, Hoshino dizia que a visitaria naquele dia, se ela não se opusesse. Oishi estava fora e ela estava sozinha em casa, acompanhada apenas por Chikara e pela pequena *maiko* que trouxera para viver com ela. Não viu problema nenhum naquele pedido e enviou um recado de confirmação, apesar de ter pensado que seus elos com a Garça em Voo tivessem sido desfeitos.

Okaru tinha um história incomum para uma gueixa, e a sua pequena *maiko* era a única pessoa com quem já tinha compartilhado o assunto. Ela era a filha de um camponês expulso de suas terras pelas consequências das Leis de Preservação da Vida. Para ajudar a família, ele havia tomado a vergonhosa decisão de se dedicar aos negócios, caindo, assim, dois degraus na escada social de samurai, camponês, artesão e mercador. Por último, claro, vinham os *eta*, mas eles não contavam na estrutura social.

Durante um tempo, as coisas não foram fáceis para o pai de Okaru em seu novo trabalho. Depois, no entanto, tudo começou a

transcorrer muito bem, e isso foi o problema. Ele se tornou tão bem-sucedido nos negócios que tolamente começou a gastar dinheiro com roupas caras e outros itens que, aos olhos dos nobres, eram mais adequados a pessoas de estratos mais elevados da sociedade. Seus gastos foram percebidos pelos governantes da cidade e eles, por sua vez, passaram a questão a Edo.

Quase imediatamente, chegou uma ordem do xógum a seu pai. Ele deveria colaborar “voluntariamente” com fundos necessários para a construção de um novo templo budista nos bairros em crescimento de Osaka. O pai não teve escolha a não ser obedecer, e o custo dos materiais e do trabalho levou cada centavo de sua fortuna, assim como o xógum havia planejado. Então, terminou onde havia começado, sem dinheiro, sentindo-se mais desgraçado do que nunca e sem vontade de tentar de novo. Morreu pouco tempo após perder o dinheiro. Sua esposa faleceu semanas depois. Com um irmão mais novo para sustentar, Okaru conseguiu fazer uso de sua educação e graciosidade e se tornou uma gueixa.

Okaru não achava ruim sua vida na casa Garça em Voo; qualquer coisa era melhor do que passar fome. Além disso, ao dedicar-se aos clientes mais difíceis, ela obteve fama como curadora de tristezas. Seu empregador reconhecia seu valor e dava a ela privilégios especiais, mas Okaru se dava tão bem com as outras gueixas que elas não sentiam inveja. Hoshino detestara perdê-la, mas a oferta de Shindo e Koyama para comprar sua liberdade havia sido generosa e coincidia com os desejos de Okaru. Desde o primeiro encontro, ela havia se sentido atraída por Oishi, mesmo que não entendesse o motivo. Talvez fosse o fato de ele ter perdido algo que amava, sem contudo perder a esperança de reavê-lo, o que fazia com que ambos tivessem algo em comum.

Okaru havia passado por uma experiência arrasadora, e agora via uma oportunidade de ajudar Oishi. Ela não hesitara muito quando foi convidada para ir à casa dele. Só mais tarde soube que não tinha sido ideia de Oishi que ela fosse viver com ele, mas, felizmente, tudo dera certo. Agora que estava ali, sabia que nunca partiria por vontade própria e esperava que ele nunca a deixasse. Mas era

apenas uma pequena esperança: Okaru era uma moça sensível e inteligente e, para ela, era claro que Oishi era um homem com uma missão. O máximo que ela podia fazer era ajudá-lo a completá-la.

Mas ela desejava saber o que Hoshino queria. Será que ele sentia falta de seus serviços e a queria de volta? Era incomum que uma moça voltasse ao centro de prazer depois que saísse de lá. E era quase impossível para uma gueixa de primeira classe recuperar sua posição depois de ter desprezado todos os clientes normais para partir e viver com um homem apenas.

Hoshino chegou na hora certa, gordo e ofegante, deixando um rastro de transpiração. Estranhamente, estava sozinho, apesar de normalmente viajar com um grupo de servos ou com um empregado, pelo menos. Com esforço, ele desceu do palanquim e entrou na casa.

– Ah, Okaru! – ele chamou com admiração e desejo, quando a viu. Havia se esquecido de como ela era bela e se arrependia, mais do que nunca, de tê-la vendido. Ela fez uma reverência e os dois entraram na casa.

Kataoka chegou a Yamashina antes de qualquer outra pessoa naquela noite. Ele havia feito outra viagem a Osaka para falar com Hara, mas a conversa tinha sido inútil, como sempre. Ficou surpreso ao ver o palanquin na frente da casa e estava prestes a descobrir a quem ele pertencia quando viu alguém saindo e parando à sombra da parede.

Ficou perturbado ao ver o gordo Hoshino e tentou imaginar uma razão para uma visita como aquela. Não conseguiu pensar em nada, e isso o incomodou. Ao se mudar para a casa de Oishi, Okaru havia se desligado da Garça em Voo, e era presunçoso da parte de Hoshino tentar restabelecer um relacionamento entre eles. Kataoka ficou extremamente irritado, além de confuso, e decidiu seguir o palanquim para ver aonde iria em seguida. Fazer um pouco de

espionagem por conta própria poderia ser lucrativo, ele pensou, e tomou o cuidado de se manter fora da vista do *komuso* do outro lado da casa.

O caminho de Hoshino levava diretamente para a casa de gueixas, e Kataoka estava prestes a voltar para Yamashina, desapontado, quando viu que dois homens estavam esperando em um jardim externo pelo retorno do gordo proprietário. Kataoka viu que a discussão entre os homens, independentemente do assunto abordado, não era muito simpática. Os dois estranhos estavam de costas para a entrada, mas Kataoka viu que Hoshino fazia reverências e implorava algo, provavelmente dinheiro. Um dos dois homens entregou a ele algumas moedas, e eles se retiraram abruptamente, deixando-o com um trapo para secar o rosto.

Então, os dois homens seguiram em direção a Kataoka, que estava ao lado de uma parede ornamental do lado de fora do jardim, ali permanecendo até que passassem. Quando sumiram de vista, Kataoka respirou fundo, chocado: um dos homens era alto, magro e tinha uma voz grave; não era outro senão Fujii, o chefe dos espões que os estavam perseguindo havia tantos meses! Assim que os homens passaram por ele, Kataoka saiu rapidamente do jardim e voltou correndo para Yamashina.

– Sua vagabunda! – ele gritou, e bateu novamente no rosto da gueixa.

Okaru levou a mão ao local machucado e recostou-se contra a parede, mas não disse nada. Kataoka a agarrou pela gola do kimono, puxando-a para ele. Mais uma vez, ele a agrediu; mais uma vez, ela ficou em silêncio. Sangue escorria do canto de sua boca quando Okaru olhou para Kataoka com um olhar de súplica, mas ele não prestou atenção.

– Como você pôde fazer isso. E a um homem que você disse que amava!

Kataoka puxou-a para a frente e estava prestes a acertá-la com mais um soco no rosto, quando a porta atrás dele se abriu. Oishi, com os olhos vermelhos, deu um passo longo para dentro da sala e segurou o braço de Kataoka.

– O que você está fazendo com ela? Ficou maluco?

Kataoka caiu de joelhos, aos prantos.

– Gostaria de ter enlouquecido. Gostaria de não ter visto o que vi.

– O que você viu? – perguntou Oishi, ainda segurando o braço de Kataoka e olhando assustado para Okaru, toda desgrenhada.

– Preferiria morrer a ter de lhe dizer isto, mas ela é uma espã!

Oishi soltou o braço de Kataoka e deu um passo para trás como se tivesse recebido um golpe. Okaru começou a soluçar, mas, se estava tentando dizer algo, Oishi não conseguiu escutar. Oishi caminhou lentamente em direção à porta, pausando apenas para murmurar:

– Saia. Pegue suas coisas e saia.

Então, ele deixou o quarto. Kataoka continuou ajoelhado, olhando para o chão. Okaru soluçava contra a parede até seus joelhos tremerem, e caiu no chão. Em seus olhos abertos, havia a sombra da loucura.

Foi Chikara quem a encontrou mais tarde, despertado por um grito. Ele correu para a ala das mulheres dentro da casa: a pequena *maiko* havia gritado, mas, quando Chikara apareceu, só conseguia apontar para dentro do quarto de Okaru.

A gueixa estava pendurada pelo próprio cachecol em uma viga do teto.

Chikara, com espanto nos olhos, deu um passo à frente para segurá-la e desfazer o nó. Colocou-a no chão e tentou escutar seus batimentos. Então, Okaru gemeu, e Chikara percebeu que ela estava viva.

– Rápido – disse ele à menininha no corredor. – Chame meu pai.

– Mas eu o vi – Kataoka repetia. – Era o espião que vínhamos evitando durante todos esses meses: Fujii. Ele estava pagando ao velho Hoshino por seus serviços, imediatamente depois de ele ter voltado de uma visita à Okaru. O que mais eu poderia pensar?

– Fique quieto – Oishi resmungou ao se ajoelhar ao lado do corpo inerte de sua amante, tentando fazer com que ela bebesse um pouco de chá. – Acredito em tudo o que você diz. Mas eu deveria ter ouvido o lado dela também. Isso parece a atitude de um espião? – E ele apontou para o corpo inerte da moça, para a marca do cachecol ainda em sua garganta.

Kataoka estava em silêncio, e os dois observavam Okaru com ansiedade. Chikara e a pequena *maiko* sentaram-se ainda mais ao fundo da sala, tomando o cuidado de fazer silêncio para que ninguém os notasse e os mandasse para a cama. Okaru se remexeu e murmurou algo, para, então, lentamente, abrir os olhos. Ela olhou ao redor, para eles, e seus olhos pararam no rosto de Oishi.

– Sinto muito – disse ela, com um tom formal de desculpas, e as lágrimas encheram seus olhos. – Mas não aguentei quando vi seu amor por mim morrer.

Oishi murmurou algo para acalmá-la, e ela esboçou um leve sorriso. Então, ele se virou aos outros.

– Podem ir para a cama agora. Okaru vai ficar bem.

Silenciosamente, todos eles se levantaram, e Oishi e Okaru ficaram sozinhos.

– Ele queria que eu espionasse, mas eu disse a ele que não podia fazer isso – disse ela, de modo doloroso.

– Eu sei, eu sei. Vá dormir e amanhã já teremos esquecido tudo isso.

Ele se deitou ao lado dela e, por um tempo, os dois dormiram.



Era meio de verão, tempo do festival Ura Bon, e Oishi decidiu que não seria nada ruim comemorar. Tinham perdido muitas festas no ano passado, e era hora de compensar. A casa estava decorada com lanternas, aves de papel trançado que assoviavam, as quais subiam e desciam quando acesas, e legumes de boas-vindas aos espíritos dos antepassados. Um santuário especial foi construído no corredor de entrada para O-Shoryo-sama, representando os espíritos reunidos de todos os seus ancestrais. Os nomes dos falecidos eram escritos em um pergaminho comprido e guardados dentro do santuário, e um incenso era mantido aceso diante dele. Cada um dos presentes fazia orações à sua própria maneira, de acordo com a tradição de que o seu próprio Buda é o melhor a se adorar.

Na última manhã do Ura Bon, a comida decorada era colocada em canoas de capim dos pampas e levada ao rio. Na aurora, velas eram acesas em pequenos barcos que eram, então, colocados na água e empurrados corrente abaixo. Enquanto eles desciam, os observadores nas margens se despediam de O-Shoryo-sama até o ano seguinte.

Chikara e a pequena *maiko* eram responsáveis pelo lançamentos dos barco e estava claro que se divertiam imensamente. Quando os outros partiram, elas permaneceram na margem do rio e observaram até as luzinhas desaparecerem correnteza abaixo, sentindo o calor do sol que nascia.

– Onde estaremos quando o O-Shoryo-sama vier de novo? – perguntou a menina de modo pensativo ao levantar a cabeça para o garoto ao lado dela.

– Quem sabe? – respondeu ele. – Neste mundo, um passo à frente é a escuridão.

– Mas você não gostaria de saber? – perguntou ela. – Acha que nós ainda estaremos vivendo aqui, como agora?

– Qual é a diferença? Todo lugar é como o outro, não é?

– Oh, não – disse ela de modo decidido. – Nenhum outro lugar é como este.

Chikara olhou para ela com certo desconforto. Ele não tinha a menor intenção de desvendar mistérios, mas sentia que era sua obrigação não alimentar ilusões.

– Mas e a casa das gueixas? Você não gostava de lá? – perguntou ele.

– Oh, sim. Era divertido. Em parte do tempo, pelo menos. Havia muito trabalho, também. Não que eu me importasse, mas nunca era... calmo, como aqui.

– Acho que aqui é silencioso demais – disse Chikara, um tanto irritado. – Quando se é treinado como samurai, é preciso ter uma certa dose de ação, ou se sente paralisado.

– Sinto falta de algumas festas – ela admitiu –, mas festas demais cansam. Se ao menos eu pudesse trabalhar lá parte do tempo e vir aqui quando quisesse, seria perfeito.

– O que vocês fazem nas festas? – perguntou Chikara, com curiosidade. Ele nunca havia entrado em uma casa de gueixas na vida e sabia que não tinha chances de entrar em uma no futuro.

– Ah, servimos chá e saquê, e sorrimos. Acima de tudo, tentamos aprender com gueixas de primeira categoria, como Okaru-san, sobre o que os homens desejam. Então, fazemos aulas de dança e canto e praticamos diariamente com o *samisen* para que, quando formos mais velhas, estejamos prontas para sermos gueixas de primeira classe também.

– E quando será isso?

– Para mim, daqui a dois anos, quando terei dezesseis. É um momento que estou ansiosa para viver. Você virá me ver quando eu me tornar uma gueixa? Virá a Gion? Ficarei feliz se puder dançar para você.

Chikara hesitou, e então mentiu como um cavalheiro, garantindo a ela que o faria. Nenhum deles percebeu que Oishi e Okaru voltaram procurando por eles e agora estavam em silêncio em uma barranca, sorrindo ao ouvirem a conversa.

– Ficarei muito feliz em terminar o treinamento – disse a menina. – Não que eu não esteja indo bem – ela acrescentou rapidamente. – Okaru diz que sou muito boa para a minha idade, mas sinto muito frio no inverno, às vezes, quando tenho que permanecer sentada por muito tempo em uma sala fria.

– Você também tem que fazer isso? – perguntou Chikara. – Pensei que apenas os samurais tinham que passar por esse tipo de treinamento.

– Talvez ser um samurai e ser uma gueixa não seja tão diferente, não acha, Chikara-san? – perguntou ela com um ar de grande descoberta.

– Oh, são coisas muito diferentes – disse ele. – Os samurais têm que aprender a cavalgar e a lutar com espadas, arcos e flechas, aprender caligrafia e muitas outras coisas que as gueixas não têm que aprender.

– Mas precisamos treinar nossos corpos e nossas mentes de modo rígido também – disse ela. – Acho que são coisas parecidas.

– Bem, talvez – ele concordou com relutância. – Mas não conte a ninguém que eu disse isso.

Na barranca, Oishi sorriu para Okaru e eles se afastaram discretamente. Quando voltaram ao caminho que levava à casa, ele falou:

– E você passou por todo esse treinamento rigoroso também? Permanecendo na sala fria sem se mexer, por horas?

Ela riu.

– Eu era poupada de boa parte disso. Entrei tarde na profissão.

– Eu sei – disse ele, e ela o olhou surpresa.

– O que você sabe sobre mim? – perguntou ela.

– Tudo... Tudo que um macaco curioso chamado Kataoka poderia descobrir.

Ela fez silêncio por um momento, e então falou com a voz baixa:

– Então, você sabe o que eu quis dizer sobre me identificar com pessoas que tinham sofrido uma perda de posição.

– Mas você recuperou sua posição. Uma gueixa famosa é, certamente, de uma classe social mais alta do que a filha de um mercador. E você fez tudo sozinha e com todas as grandes dificuldades.

– Assim como você fará – ela disse repentinamente, numa seriedade profunda. – Assim como você fará.

Oishi sabia que ele não tinha segredos a guardar de uma mulher que pensava tanto quanto ele, e resolveu não esconder nada dela.

– Você sabe que, no fim, terá que voltar à casa das gueixas? – perguntou ele, delicadamente.

Okaru ergueu as sobrancelhas. Evidentemente, Oishi não tinha consciência de que tal atitude não era fácil de tomar. E em seu caso, poderia ser impossível.

– Amanhã é amanhã – disse ela, com um tom mais leve. – Vou me preocupar no momento certo.

– Espero que você não se importe tanto quando a hora chegar.

– Nunca me arrependi por ter me tornado uma gueixa – disse ela.

– Ainda hoje tem suas vantagens. Quando o vento de outono

começar a soprar em seu coração e eu me tornar tão inútil para você quanto um leque de papel, conseguirei seguir meu caminho como não conseguiria se minha posição na vida fosse diferente.

Oishi assentiu. Okaru sabia o que estava fazendo, e ele a respeitava por sua praticidade. Não era sequer necessário defender-se, dizendo que ele não se cansaria dela. Okaru sabia tão bem quanto Oishi que não era isso que os iria separar.

Continuaram a caminhar lentamente de volta para a casa. O dia ficou mais quente e as cigarras começaram a zunir. Oishi se lembrou do último encontro com a esposa, quando entregara a carta de divórcio e fizera com que ela se lembrasse de sua promessa de rezar por ele. Esperava que a fé das duas mulheres de sua vida fosse justificada. Tanto sacrifício tinha de ser compensado no fim.

Quando chegaram à frente da casa, Oishi, por costume, checou para ver se o espião ainda estava do outro lado. Como sempre, havia um *komuso* em alerta, e a testa de Oishi se enrugou enquanto ele murmurava um juramento.

Okaru se compadeceu por ele. Ela percebia a pressão sob a qual ele estava e, principalmente, como ele se preocupava com Hara, que continuava não respondendo às mensagens dele. A gueixa tentou pensar em uma maneira de ajudar. O que poderia ser feito para tirar os inimigos do caminho de seu amante de uma vez por todas? Se acreditasse que isso ajudaria, fingiria ser uma espiã e mandaria mensagens falsas. Mas se ela fosse descoberta, as suspeitas surgiriam de tal modo que a posição de Oishi seria ainda mais difícil. Então, aquele não parecia um bom plano. Okaru sabia que o número de espiões havia diminuído desde que ela passara a viver em Yamashina, mas apenas reduzi-lo não bastava. Por mais que água mole viesse a furar pedra dura, talvez mais água, de outra fonte, se fizesse necessária. De qualquer modo, valia a pena conversar com Oishi. Às vezes, duas cabeças pensam melhor do que uma.

Já no fim de verão, Fujii, o espião, chegou à frente da casa em Yamashina para assumir seu posto. Bocejando, parou diante de seu subordinado com o cesto na cabeça e pediu um relatório das atividades da noite.

– Nada – foi a resposta abafada. – Ninguém entrou nem saiu a noite toda.

Fujii franziu o cenho. Aquele tinha sido o padrão por muitas semanas. E havia pouca movimentação também durante o dia. Oishi estaria doente, ou cansado das festas em Kyoto? A falta de movimentação deixava Fujii desconfiado e apreensivo. Ultimamente, seus relatórios a Chisaka davam a impressão de que Oishi havia se aposentado de vez. Mas seria verdade? Ou seria um truque, como suspeitava que o caso com Okaru também fosse?

Pensativo, Fujii dispensou seu homem e assumiu o posto. Estava quente dentro do cesto de palha em sua cabeça, e ele sabia que ficaria muito mais quente antes que o dia terminasse. Se ao menos alguma coisa acontecesse para aliviar a monotonia. Tudo dentro da casa parecia harmonioso. Em diversas ocasiões, ele havia visto Oishi e Okaru caminhando no jardim, e eles sempre pareciam atentos um com o outro. O jovem filho de Oishi também parecia ter encontrado uma companhia adequada na pequeno *maiko* e também não demonstrava sinais de inquietação. Tudo estava calmo demais, sob todos os pontos de vista. Algo tinha de acontecer.

O que de fato aconteceu naquela manhã foi algo que ele nunca poderia ter imaginado. Bem cedo, Oishi saiu da casa sozinho, carregando um equipamento desconhecido. Fujii observou com mais atenção e viu que se tratava de uma enxada! E além de carregá-la, parecia que Oishi ia usá-la!

Fujii ergueu o cesto da cabeça para observar melhor. Oishi começava a preparar a terra na frente da casa. Estava se preparando para o plantio do outono, afinal! Fujii estava apenas se acostumando à ideia quando Okaru apareceu para observar. Ela fazia algumas sugestões a Oishi, por exemplo, como lidar com a enxada e de qual área cuidar, e Fujii precisou piscar com força para ter certeza de que não estava sonhando. Seria aquele o grande

guerreiro, o samurai que tinha de seguir, sendo inclusive pago para isso, para impedir uma revolta sangrenta? Fujii nunca poderia ter imaginado que uma cena de tranquilidade doméstica como aquela poderia ter conexão com o ex-empregado da casa dos Asano. Conforme o dia foi esquentando, Oishi tirou a roupa de cima e passou a trabalhar com as de baixo, como qualquer camponês. O calor afetou Okaru, também, e ela se tornou mais estridente nos comentários e sugestões.

– Não é assim. É preciso cavar mais fundo do que isso!

Oishi não respondia, e continuava cavando.

Um pouco depois, ela falou de novo:

– Você acha que esta área está de bom tamanho? Temos muito o que plantar se quisermos ter legumes frescos todos os dias.

Oishi resmungou e tentou continuar cavando, mas o suor escorria sob seus olhos e ele parou para secá-lo com a mão.

– Não pare agora – disse ela. – Vamos terminar antes que es quente mais.

– Eu terminaria bem antes se você entrasse em casa e fechasse a boca – ele gritou para ela. Okaru ficou surpresa por um momento ao ver como Oishi havia falado com ela, e então se virou, soluçando e correndo para dentro da casa. Oishi disse um palavrão e voltou a trabalhar com afinco.

E Fujii observava tudo, entusiasmado.

Quando, naquele dia, deixou seu posto, rapidamente enviou uma carta a Chisaka informando-o a respeito daqueles acontecimentos inesperados e, por causa disso, ele logo foi chamado de volta a Edo.

Chisaka parou de andar na frente de Fujii e flagrou o espião bocejando de modo disfarçado.

– Estou perturbando você? – perguntou ele, com sarcasmo.

– Não, não – respondeu Fujii, rapidamente. – É que estamos com poucos empregados, e não tenho descansado muito.

– Se o que você está me dizendo é verdade – e o homenzinho de pele oleosa parou ao ver a mão do samurai segurar a espada –, quero dizer, se é verdade que Oishi se aposentou para sempre, então você terá muito tempo para descansar.

Fujii respirou fundo.

– Sei que tudo indica que a aposentadoria dele é definitiva, mas ainda tenho a sensação de que as coisas não são o que parecem ser.

– Compreendo seus sentimentos. Você está na trilha de Oishi há tanto tempo que provavelmente não quer desistir. Mas sou eu quem interpreta os fatos a partir de suas observações. E, com base em seus relatos, entendo que não posso justificar mais gastos a Lorde Uesugi.

O modo com que Chisaka disse aquilo deixou Fujii inquieto. Ele esperava não ter ofendido aquele homem, que podia lhe fazer muito bem ou muito mal.

– Eu sou um soldado – disse ele, simplesmente. – Sigo ordens da melhor maneira que consigo e não questiono minhas tarefas. Aceito sua interpretação.

Chisaka sorriu com aquele reconhecimento de sua superioridade, e então pigarreou e se virou.

– Você tem sido um ótimo ajudante, Fujii – disse ele, por fim –, e eu pretendo recompensá-lo por seus serviços.

– Só espero ter o privilégio de continuar servindo a casa dos Uesugi – disse Fujii, com uma modéstia que não sentia.

Chisaka virou-se para ele e cruzou os braços.

– Isso é algo que eu queria discutir com você. – Ele viu os olhos do homem magro se estreitando, e acrescentou rapidamente: – Não que eu não queira você como um de nossos arqueiros. Sei que você é excelente. Mas há outras considerações. Financeiras, para começar. Você sabe quanto essa espionagem custou ao nosso caixa nos

últimos meses. E, como sabe, o custo para manter um guerreiro aumentou demais, principalmente se considerarmos que vivemos em épocas de paz. Não deveria dizer isso, mas tivemos que reduzir nossas forças recentemente e dispensar homens que estiveram na casa dos Uesugi a vida toda. Então, perceba que seria estranho manter você.

Fujii não conseguiu mais se conter.

– Mas não percebe que, se dispensarem os espões e deixarem Oishi ir e vir como quiser, Lorde Kira terá apenas uma última linha de defesa, que seria somente uma grande força de tropas bem-treinadas.

– Acredito que já temos um número suficiente delas – disse Chisaka, com calma.

– O que você tem contra mim para me tratar assim? – perguntou Fujii, colocando-se de pé enquanto falava.

Chisaka pensou por um momento.

– Bem, só o fato de você fazer com que eu me lembre de todo o caso dos Asano – disse ele, por fim. – E eu prefiro considerar o assunto encerrado.

Fujii fechou os olhos. Ele havia assumido aquele serviço sujo porque isso prometia a ele uma chance de se livrar da malvista posição de *ronin*. Mas agora tudo aquilo, juntamente com aquela conversa, estava acabado.

Foi Okaru quem recebeu as boas notícias primeiro. Ela havia saído cedo da casa para regar a pequena horta de vegetais e percebeu que algo estava diferente. Olhou ao redor, confusa, sem saber o que era. Então, virou-se na direção do portão, para a estrada, e percebeu o que era: o espião havia desaparecido!

Rapidamente, correu até a cama de Oishi e se ajoelhou a seu lado. Sonolento, ele abriu os olhos para olhar para ela, e então os

arregalou ao ver a expressão da gueixa.

– O que você mais quer no mundo? – perguntou ela.

Ele sorriu e esticou o braço, mas ela segurou sua mão para ajudá-lo e ficar de pé. Então, com um amplo sorriso, ela guiou o incrédulo Oishi à entrada. Ele olhou para fora e se surpreendeu. Pela primeira vez desde que eles tinham chegado a Yamashina, não havia *komuso* de cesto na cabeça observando a casa. Oishi lançou a ela um sorriso breve de gratidão, e então deu um grito que fez com que os outros se aproximassem correndo e, em pouco tempo, todos estavam conversando animados.

Logo descobriram que o cozinheiro também havia partido, e Oishi e Kataoka trocaram uma piscadela enquanto os outros percebiam que ele havia sido mais um espião. Aquele era um motivo real para comemorar, e Okaru e a pequena *maiko* entraram na cozinha para preparar um banquete. O tempo de espera havia terminado, e os homens de Ako podiam se mudar, finalmente!

Em Edo, Kira não estava em clima de comemoração. Quando os relatórios dos espiões pararam de chegar, ele chamou Chisaka para saber o que havia acontecido. Chisaka, coçando a cabeça careca, disse a ele simplesmente que as despesas tinham aumentado demais e que os espiões haviam sido despedidos.

– Mas que proteção temos... – começou Kira, com as linhas de expressão da testa mais profundas.

– Oh, não se preocupe tanto – Chisaka interrompeu com uma risada forçada. – Mantivemos a vigilância por meses. Acho que está claro que eles não vão fazer nada.

– Não tenho tanta certeza – disse Kira, balançando a cabeça.

– O momento certo para que agissem teria sido quando o castelo foi tomado, não concorda? E, desde então, não fizeram nada suspeito. Mesmo quando o líder deles veio a Edo e você se

escondeu em sua mansão, não havia nada com que se preocupar. Ele foi visitar o túmulo do mestre, só isso.

– Mas eu me sentiria muito mais seguro se...

– Veja, Lorde Kira – Chisaka voltou a interromper –, consegui, com a permissão de Lorde Uesugi, colocar guardas em sua casa, que estarão prontamente disponíveis em caso de ataque. Isso tem sido um trabalho extra para mim e custos extras para a casa dos Uesugi. Ainda que pareça desnecessário, estamos dispostos a continuar dessa maneira por quanto tempo for preciso. Mas pedir mais...

Kira, de repente, compreendeu duas coisas. A primeira: se ele quisesse mais proteção, teria de pagar a Chisaka pelo serviço. Isso ele era incapaz de fazer, por falta de fundos, agora que sua renda havia sido reduzida em razão de sua aposentadoria. A segunda: Chisaka continuava a evitar o assunto de levá-lo ao castelo de Uesugi, e ele sentia que precisava se expressar a respeito.

– Houve uma conversa, certa vez, a respeito de minha mudança para o castelo...

– Não tem lugar – disse Chisaka rapidamente –, e não há necessidade. Você está seguro onde está, pode acreditar. Estamos próximos o bastante para que, se houver problema, possa pedir ajuda, e eu garanto enviar reforços, apesar de você ser um espadachim muito talentoso e eu não ver necessidade.

Kira estava longe de se sentir satisfeito, mas viu que não havia nada a fazer além de protestar diretamente com o lorde da casa. No entanto, ele relutava em fazer aquilo, devido à posição ocupada por seu neto. Então, despediu-se de Chisaka e foi para casa.

Lorde Kira teria ficado ainda mais perturbado se tivesse sido informado da carta que Horibe havia recebido. Tratava-se de uma mensagem de Hara, contando a ele que os boatos a respeito do comportamento de Oishi em Kyoto eram verdadeiros e que estava na hora de cuidar das coisas pessoalmente.

Horibe, ansioso, imediatamente partiu para Osaka para se reunir em segredo com seu novo líder. Diante das circunstâncias, eles não

acreditavam que teriam grandes dificuldades em conseguir colocar a maioria dos homens a favor deles.

Foi na escola de tiro com arco em Osaka, mais tarde naquele mesmo mês, que a decisão de atacar Kira fora tomada, ainda que de modo inesperado.

Hara havia convocado uma reunião noturna com todos os homens da região, explicando que, diante do comportamento obsceno de Oishi, ele não era mais considerado seu líder. Hara anunciaria que estava assumindo o posto, com a ajuda de Horibe, e eles não pretendiam perder tempo no planejamento e na execução de um ataque à mansão de Kira em Edo. Muitos não aceitaram o convite de Hara, ainda acreditando que seu líder era capaz, mas um bom número concordou com ele, e Hara ficou feliz ao ver que havia vários ali que lhe dariam uma chance.

Na galeria escura, iluminada apenas por uma tocha, Hara havia tomado a palavra e explicava por que se sentia no direito de convocar uma reunião, quando, de repente, alguém bateu à porta.

Hara parou de falar, e os homens se prepararam enquanto o guarda entreabria a porta para espiar. Estavam prontos para fugir ou lutar, mas não foi preciso fazer nem uma coisa nem outra. Todos viram que o guarda se assustou ao reconhecer os visitantes e fechou a porta de novo muito agitado, dirigindo-se a Hara.

– É Oishi! – ele sussurrou. – Oishi e Kataoka!

Hara e Horibe se entreolharam. Houve um momento de indecisão e, então, Hara falou:

– Permitam que eles entrem.

Horibe estava prestes a protestar, mas o olhar de Hara fez com que ele se calasse. Afinal, Oishi ainda era seu líder oficial, e eles não tinham alternativa a não ser permitir sua entrada, se ele a solicitasse.

O guarda voltou correndo para a porta e a abriu. Oishi, com um chapéu de camponês de abas largas, entrou com discrição. Em seguida, Kataoka apareceu, também vestido como um homem do campo. Oishi caminhou pela sala, passou pelos alvos para flechas amarelos e vermelhos, que criavam um contraste forte com a seriedade dos presentes, e finalmente parou diante de todos. Pegou uma flecha do chão e tirou as penas enquanto falava.

– Sinto muito por interromper sua reunião – disse calmamente, como se tivesse adentrado nada mais do que em um chá da tarde –, mas um assunto urgente apareceu e provavelmente afetará seus planos.

Ele olhou ao redor e alguns dos homens se remexeram com desconforto, com a sensação de que ele podia estar tentando memorizar seus rostos para uma futura represália. Oishi percebeu aquilo e imediatamente tentou acalmá-los.

– Em primeiro lugar, deixem-me dizer que não culpo ninguém por estar aqui hoje, tampouco guardo rancor daqueles que assumiram a autoridade de reuni-los.

Hara e Horibe olharam para o chão e não disseram nada. Oishi prosseguiu:

– Sei que muitos de vocês perderam a fé em minha capacidade de liderá-los, por ouvirem coisas a respeito de meu estilo de vida em Kyoto. Vocês provavelmente souberam dessas coisas por Hara, que testemunhou o modo como andei me divertindo com mulheres do mais baixo nível, com dinheiro que, claro, pertence a todos vocês. – Alguns dos homens começaram a se inquietar, envergonhados, mas Oishi continuou sua explicação paciente. – Vocês também podem ter ouvido história de que fui visto em locais públicos em estado de embriaguez e que já fui até flagrado brigando dentro de um teatro. Devo dizer a vocês, com franqueza, que todas essas coisas são verdadeiras. – Oishi ignorou o murmúrio baixo que foi ouvido em seguida e abaixou a flecha para se virar diretamente para Hara. – Mas pensei que meu velho amigo Hara permitiria que eu explicasse minhas atitudes, antes de tirar conclusões precipitadas e tentar arrancar a liderança de minhas mãos. – Hara fez um gesto de

protesto, mas Oishi continuou. – Aprecio seu desejo de fazer algo a respeito da morte de nosso mestre, mas devo afirmar que meu desejo é igualmente forte. Eu também o admiro por ter dado início a esta escola de tiro com arco para pessoas comuns, porque sei, por experiência própria, até onde tivemos que chegar para provar ao mundo que somos o que não somos. Foi para isso que fiz tudo o que fiz e estou aqui para contar a vocês que consegui certo sucesso.

Oishi fez uma pausa. Olhou para aqueles homens com ar de satisfação, para então revelar o que pretendia dizer:

– Os espões se foram – disse Oishi. – Pela primeira vez desde a morte de nosso mestre, sinto que é possível irmos adiante com nossos planos, que temos uma chance de obter sucesso. Uma atitude antes deste momento teria sido tolice, como eu sempre disse. – Ouviu-se um murmúrio e Oishi se virou para Hara. – Onde está seu assistente, aquele que afirmava se chamar Konishi?

Hara não soube como responder, e gaguejou.

– Bem, ele... Ele se foi! Não o vejo há dois dias!

Oishi assentiu.

– Tem sorte, Hara, por esta reunião não ter sido realizada há dois dias. Não é óbvio para você que seu ajudante era um dos homens de Fujii? – Hara resmungou, prestes a se opor, mas Oishi continuou, sem lhe dar uma chance. – Kataoka o viu aqui quando entregou as mensagens que você se recusou a receber. Ele o reconheceu como o homem que estava com você naquela noite em Kyoto, quando perdeu a fé em seu líder. Mas deixe-me fazer uma pergunta: como conseguiram me encontrar aquela noite, a menos que o homem que os guiava tivesse relações com os espões? Já parou para pensar nisso?

Hara ficou boquiaberto. Não sabia o que responder.

– Sim, os espões se foram – Oishi continuou –, e eu relaciono minha capacidade de atuar a essa conquista. Fui um ator tão talentoso que enganei muitos de vocês. Caso não se lembrem, porém, fiz os mesmos votos que vocês, e nunca deixei de respeitá-los. Independentemente do que aconteceu, acredito que ainda temos

o mesmo desejo de vingar a morte de nosso mestre. Fizemos promessas uns aos outros que eu pretendo cumprir. Espero que vocês pensem da mesma maneira.

Fez-se uma pausa por um momento, seguida por um murmúrio geral de concordância, que se espalhou pela sala.

– Ótimo – disse Oishi –, porque finalmente chegou o momento de falarmos de ação, e não para o ano que vem ou para o mês que vem, mas para agora! Recebi uma mensagem hoje do líder do grupo de Edo. – Nesse momento, olhou diretamente para o envergonhado Horibe, que estava longe de seu posto. – Nela, havia a informação de que nada mais poderia ser feito em relação à petição ao xógum. Daigaku Asano foi posto sob custódia de Asano-Akinokami em sua província, condenado a um exílio permanente pelo crime de seu irmão. O nome da família será retirado permanentemente do livro oficial de heráldica. Todas as esperanças em recuperar o castelo de Ako se foram de uma vez.

Os homens ao redor de Oishi ficaram espantados diante daquela notícia terrível. Então, os murmúrios aumentaram aos poucos, passando a uma excitação contida e, finalmente, a um grito:

– Vingança! Agora, podemos nos vingar, finalmente – disseram, e Hara caminhou até Oishi para fazer uma reverência a ele.

– É verdade? – perguntou ele. – Podemos, finalmente, nos vingar da morte de Lorde Asano?

Oishi assentiu com os olhos brilhando.

– Mais uma vez – disse Hara, de modo penitente –, peço que me perdoe.

Oishi sorriu e segurou sua mão. Horibe deu um passo à frente, pedindo desculpas, e Oishi sorriu também para ele, em sinal de perdão. Fez um gesto para Kataoka e, quando o homem com cara de macaco se aproximou, Hara o envolveu em um abraço de afeto que fez sua vítima gemer e os homens rirem, desfazendo a tensão. Agora, estavam todos juntos novamente e nada, além da morte, poderia separá-los.



Aquela mensagem de Edo, a respeito do banimento de Daigaku, trouxe ao mesmo tempo alívio e desespero à casa em Yamashina. Sem dúvida, foi um golpe amargo para Shindo e Koyama, cujas esperanças de vencer sem luta haviam aumentado. Quanto a Kataoka, seu rosto de macaco ganhou uma expressão de determinação, e o brilho da luta apareceu em seus olhos. O primeiro sentimento de Chikara era o de quem perdia o rumo, mas este manteve a mão na espada e fingiu que seus pés ainda estavam no chão.

Depois do primeiro momento de amargura, Oishi sentiu-se estranhamente em paz. Pela primeira vez desde a morte de seu mestre, o caminho a seguir estava agora claramente revelado. Não haveria mais discussões com seus homens acerca de postergar o que deveria ser feito. Não haveria mais o papel de bobo que ele tanto rejeitava. Não teria mais como esconder suas intenções, que precisam ser satisfeitas. Eles matariam o homem responsável pela morte de Lorde Asano, independentemente das consequências. O tempo de espera havia terminado.

A princípio, Oishi sentira medo de que as notícias trariam de volta os espiões. Foi obrigado a agir com cuidado, mas, mesmo depois de alguns dias, Fujii e seus homens não apareceram, e Oishi mandou uma ordem para que os homens se reunissem. Parecia claro agora que Kira e seus aliados sempre tiveram a tomada do castelo em Aki como definitiva e nunca consideraram que Daigaku tinha sequer uma chance com seu apelo. O fato de Oishi ter esperado pela decisão a respeito da petição dava a ele uma vantagem que não teria em outra situação: a da surpresa.

Os homens foram a Yamashina em pequenos grupos para responder o chamado de Oishi e, dentro de quatro dias, Horibe e o primeiro pequeno contingente de tropas foi a Edo. O plano era que o resto fosse em seguida, poucos por vez, para não criar suspeitas desnecessárias. Em Edo, usariam nomes diferentes e permaneceriam separados até que o último homem, Oishi, chegasse.

Com Onodera, seu antigo chefe da guarda, Oishi começou a criar um plano. No papel, o grupo havia aumentado para cerca de 120, mas logo ficou claro que aquele número não fazia sentido. Mais homens do que o esperado pertenciam ao que Yoshida chamava de “terceiro grupo”, ou seja, aqueles que estavam com Oishi em seu plano para restaurar o castelo, mas que se mostrariam indisponíveis quando o assunto fosse seguir no caminho da vingança. Por esse motivo, Oishi decidiu pedir a Kataoka que conversasse com os demais, a fim de recolher suas demandas específicas e de informá-los que estariam livres para desistir, caso assim o desejassem. O líder do grupo sabia que alguns homens sentiam que estavam fazendo um desserviço a seus pais idosos e filhos pequenos abandonando-os agora, e queria que todos soubessem que não haveria represálias contra eles se decidissem não continuar. Alguns dos seguidores, Oishi resolveu acalmar pessoalmente.

Um dos primeiros homens a receber a visita de Oishi foi Emonshichi Yato, de apenas dezessete anos, mas que já havia arriscado a vida para contar a Oishi a respeito da reunião convocada por Hara em Osaka. O garoto vivia com os pais idosos em Kyoto e Oishi decidiu vê-lo quando soube que Yato reafirmara seu voto.

Como Chikara, que também tinha dezessete anos, tinha conseguido permissão para seguir com o grupo, Oishi não podia impedir o garoto usando como desculpa a idade, mas ele queria um sinal dos membros de sua família, algo que indicasse que eles aprovavam a decisão do rapaz.

Ficou claro, pela tapera na qual eles viviam, que estavam tendo dificuldades, mas os familiares insistiam que Yato seguisse sua decisão. Disseram a Oishi que o rapaz nunca se perdoaria se não pudesse se unir ao grupo, e eles próprios teriam a impressão de estarem decepcionando seus mestres: Lorde Asano e o próprio Oishi.

Contra isso, Oishi não teve argumentos, e, mais do que nunca, percebeu a responsabilidade assustadora que havia assumido. Dependia dele cuidar para que o rapaz não morresse em vão, assim como todos os outros. Oishi sabia que o seguiriam aonde quer que ele fosse, na vida ou na morte. Sabia que seria assombrado pelas recriminações se fracassasse.

Saindo da cidade, ficou surpreso ao ver um dos empregados do castelo de Ako trazendo uma pequena quantidade de comida ao casal de velhos. O homem agiu de modo estranho, fingindo não reconhecer seu antigo líder ao entrar na tapera, e Oishi ficou confuso, até perceber o que estava acontecendo: o servo estava amparando seus antigos mestres e não queria que eles soubessem por medo de envergonhá-los. Oishi balançou a cabeça, pensativo, e então se afastou. Ainda pôde ouvir um soluço vindo da tapera e uma voz consoladora dizer:

– Não será tão ruim se você encarar a situação como na época em que não tínhamos filho algum.

Oishi também pretendia visitar Shindo e Koyama, mas não pôde, devido ao desaparecimento repentino dos dois. Já era bem mais tarde quando finalmente recebeu uma mensagem de desculpas de

Shindo, dizendo que, depois de pensar, ele e Koyama haviam decidido que não tinham talento para serem guerreiros e que se tornariam apenas um obstáculo na batalha. Havia concluído que dos males este seria o melhor, e esperavam ser perdoados.

Oishi não estava muito surpreso com a atitude e ficou feliz por eles terem saído antes que fosse tarde demais. Apreciava a honestidade dos dois por admitirem suas limitações, mas esperava que muitos outros não seguissem o mesmo caminho.

O relatório de Kataoka naquela noite, contudo, não foi animador. Cerca de metade dos homens com quem contavam haviam desistido, restando menos de sessenta. Kataoka também reportou grande miséria, incluindo casos de crianças e idosos sendo forçados a trabalhar, e, em todos os lugares, uma profunda tristeza com a aproximação das despedidas. Apesar disso, tinham confiança nos homens que restaram, ainda que a situação pudesse mudar quando se reunissem em Edo e o objetivo se tornasse mais claro.

Ao ver que Oishi estava deprimido com os acontecimentos, Kataoka tentou descontraí-lo, contando sobre um homem que não pôde seguir o grupo porque sua esposa não deixou.

– Ela o mantém com rédea curta! – disse, mas Oishi já havia saído da sala.

Muitos dias se passaram sem que Oishi visse Okaru, em razão das atividades que começaram com a mensagem de Edo. No entanto, quando abriu a porta de seu quarto, encontrou-a à sua espera. Sentiu-se grato por sua presença e deitou-se a seu lado. Estava prestes a dizer algo, um pedido de desculpas por tê-la negligenciado, quando ela jogou os cobertores para trás e lançou seu corpo nu sobre ele, chorando.

– Não se vá – ela pediu. – Não vá para Edo com os outros. É suicídio!

Surpreso com a reação, ele tirou os braços da gueixa de seu pescoço e segurou suas mãos unidas à frente de seu corpo.

– Você sabe como as coisas são – disse ele. – Você, uma gueixa experiente, demonstrando os sentimentos tão despidamente? O

que seu cliente pensaria?

– Não me importo – ela chorou. – Você está indo para Edo para morrer, e não permitirei isso!

– Acho que você deve mesmo ser uma espiã – disse ele, ao deitá-la. – Conhece todos os meus planos e está tentando mudá-los para beneficiar meu inimigo.

– Estou tentando mudá-los para *me* beneficiar – disse, chorando ao se virar. – Pense na minha vida. Pense em salvá-la em vez de tirar a vida de outra pessoa.

– Oh – disse ele, como antes. – Agora, você está ameaçando se suicidar. É justo me colocar em uma situação assim? Além disso, sei que você não fará isso.

– Como sabe? – ela fungou.

– Porque é muito forte – ele lhe disse, e apoiou-se no cotovelo para olhar para ela. – Você travou sua luta, recuperou sua posição perdida. Não é o tipo de pessoa que permanece derrotada.

– Mas não existe recuperação para certas perdas – disse ela, fungando.

– Você tem que dar a mim a mesma chance que recebeu – disse ele. – É o justo.

– Nada é justo – respondeu ela, com amargura. – E o fato de você matar mais um canalha não trará justiça. Você não se preocupa com sua vida, ou com a vida de sua família?

Oishi parou por um momento.

– A vida de uma pessoa não é nada perto de sua obrigação – disse ele, por fim.

– Mas obrigação a quem? Seu mestre está morto. Não há ninguém dando-lhe ordens.

– Há, sim – disse Oishi, com a voz distante. Okaru levantou-se para analisar seu rosto com mais atenção, tentando adivinhar sua intenção. Oishi colocou a mão na nuca da gueixa e a beijou, enquanto ela se recostava com um suspiro. Então, começou a fazer amor com ela de modo delicado, como ela o havia ensinado.

Rapidamente, ela se entregou e, um tempo depois, ambos adormeceram.

Era a primeira semana de outubro quando Oishi finalmente sentiu-se pronto para partir. Teve de buscar armas e escudos em Kyoto, os quais insistiu em transportar pessoalmente devido ao risco. Quando tudo estava pronto, os últimos homens já haviam partido, exceto Onodera, Kataoka, Chikara e três outros, incluindo o servo Mimura, que ainda tinha uma missão especial a cumprir.

Organizaram-se, numa manhã fria de outono, na frente da casa, colocando as caixas de “roupas” nos cavalos. Todos os homens estavam disfarçados de carregadores comuns, que seguiriam a longa estrada Tokaido com mercadorias encomendadas por um *daimyo* abastado de Edo.

Como se aquela fosse uma despedida em uma casa de gueixas, Okaru e a pequena *maiko*, com seus kimonos de festa, foram à frente da casa para vê-los partir. Riam como se fosse o término de um fim de semana de diversão, como se muitos outros ainda estivessem programados para o futuro. Chikara fez uma reverência educada à Okaru, que sorriu vagamente; ela nunca se esqueceria de que devia sua vida a ele. Então, o jovem voltou-se para a garotinha e fez uma reverência a ela também. Com isso, ela não pôde mais controlar as lágrimas e virou-se rapidamente para esconder o rosto na manga de Okaru. Chikara assumiu seu lugar na caravana, e Oishi ergueu o braço para dar o comando de sair. Mas, então, hesitou.

– Você sabe... – disse ele a Okaru, mas não prosseguiu.

Em seguida, o líder do grupo baixou o braço, e os homens lentamente saíram, montados em seus cavalos. Okaru sorriu bravamente até o último homem passar, mas, quando eles saíram de vista, o sorriso desapareceu e o belo leque vermelho caiu de sua mão. O vento de outono já havia começado a soprar.

Ela pegou a pequena *maiko* pela mão e a levou para preparar seu retorno a Gion, sozinha. A chance que Okaru tinha de voltar à casa de gueixas havia sido desperdiçada quando se recusou a espionar Oishi, pois este era o preço que Hoshino estivera disposto a cobrar.



DEZESSETE

Mimura saiu várias horas antes dos outros. Fora incumbido de uma missão extremamente importante, e estufava o peito ao pensar na responsabilidade que lhe havia sido confiada. Também estava vestido como um carregador comum, mas seu caminho não era na direção de Edo. Tomou a estrada para Kyoto, um escuro caminho a seguir, antes da alvorada. Entrou na cidade e seguiu para a região onde o imperador mantinha sua corte. Em um determinado portão dos fundos em uma rua lateral, parou, olhou ao redor para ver se não estava sendo observado, e bateu levemente.

Não havia iluminação do lado de dentro. Mimura, então, escutou alguém se aproximando, e o portão se abriu lentamente. Percebeu uma movimentação do lado de dentro e o que parecia ser o choro abafado de uma mulher, até que uma pequena forma infantil surgiu da escuridão, sozinha. Era a filhinha de Lorde Asano, vestida como plebeia. Contudo, uma expressão sábia e resoluta no rostinho aristocrático deixava claro que ela era qualquer coisa, menos uma camponesa.

Sem nada dizer às pessoas do lado de dentro, Mimura a pegou pela mão e começou a se afastar rapidamente. Oishi já havia agradecido aos pais adotivos na carta que enviara para marcar o encontro, e o desengonçado empregado não tinha intenção de perder tempo agora, quando cada momento era precioso.

O sol já começava a aparecer sobre os telhados em Yamashina quando Mimura voltou à intersecção de ruas que levavam a Edo. Sua chegada tinha ocorrido no momento ideal. Naquele momento, vinham Oishi e o restante do grupo pela estrada, caminhando ao lado de seus cavalos carregados.

Nenhum daqueles homens conseguiu esconder a alegria de ver a menina, e todos a receberam animados, em sussurros. Ela correu até Oishi e se lançou em seus braços. Depois de um abraço breve e silencioso, ele a pegou no colo, colocando-a sobre um dos cavalos. Oishi pediu com um gesto que Mimura pegasse as rédeas do cavalo e se mantivesse atrás do grupo de homens. Sempre havia o perigo de eles serem reconhecidos, e Oishi queria que a filha de Lorde Asano parecesse estar viajando separadamente. Mimura estaria sempre por perto, para um caso de emergência.

Eles não estavam com pressa. Oishi ainda acreditava que o caminho mais longo seria o melhor, e não teve pressa em avançar. À noite, acampavam à beira da estrada, para evitar o risco de serem vistos em uma hospedaria, onde olhos atentos e línguas afiadas poderiam lhe causar problemas. Caminhando lentamente, levaram dez dias para chegar ao desfiladeiro Hakone.

Até aquele momento, a viagem transcorrera sem incidentes, sem qualquer evidência de espionagem. Por esse motivo, e como parecia claro o futuro que o aguardava, Oishi conseguiu relaxar e aproveitar o cenário que ele antes, preocupado demais, não notara. Agora, podia apreciar a vista espetacular do campo no outono e a majestade do monte Fuji.

Havia uma barreira de controle em Hakone, a última antes de descer para a planície Kanto. No entanto, o grupo havia conseguido passar por todas as barreiras anteriores, e Oishi tinha confiança de que poderiam, aqui também, convencer os guardas de que eram

meros trabalhadores. Mesmo assim, o grupo aproximou-se à noite, apenas por garantia. Um vento frio soprava, o que dava a eles uma desculpa para subir as golas de suas capas compridas e também a garantia de que os guardas não permaneceriam por muito tempo do lado de fora de suas taperas quentes.

Tudo ocorreu como Oishi planejara. Os guardas estavam com pressa de voltar para dentro e não inspecionaram os objetos. Foram liberados depressa e continuaram viagem, com Oishi na frente. Parecia que nada poderia detê-los naquele momento.

Então, quando começaram a descer, um cavaleiro solitário apareceu na estrada, aproximando-se deles. Oishi fechou ainda mais sua capa e foi para o lado quando o homem passou, mas, então, prendeu repentinamente a respiração ao reconhecê-lo. A figura alta e magra do homem era inconfundível. Era o *ronin* Fujii, que o seguira por tanto tempo!

Oishi não teve tempo para alertar os outros e levou a mão à espada por baixo da capa. O homem a cavalo analisou com atenção todos os indivíduos do grupo, e pareceu impossível que ele não os reconhecesse. Ainda assim, continuou em silêncio, sem qualquer sinal de reconhecimento. Oishi o observou até que desaparecesse de vista, e então fez um sinal para que os outros parassem. Seria melhor que eles aplicassem toda a velocidade, mas ele pensou na menininha; esperariam por ela até que aparecesse em segurança.

Enquanto deixava o grupo de Oishi para trás e seu cavalo seguia em direção à estação da guarda, a mente de Fujii girava. Não ousara desafiar Oishi assim que o viu porque o número de inimigos era maior, e ele teria sido derrotado em um segundo. Mas o que Chisaka daria para saber que seus piores medos tinham se tornado realidade e que os homens de Ako estavam a caminho? Só precisava notificar os guardas na fronteira e Oishi seria preso, ficando à disposição do xógum. Certamente Fujii seria recompensado. Talvez até recebesse um cargo permanente junto às tropas de Uesugi.

Aquela tinha sido sua primeira intenção. Mas agora, conforme se aproximava da guarda, começou a pensar melhor. Alguém estava pagando para que ele espionasse, afinal? Ele tinha alguma

responsabilidade em relação a um antigo patrão que não havia cumprido suas promessas? E se houvesse uma recompensa, esta seria suficiente para fazer valer os riscos que ele teria de correr?

Fujii chegou à guarda e parou. Os homens saíram resmungando e fizeram a ele perguntas de rotina a respeito de sua identidade e destino. Era mais fácil sair de Edo do que entrar. Sentia-se tentado a compartilhar seu segredo com eles, apenas para ver seu olhar de espanto, mas a palavra lealdade sempre voltava à sua mente, e ele se manteve calado. Quando se deram por satisfeitos, os guardas entraram de novo, e Fujii virou-se para a direção de onde havia vindo. Então, fez o cavalo começar a andar. Sua primeira lealdade era com sua reputação de samurai, mesmo sendo um ex-samurai, e Fujii sabia que sua própria honra poderia ser colocada em questão. De que lhe importava se um velho samurai estava entrando em Edo? Principalmente alguém como Oishi, que ele havia aprendido a respeitar, agora mais do que nunca.

Enquanto caminhava, viu um homem desganhado aproximando-se com uma criança em um cavalo. Não conseguiu identificá-lo, porque este estava caminhando do outro lado do cavalo, apesar de seu caminhar estranho ser vagamente familiar. A criança não lhe trazia nenhuma lembrança. Ocorreu-lhe que a noite estava fria e que uma criança tão pequena deveria estar em casa, na cama. Estremeceu um pouco, envolveu-se ainda mais em sua capa, seguindo em frente com um sorriso curiosamente tranquilo.

Em Kamakura, a cerca de cinquenta quilômetros de Edo, Oishi e seu grupo pararam. Descansaram ali por três dias, ainda apreensivos após o encontro com Fujii, mas, como nenhuma tropa apareceu para prendê-los, acabaram respirando mais tranquilos. Na grande estátua de bronze de Buda, Oishi deu graças pela viagem segura, assim como os outros membros do grupo. Então, Chikara

seguiu na frente, como batedor, e todos foram para Kawasaki, ainda mais perto de Edo.

Enquanto esperavam impacientemente por um sinal que indicasse ser seguro continuar, passaram um tempo observando os peixes no lago ao lado do acampamento. Ali, pela primeira vez desde que saíram de Yamashina, Oishi sentiu-se suficientemente seguro para se aproximar da menininha.

– Você gostou de sua vida no mundo do imperador? – perguntou ele ao se sentar ao lado dela em uma pedra próximo à água cristalina.

– Oh, eu achei ótima, tio – disse ela. – A família foi muito gentil comigo. Trataram-me como se eu fosse realmente filha deles. Fiz aulas de música e caligrafia com as outras crianças. E fazíamos festas também, e comemorávamos todas as datas.

Oishi assentiu. Ele esperava que as coisas fossem daquele modo.

– Mas você sabe que a vida com sua mãe pode ser bem diferente, não sabe? Pode ser que ela fique presa à casa dos pais por muito tempo, e você terá de viver da mesma forma.

Ela assentiu.

– Eu sei.

– Mas ainda assim você quer ir com sua mãe, não quer?

– Quero, sim – disse ela, sem hesitar. – É o meu lugar, como todo mundo sabe.

Oishi sorriu. Devolvê-la à mãe era para ele uma missão quase tão importante quanto restaurar a casa de Asano, e agora estava prestes a conseguir. Permaneceram ali, juntos, falando sobre as experiências dela em Kyoto, quando Chikara apareceu à beira do rio acenando para eles. Correram, então, para saber o que ele tinha a dizer.

– É seguro ir em frente – disse ele, e Oishi não perdeu tempo; reuniu os outros e pegou as coisas para partir.

O grupo se dividiu para entrar na cidade. Agora, Oishi acompanhava a menina, enquanto o resto seguia para uma hospedaria central, que seria usada como base de suas operações. Primeiro, colocariam a mercadoria que traziam em uma “escola de esgrima” que Horibe havia aberto recentemente, um local adequado para colocar as armas que haviam trazido de Kyoto.

Oishi prometeu a si mesmo não procurar a Senhora Asano de novo, ainda que fosse preciso um grande esforço de sua parte para não acompanhar a menininha à reunião com a mãe. Oishi não havia enviado nenhum aviso sobre suas intenções, mas contou com a lembrança da disposição do jardim dos pais dela para saber como encontrar o portão dos fundos e deixar a menina entrar. Os gritos de alegria que Oishi escutou foram a recompensa de que precisava para um trabalho bem feito, e ele sorriu ao ouvi-los.

Então, relutantemente virou-se e aproximou-se de seus homens.

– Não gosto disso – Hara murmurou. Ele havia ido à hospedaria em Nihombashi, onde Oishi estava hospedado com Onodera e Chikara, para falar sobre a situação. – Há mais de sessenta de nós em Edo agora – ele prosseguiu, balançando a cabeça –, certamente somos suficientes para chamar atenção em qualquer lugar. Como é possível que nem Kira nem o xógum tenham ciência de nossa presença?

– Parece estranho – Oishi concordou – que possamos parecer tão invisíveis.

– Receio que eles estejam preparando uma armadilha para nós. Assim que nos mexermos, virão para cima de nós às centenas.

Oishi assentiu. Era o que ele pensava também.

– Só existem duas possibilidades – disse ele a Hara. – Ou não sabem que estamos aqui, ou estão esperando, como você diz, que tomemos alguma iniciativa. Estou começando a considerar a

segunda opção mais provável. Afinal, que leis estamos infringindo por termos vindo a Edo? Nenhuma. Assim, ninguém tem motivo para nos desafiar.

– Mas não acho que sequer estejamos sendo vigiados! – Hara exclamou.

– Pode ser que não. Eles não precisam nos vigiar. Só precisam vigiar Kira. Isso é muito mais simples e exige menos homens.

– Nesse caso, não deveríamos atacar rapidamente, antes de suas defesas se organizarem melhor?

– Bem pensado – Oishi foi forçado a concordar –, mas é ainda mais importante que nosso ataque, quando ocorrer, seja muito bem-planejado, a ponto de eliminar a possibilidade de fracasso.

Hara murmurou algo para si, e então assentiu.

– Você tem razão. Você tem razão, como sempre.

– A primeira coisa que quero fazer – disse Oishi – é analisar a situação pessoalmente. Pode me encontrar amanhã de manhã e me levar à casa de Kira?

Os olhos de Hara brilharam.

– Nada me daria prazer maior. Exceto ver a cabeça de Kira rolando na terra.

– Então, ao amanhecer, vamos nos encontrar na ponte que cruza o rio Sumida, aquela mais próxima daqui, que leva a Honjo. Estaremos disfarçados de servos indo trabalhar.

Na manhã seguinte, Oishi estava estranhamente animado. Tinha a sensação de ter chegado ao fim de uma longa estrada, com tudo o que desejava esperando do outro lado. Pela primeira vez, veria o inimigo de seu mestre! Encontrou Hara, conforme o combinado, e atravessaram a ponte para os lados de Honjo, e então entraram em Matsuzaka, onde a mansão de Kira estava localizada.

Havia poucos pedestres na rua àquele horário, mas muitos cães. Alguns eram bem grandes, e Oishi começou a temer que eles fossem um problema durante um ataque. Um grupo de homens armados podia chamar a atenção dos animais e acionar um alarme de latidos que certamente alertaria seus inimigos. Ele teria de pensar em algo para fazer em relação àquilo.

Chegaram diante do portão de Kira e diminuíram o passo para observar tudo enquanto o atravessavam. Era um portão forte e grande demais para que pensassem em derrubá-lo. Também perceberam aberturas no alto, de onde arqueiros podiam atirar, e buracos abaixo, onde todos que entravam tinham de mostrar o rosto.

Deram uma volta em toda a propriedade e encontraram um portão dos fundos, tão forte quanto o da frente. Horibe, claro, relatara todas aquelas características com detalhes e havia até conseguido uma planta-baixa da casa, mas Oishi ainda queria ver tudo com seus próprios olhos antes de repassar os planos finais para o ataque.

Quando voltaram para o portão da frente, assumiram suas posições em um mercado do outro lado da rua e esperaram. Permaneceram ali a maior parte da manhã e já temiam que seriam questionados pelo proprietário quando, enfim, ouviram o portão começar a se abrir.

Um grupo de arqueiros correu para fora e se dividiu em classes. Então, um palanquim decorado foi levado para fora rapidamente, seguido por mais um grupo de arqueiros, e a procissão toda desceu a rua. Oishi teve pouco tempo para olhar, mas foi recompensado, por fim. Dentro do palanquim, estava a figura inconfundível de Kira, reconhecível graças a todas as descrições que ele havia ouvido. Foi apenas um relance, mas ele não poderia se enganar a respeito daquele cenho fechado e dos dentes escurecidos. Aquele era o rosto que ele jurou que veria na ponta de sua longa espada.

Virou-se para Hara e percebeu que este estava prendendo a respiração, para então soltar o ar longa e lentamente.

– Acho que é tudo o que precisamos ver por enquanto – disse Oishi, e ambos voltaram depressa para onde os outros estavam

esperando.



Os homens de Oishi estavam todos espalhados por Edo. Até então, tinham aparentemente escapado das autoridades locais, mas o sigilo cobrava seu preço: não era possível formarem uma força unificada. Hara e Horibe atuavam como comandantes e passavam as mensagens de Oishi a líderes de grupos subordinados que, por sua vez, passavam as notícias a cada samurai. Como ninguém ainda tinha ideia de quando ou de onde o grande ataque aconteceria, a primeira ordem de Oishi era que cada homem conhecesse bem a área ao redor da mansão de Kira e, se possível, aprendesse a reconhecer o inimigo de vista. Oishi tinha de confiar que nenhum deles ficaria muito alterado ao ver o canalha de dentes pretos, não a ponto de atentar sozinho contra a vida dele. Em suas mensagens, o líder enfatizava o fato de que os guardas de Kira eram bem-treinados e que qualquer atitude mais drástica contra seu mestre seria impedida com facilidade. Além disso, uma atitude dessas alertaria toda a cidade acerca de sua presença, e a chance de terem sucesso estaria perdida.

Até aquele momento, tudo corria da maneira planejada. Os homens, sozinhos ou em pequenos grupos, observavam Kira quando passavam casualmente em frente a seu portão, em momentos calculados, quando ele estava entrando ou saindo. As rondas duravam períodos diferentes, e ninguém permanecia por muito tempo, exceto por um guarda permanente, localizado perto de uma loja, na frente da mansão. Este mantinha um registro completo de todos que chegavam e partiam. Além disso, o palanquim de Kira foi discretamente seguido, para que observassem o padrão dos inimigos. A pergunta era: quanto tempo conseguiriam manter essa operação até que os guardas de Kira começassem a reconhecê-los?

Yoshida também identificou outro perigo muito real:

– Estamos extremamente vulneráveis em uma questão, Oishi-dono – disse ele certa noite, em uma reunião de estratégia com Hara, Horibe e Onodera no quarto de Oishi na hospedaria.

– Em que questão? – perguntou Oishi, preocupado.

– Estamos dependendo totalmente de você para nos dar orientação. Não que pudesse ser de outro modo – disse ele rapidamente, ao ver Oishi franzindo a testa –, mas não seria mais razoável que você se protegesse mais?

Oishi balançou a cabeça, incomodado com a ideia de ter de limitar seus próprios movimentos, mas os demais concordaram com Yoshida.

– Existem “acidentes” que poderiam acontecer com você, caso Kira assim desejasse – disse Hara.

– Mas não posso andar por aí com um guarda armado – disse Oishi. – No que isso poderia nos ajudar?

– Talvez a resposta seja não andar por aí – Yoshida sugeriu. – E um grupo de quatro ou cinco guerreiros poderia ficar aqui com você o tempo todo.

– Acho que ele está certo, Oishi-dono – disse Horibe. – Você é mais alto e mais fácil de reconhecer do que nós. Com o tempo, poderia no mínimo ser reconhecido como um espião, isso se não identificado como principal servo de Lorde Asano.

Oishi pensou por um momento e, então, suspirou.

– Odeio pensar em me enclausurar aqui. Fiz muito isso em Yamashina.

– Compreendo – disse Hara –, mas o que você ganha em ver seu inimigo de novo?

– Nada, creio eu... Esperava conseguir ver Daigaku, mas seu confinamento é bem reforçado. Ainda assim, tudo bem. No que depender de mim, ele não se envolverá em nossos planos.

Os outros assentiram. Era a melhor maneira.

– Todos os outros homens já tiveram a chance de ver Kira? – perguntou Oishi abruptamente.

Hara hesitou, olhou para Horibe, pigarreou e preparou-se para falar, com os olhos estranhamente baixos, quando foram interrompidos por uma batida discreta na porta. Horibe a entreabriu, e então rapidamente deixou Kataoka, que sorria, entrar.

O homem com cara de macaco fez uma reverência cortês a Oishi, cumprimentou os outros e encontrou um local no chão para se sentar.

– Você parece satisfeito – disse Oishi.

O sorriso de Kataoka ficou ainda maior.

– Descobri uma nova distração para os ricos mercadores como eu em Edo.

– É mesmo? E o que os mercadores que visitam Edo ultimamente costumam fazer para se divertir?

– Aulas – disse Kataoka com tom confiante. – Aulas das cerimônias de chá.

– Cerimônias de chá! – Oishi exclamou.

Os outros homens entreolharam-se, surpresos. Kataoka havia perdido a cabeça para brincar em um momento como aquele?

– Claro que conheço a cerimônia melhor do que o mestre de chá – Kataoka continuou calmamente –, mas ele fala muito, e essa parte é divertida.

– Fico feliz por você estar se divertindo – disse Oishi, com sarcasmo. – Alguns de nós não temos a sorte de escolher o modo com que gastamos nosso tempo.

Mas Kataoka não era do tipo que se calava com uma provocação sutil.

– Fico sabendo de muitas coisas da corte, contadas por meu professor – ele continuou, sem qualquer perturbação. – Coisas sobre as altas esferas do poder.

– E como isso nos ajuda? – perguntou Hara, impacientemente. – Não estou nem um pouco preocupado com a fofoca da corte.

– Mas seria bom saber os planos de Kira com antecedência, não seria?

– Claro que sim.

– Bem, meu professor tem um cliente que seria uma fonte ótima de informações desse tipo.

– E quem seria esse cliente? – perguntou Hara.

– Pensei que você nunca fosse perguntar. Ele era o Mestre de Cerimônias da corte. Seu nome é Kira.

Todos os presentes reagiram surpresos. Kataoka realmente havia feito progresso.

– Muito bem, Kataoka – disse Oishi com um sorriso. – Eu tinha certeza de que você não estava apenas desperdiçando o nosso tempo.

– Eu não tinha tanta certeza – disse Hara, e então riu com os outros.

– Não consigo pensar em uma maneira melhor de acompanhar a vida social de Kira. – assentiu Onodera. – E, pelo que parece, é justamente sobre isso que precisamos saber. Se conseguirmos descobrir que ele estará em um local e horário específicos...

Não era preciso dizer mais nada. Todos estavam ocupados com seus próprios pensamentos até Oishi se lembrar de alguns assuntos não resolvidos.

– Hara, você estava reportando as ações dos outros homens. Há, então, alguns que ainda não viram Kira?

Mais uma vez, Hara hesitou.

– É verdade.

– E por qual motivo?

Hara franziu o cenho e olhou para o chão. Aquele era o tipo de relatório que ele não gostaria de fazer.

– Porque alguns homens da lista... desapareceram.

– Desapareceram – disse Oishi com amargura. – Está querendo dizer que eles desertaram, não está?

Hara não respondeu, e Oishi suspirou.

– Quantos nos deixaram?

– Cerca de um terço de nossa força.

– E por que você não mencionou isso antes? – perguntou Oishi com raiva.

– Não faz diferença – disse Hara de modo obstinado. – Vamos seguir sem eles.

– Não deveria estar surpreso, Oishi-dono – disse Onodera delicadamente. – Você mesmo disse que alguns homens nos dariam as costas quando o cheiro da batalha aparecesse no ar.

Oishi assentiu.

– Eu sei. Perdoe minha reação. – Ele lançou um olhar para Horibe. – Você estava certo quando disse que o tempo estava contra nós. Como seria possível manter os homens animados para uma batalha constantemente postergada?

Horibe balançou a cabeça.

– Não é o tempo que está contra nós, apenas o medo.

– Causado, em parte, pela desunião de nossa organização – disse Oishi –, que se tornaria ainda pior com meu isolamento.

Oishi suspirou. Evidentemente, um ato drástico era necessário. Apesar de todos os perigos envolvidos, era importante fazer algo a

respeito da união do grupo. Ele foi à porta e fez um gesto para o homem do lado de fora.

– Mimura – disse ele, quando o empregado entrou. – Tenho uma missão especial para você.

Mimura mexeu a cabeça lentamente enquanto escutava.

– Quero que encontre um local adequado, um restaurante público, talvez, onde todos possamos nos reunir.

– Todos nós? – perguntou Hara, assustado.

– Sim – disse Oishi, com seriedade. – Está na hora de uma última reunião para reafirmarmos nossos propósitos, antes que percamos nossos “guerreiros”, um a um.

Todos murmuraram preocupados, mas Oishi continuou com suas orientações ao servo. Era essencial que a lealdade do grupo não diminuísse.

Mimura se pôs a procurar o lugar e acabou concordando que a sugestão de Oishi, a de que se encontrassem em um restaurante público, era boa. Assim, poderiam se encontrar no meio do dia, como um grupo de mercadores comuns, em um “evento social”. Em Fukagawa, um distrito central da cidade, encontrou uma hospedaria com grandes salas de jantar privativas e reservou uma no térreo. Pensou que, em uma sala no andar inferior, teriam mais chance de sair de qualquer armadilha que pudesse surgir. Ele pediu para ver a cozinha, com o pretexto de que seu grupo era muito crítico em relação à comida servida, e observou a localização da porta dos fundos, que poderia ser usada em caso de emergência. Também pediu que o grupo fosse o menos perturbado possível durante a refeição, pois os assuntos financeiros em discussão exigiriam grande concentração.

Quando tudo foi organizado, Oishi mandou uma mensagem aos homens de Ako que ainda estavam em Edo e, no dia combinado,

começaram a se reunir. Mimura entrou na sala de jantar com Oishi, e então foi fazer uma última inspeção da cozinha para ter certeza de que a saída dos fundos estava desobstruída. Ele mal havia espiado pela porta, no entanto, quando rapidamente a fechou e correu pálido de volta a Oishi.

– Não podemos nos encontrar aqui – disse ele, nervoso.

– Conte-me o que aconteceu, Mimura – disse Oishi, com mau humor. – Decidirei se vamos nos encontrar aqui ou não.

– Sinto muito – Mimura se desculpou. – Sinto muito se passei dos limites e fui impertinente...

– Vá direto ao ponto – disse Oishi. – O que houve?

– É o menino, o menino do fogão, que já esteve em nossa casa em Edo, antes da morte de nosso Lorde Asano. Ele está aqui nesta cozinha! Felizmente, saí antes que ele me visse. Mas se ele entrar na sala de jantar por algum motivo...

Oishi pensou depressa.

– Se ele for apenas um ajudante de cozinha, provavelmente não irá nos servir... Como você não percebeu sua presença antes? Pensei que tivesse inspecionado este lugar e o considerasse seguro.

– Sinto muito – disse Mimura. – Ele não estava aqui naquele dia. Eu deveria ter conferido hoje cedo... Foi um erro do qual me arrependo muito.

– Não há como consertar isso agora – disse Hara, que havia entrado a tempo de saber sobre a dificuldade que enfrentavam. – Precisamos ir a outro lugar.

– Não podemos mudar os planos tão em cima da hora – Oishi sugeriu. – Logo todos estarão aqui. Não temos alternativa além de seguir com o combinado.

– Mas se o rapaz vir qualquer um de nós que estava na casa antiga... – disse Mimura, desesperado.

– Se ele vir – Oishi interrompeu –, será *seu* trabalho cuidar dele. Você nos colocou nisso, terá que nos tirar... Sente-se perto da porta que leva à cozinha. Fique atento aos servos que se aproximam e nos

alerte quando estiverem vindo. Pode pigarrear, propor um drinque ou algo assim. E se o empregado que estiver prestes a entrar for aquele menino, quero que você faça com que ele morra de “morte natural” imediatamente. Você decide como fazer. Entendeu?

Mimura assentiu.

– Agora, tome seu lugar. A reunião começará a qualquer minuto e não quero atrasos.

Com um olhar rápido ao redor, Oishi sentou-se à ponta da mesa. Mimura posicionou-se conforme o combinado e Kataoka sentou-se ao lado dele para ajudar se precisasse. Os outros começaram a chegar.

Quando todos já estavam presentes, o almoço começou e Oishi ficou aliviado ao ver que o atendimento era todo feito por garçonetes. Os pratos eram trazidos com rapidez e as meninas saíam em seguida, de acordo com as orientações. Então, Oishi chamou a atenção de todos. Sem perder tempo, foi direto ao ponto.

– Companheiros – começou, com grande emoção na voz –, estou feliz por ver todos vocês aqui. O momento pelo qual estávamos esperando se aproxima, e os planos finais precisam ser feitos. Antes de irmos em frente, preciso saber com quem posso contar. Com menos homens do que temos, não há esperança de sucesso. Espero que vocês possam entender isso e que respondam com sinceridade.

Ouviu-se um murmúrio de concordância e Oishi continuou, renovado. Anunciou que apresentaria um juramento, que todos deveriam assinar com sangue. Então, parou e começou a ler.

– Independentemente de qual seja sua posição neste assunto, ou por mais simples que considerem tal atribuição, não deve haver diferença de honra ou mérito entre um seguidor e outro, desde que cada um cumpra sua função da melhor maneira. Todos devem sempre ajudar os demais, sem buscar glória individual. Também precisa ser totalmente compreendido que...

De repente, foi interrompido por Minura, que tossia alto.

– Um brinde – disse Oishi –, um brinde a Hara, quero dizer, Harano, o vendedor de arroz!

– A Harano, o vendedor de arroz – os outros repetiram e beberam suas xícaras de saquê, quando a garçonete veio da cozinha para checar se estava tudo certo.

– Ao vendedor de cortinas de Kyoto – disse Mimura, e os outros repetiram o brinde e beberam a Kataoka, que sorria com timidez.

Então, a garçonete se foi e Oishi terminou de ler o compromisso.

– Também precisa ser totalmente compreendido que nenhum de nós está livre para agir, mesmo depois de Kira ser morto. Os procedimentos que devem ser seguidos dependerão de circunstâncias que não podemos prever e serão devidamente anunciados no momento.

Os homens murmuraram em aprovação e, quando o almoço terminou e eles foram se despedir de seu líder, cada um assinou seu nome com sangue. Havia 47 assinaturas no documento, sendo uma a de um homem de setenta e poucos anos; cinco na casa dos sessenta, incluindo Yoshida e Onodera; quatro na casa dos cinquenta, incluindo Hara; quatro com quarenta e poucos, incluindo Oishi; dezoito na casa dos trinta, incluindo Kataoka e Horibe; treze com vinte e poucos anos, incluindo o filho de Onodera, Koemon; e Yato e Chikara, que tinham dezessete anos. Cada um recebeu instruções detalhadas em relação à armadura, às armas, aos sinais que seriam usados no momento do combate, aos locais de encontro e aos nomes de seus superiores diretos. O horário e o local do ataque ainda seriam definidos. Todo o resto estava decidido.

Os homens foram embora como tinham vindo, em grupos de dois ou três, até sobrarem apenas Oishi e Mimura. Oishi pôde, então, relaxar e até sorrir. Mimura se aproximou dele hesitante, com um sorrisinho torto, e saíram juntos, felizes com o sucesso da reunião. Depois de um momento, alguns ajudantes da cozinha entraram para limpar as mesas. Um deles era o menino que trabalhava com o fogo na mansão de Lorde Asano. Ele estava retirando os pratos no lugar onde Oishi esteve à mesa quando notou um guardanapo sujo no chão. Pegou-o e olhou para ele com curiosidade. Estava coberto de pontos de sangue, e o rapaz o jogou sobre a mesa, com nojo. Se sua

curiosidade tivesse sido mais intensa, talvez tivesse contado as manchas e descoberto que havia exatamente 47.

Para não ficar atrás de Kataoka, Hara resolveu estabelecer contato direto com a casa de Kira. Abriu uma loja de arroz e conseguiu conquistar o cozinheiro do inimigo como cliente. O cozinheiro exigiu um bom desconto, então Hara teve de vender o arroz por menos do que pagou, mas, nesse caso, uma perda nos negócios podia ser lucrativa de outras maneiras. Ele não tinha permissão para entregar o arroz dentro dos portões de Kira, pois as medidas de segurança eram estritas demais para isso, mas podia tirar informações importantes a respeito da movimentação e dos eventos da casa dependendo das quantidades extras de arroz que eram solicitadas. Horibe já havia feito amizade com um sacerdote conhecido de Kira, e alguns dos outros seguidores usavam seus próprios métodos para tentar acompanhar os movimentos do grupo.

Mas foi Kataoka, por meio de seu mestre de chá, que conseguiu grandes avanços. Ele fora à sua aula semanal e estava corajosamente bebericando do chá malfeito em uma xícara grande, quando o mestre de chá foi chamado à porta para receber uma mensagem. Enquanto estava de costas, Kataoka despejou o chá no *hibachi*, mas o mestre, um homem de rosto angelical, com cabeça raspada como um sacerdote, estava tão animado quando voltou que não percebeu.

– Adivinhem – disse ele. – Fui convidado para uma festa!

– Que ótimo – Kataoka murmurou, enquanto fingia bebericar de sua xícara. – Deve ser uma ocasião importante para dar a você tamanho prazer.

– Oh, é sim! Na casa de Lorde Kira... – Kataoka ficou sem fôlego. – Um chá cerimonial na manhã de 6 de dezembro. Estou tão lisonjeado com o convite! Não faz muito tempo que estou em Edo, mas já estou começando a entrar na sociedade.

– Sim – disse Kataoka –, está, sim. E o cerimonial será na casa de Lorde Kira?

– Sim, na mansão dele. Oh, gostaria de poder levar você comigo. Você nunca esteve dentro de uma mansão em Edo, não é?

– Não – Kataoka mentiu, lembrando-se daquela fatídica manhã quando Lorde Asano saíra de sua mansão pela última vez.

– Mas claro que não tenho o direito de convidar você. Sei que Lorde Kira é muito cuidadoso com seus convidados, e guardas conferem os convites. Você acha que ele ainda está com medo de que os seguidores de Lorde Asano possam estar atrás dele?

– Não sei por que ele pensaria isso, depois de tanto tempo.

– Sim, é verdade. Se eles realmente quisessem vingança, teriam se vingado há muito tempo. – Kataoka assentiu enquanto o homem continuava falando. – Isso só serve para mostrar que os tempos do samurai terminaram, afinal. Se nem eles seguem o próprio código, o que esperar da moral do resto do país? – Kataoka rangeu os dentes e não disse nada. – De qualquer modo, promete ser uma grande ocasião para Lorde Kira. Agora, devemos voltar para a nossa aula?

Kataoka obedientemente levou o copo vazio aos lábios e fingiu bebericar, virando-o um pouco por vez como mandava a etiqueta. “Na manhã do dia 6”, ele pensava. “Significa que o ataque pode ser feito na noite do dia 5. Neste dia, pode-se dizer com uma certeza razoável que seu homem estaria em casa.”

Kataoka já havia contado sobre a festa a Oishi quando foi dado um aviso, por outras fontes, de que ela havia sido adiada. O homem com cara de macaco marcou uma aula extra com o mestre de chá para confirmar a informação. Era mesmo verdade: o mestre estava muito decepcionado e torcia para que outra chance viesse. Parecia que o xógum daria uma festa no mesmo dia, e Kira cancelara a sua celebração para poder ir.

Os homens ficaram desanimados, mas, na semana seguinte, quando Kataoka foi para a aula, eles, mais uma vez, ganharam um motivo para ter esperança. Desta vez, ele soube que, com certeza, haveria uma festa anual na casa de Kira em algum dia de dezembro. Ele contou isso a Oishi e a informação foi confirmada por Horibe, cujo amigo sacerdote havia pedido que entregasse, no portão de Kira, uma carta confirmando presença nesta mesma festa.

A festa foi marcada para o dia 14, e Oishi sentiu um frio na espinha quando soube a data. Kataoka e Horibe também perceberam o significado daquilo, e trocaram olhares de compreensão com Oishi. Lorde Asano morreria naquele mesmo dia do mês, e aquele era um sinal de que o momento do ataque finalmente havia chegado!



DEZENOVE

A neve começou a cair na noite do dia 11, uma nevasca pesada, e parecia que continuaria por dias. As pessoas nas ruas, agasalhadas e apressadas, não tinham olhos para coisas como a movimentação de estranhos. Era um clima ideal para os conspiradores de Ako. O plano final de Oishi era simples: um ataque simultâneo aos portões da frente e dos fundos de Kira, com força total. Quando os portões fossem tomados, os homens mais velhos ficariam de guarda para impedir a interferência externa, enquanto os mais jovens entrariam na casa para encontrar o inimigo.

Oishi lideraria o ataque no portão da frente e a invasão subsequente da casa em si, Hara cuidaria da retaguarda e Onodera e Yoshida comandariam as forças do lado de fora. Armas e uniformes tinham sido reunidos e seriam entregues um pouco antes do ataque. Todos os homens conheciam seu lugar e seu alvo; não havia nada a fazer além de esperar.

O dia 12 amanheceu, passou, e a neve do dia 13 já caía sem que houvesse notícias de qualquer cancelamento ou adiamento da festa

de Kira. A disposição dos homens de Ako aumentava dia a dia, e Oishi se sentia igualmente animado, como os outros.

Na manhã do dia 14, Oishi foi sozinho ao templo de Sengaku-ji para prestar seu respeito a Lorde Asano. Pela primeira vez desde a decisão de isolar-se, ousou livrar-se da vigilância de seus guardas. Sabia que estava correndo um risco, mas chamaria menos atenção ir sozinho do que com um pequeno exército.

No cemitério, limpou a neve da placa diante do túmulo de Lorde Asano e, mais uma vez, levantou a cabeça para falar com seu falecido mestre.

– Estamos prontos, meu senhor, para nos vingarmos. – Fez uma pausa, imaginando que aquelas palavras traziam tanta satisfação aos ouvidos de Lorde Asano quanto aos seus próprios. – As forças leais a você se reuniram. Antes de a noite terminar, alguns ou mesmo todos nós poderemos ter sacrificado nossas vidas, mas isso não significa nada, já que nossa obrigação e nossa honra estão em jogo. Independentemente de termos sucesso ou não, certamente vamos nos unir a você em breve, e isso nos dá coragem em nossa missão. As forças às quais nos opomos são maiores em número, mas, com nosso espírito, vamos derrotá-las... ou morreremos tentando. Teremos o elemento surpresa a nosso favor e, com sorte, conseguiremos encontrar nosso homem rapidamente sem derramar sangue de modo desnecessário.

Mais uma vez, Oishi jurou lealdade, até a morte, e então, com uma reverência de respeito, saiu de Sengaku-ji.

Na esquina onde o caminho ao cemitério se unia à estrada, havia uma pequena pensão. Quando Oishi passou por ali, ouviu música e gritos de homens bêbados. Franziu o cenho, pensando no mau comportamento de alguns samurais; era, de fato, algo típico de Edo. Mas relaxou a expressão quando as notas claras de um *samisen* foram ouvidas e uma menina começou a cantar. Então, sorriu e sentiu uma onda de remorso.

Viu o rosto de Okaru à sua frente e sabia que os dias vividos com ela em Yamashina o assombrariam enquanto vivesse. Suspirou e,

depois de um tempo, afastou-se, de modo pensativo. Na entrada para a pensão, parcialmente escondido pela neve, um mendigo cego pedia esmolas. Oishi quase tropeçou no homem, e então seguiu em frente.

Mas, depois de alguns passos, parou.

Havia uma espada ao lado do mendigo, uma espada de samurai, e Oishi não conseguiu ignorá-la. Afinal, aquela arma poderia ter o brasão de Asano. Aquele mendigo poderia ter sido um de seus homens.

Oishi voltou ao pobre homem, entregou-lhe algumas moedas e começou a se afastar de novo. E, então, pela segunda vez, ele parou. Desta vez, quando se virou para olhar os olhos cegos do homem na neve, virou a bolsa de moedas de cabeça para baixo em seu cesto. Na rua cheia de neve, Oishi sentiu alívio, paz e liberdade. Dinheiro era algo com que ele não precisava mais se preocupar.

– Foi para me lembrar de nossa sorte que o mendigo foi colocado em meu caminho – disse ele a Chikara, enquanto se aqueciam próximos ao *hibachi*, no frio congelante do pequeno quarto da pensão. – Veja – ele continuou –, algumas pessoas passam a vida sem conhecer o caminho certo. São levadas por um vento ou outro, mas nunca sabem para onde estão indo. É, em grande parte, o destino dos plebeus, aqueles que não podem escolher seu destino. Para aqueles de nós que nascemos samurais, a vida é algo distinto. Conhecemos o caminho da obrigação e o seguimos, sem questionar. – Oishi se levantou e olhou pela janela ao continuar. – Mas isso não quer dizer que seja um caminho fácil, porque sempre podem existir obstáculos aparentemente insuperáveis, como aquele que o cego enfrenta. Pode ser que este também tenha um sonho secreto de se vingar de seu opressor. Ele pode ter a justiça a seu lado, como nós, sem poder fazer nada a respeito. Digo que temos sorte. Sabemos o

que deve ser feito, e está dentro de nossa capacidade fazê-lo acontecer!

Os olhos de Chikara brilhavam enquanto seu pai falava, e ele estava prestes a responder quando Oishi de repente se inclinou para a frente para espiar pela janela. Dois cavaleiros passavam pela neve, um grande e um pequeno, e, por um momento, Oishi viu a si mesmo e a filhinha de Lorde Asano passando pelos campos de Ako naquele dia, há tanto tempo.

– Pai... – disse Chikara, com hesitação, e Oishi se virou para ele. Por um instante, Oishi esqueceu-se do que estava dizendo, e então continuou de onde havia parado, desta vez, de modo mais contido.

– Como eu estava dizendo, temos sorte, muita sorte.

– Sei que temos, pai.

Oishi sorriu para ele.

– Isso mesmo. Essas são palavras de um samurai. Lembre-se, existe sacrifício em qualquer vida. Até mesmo o homem que escolhe o caminho seguro precisa abrir mão da emoção do combate. A verdade é que, quando você sabe o que quer, deve estar preparado para sacrificar tudo para consegui-lo. Aqueles que percebem isso são os afortunados. Os que sabem e podem tentar. O que mais um homem pode pedir?

Chikara balançou a cabeça. Para ele, também não havia nada mais importante, e seu pai se tranquilizou: a julgar pela atitude de seu filho, não tomara a decisão incorreta ao permitir que ele entrasse para o grupo.

Mas, ainda assim, havia lembranças.

Na refeição da noite, que eles fizeram juntos, Oishi se lembrou da mãe do garoto. Em sua mente, apareceram todos os pequenos ao redor da mesa, os pequenos que tinham sido mandados embora. Oishi foi tomado pela emoção por um momento, mas escondeu os sentimentos de seu filho.

– Não coma muito arroz – disse ele ao rapaz, pigarreando. – Será melhor se, mais tarde, seu estômago não estiver muito cheio.

Chikara assentiu e obedeceu, apesar de ainda estar com fome. Não havia carne nem peixe, claro, e outros alimentos foram descartados por motivos espirituais. Traria azar comer demais antes de participar de uma atividade tão solene como aquela.

Depois do jantar, deitaram-se para descansar, ainda que nenhum dos dois conseguisse dormir. Chikara repassou mentalmente sua parte do ataque e, em seguida, passou a pensar no passado. Lembrou-se da mãe, do irmãozinho e da irmãzinha e, então, da jovem *maiko* que conhecera rapidamente. Não havia a menor possibilidade de vê-la novamente, mas, ainda assim, o jovem não conseguia parar de pensar nela.

Foram “despertados” às oito pela chegada de Kataoka e Onodera, que falavam aos sussurros, conforme pedia a solenidade da ocasião. Em silêncio, levantaram-se, vestiram-se e saíram na neve.

O local de encontro do grupo de Oishi era a escola de esgrima de Horibe, onde vestiram suas roupas de batalha. Havia três locais designados, e todos os homens se reuniram quando estivessem finalmente prontos para marchar.

As roupas eram novas, tanto como símbolo de pureza, para garantir proteção divina, quanto como prova de que não eram levados à ação extrema pelo desespero da pobreza. Por cima de roupas íntimas de seda, vestiram camisas amarradas perto da cintura. Em seguida, todos colocaram uma saia, presa como se fossem calças largas, permitindo grande flexibilidade de movimentos. Por cima, vinha um casaco coberto de cetim e, ainda, protetores peitorais brilhantes, com fios de seda trançados e um grande brasão dourado.

Um manto e um capuz de lã, que podiam ser retirados com facilidade, davam a eles a aparência de oficiais da brigada de incêndio, um disfarce que esperavam permitir que passassem despercebidos pelas ruas, a caminho da mansão de Kira. Oishi havia

encomendado, em segredo, aquelas roupas em diversos armeiros em Kyoto, poucas por vez, para não levantar suspeitas desnecessárias.

Depois de se vestirem, movimentaram-se em grupos de dois ou três para a loja de arroz de Hara, o ponto de encontro final. Ali, Oishi observou cada homem e questionou todos a respeito de suas ordens.

Após concluída sua tarefa, estava sentado em silêncio, esperando o momento da marcha, e se assustou quando entregaram a ele um copo de saquê. Oishi virou-se e viu o rosto pesaroso de Hara. Estava na hora de propor mais um brinde ao sucesso de todos, e isso Oishi fez de um modo confiante e inspirador. Então, chegou a hora de partir.

Do lado de fora, formaram grupos de quatro membros e partiram ao comando de Oishi. Carregavam duas escadas leves e pareciam mesmo uma brigada anti-incêndio a postos, uma visão relativamente comum nas ruas estreitas de Edo. A única diferença era que, no fim do grupo, Mimura carregava um cartaz com uma frase sobre suas intenções, que seria exposta no momento certo.

A nevasca havia parado, mas havia neve suficiente no chão para abafar seus passos. Ninguém aparecia nas ruas, à exceção de algum guarda que batia seus porretes um no outro para mostrar que estava em alerta. Oishi retribuía os cumprimentos, e eles não foram perturbados.

Haviam atravessado a ponte sobre o rio Sumida para Honko e já entravam em Matsuzaka quando o primeiro incidente ocorreu. Um cachorro sarnento e trêmulo parou no caminho e começou a rosnar quando o grupo se aproximou. Com medo de que o cachorro latisse e causasse alarme, Oishi fez um sinal silencioso a Hara, que estava ao lado dele. Sem hesitar, Hara encaixou uma flecha no arco e lançou-a na garganta do animal. Com um gargarejo, o cão caiu morto, e os homens seguiram marchando. Quando olharam para o corpo, perceberam que aquele era o primeiro ato de desobediência à lei do xógum cometido desde que o grupo se formara. Por si só, fazia

com que se tornassem merecedores de castigo severo, e sabiam que aquilo era apenas o começo.

Hara sorriu ao ver o cachorro. Ficou satisfeito com sua boa pontaria, mas sabia também que aquele era um ponto sem volta, rumo ao campo de batalha. Esperara por isso durante quase dois anos, e saboreou o momento ao máximo. O que podia ser mais doce na vida do que a expectativa da batalha?

Enquanto marchava, Kataoka também pensou na morte do cachorro. Lembrou-se da procissão funerária com a qual tinha se deparado nas ruas de Edo a caminho do castelo do xógum, com Lorde Asano. Tinha certeza de que era um bom sinal: um cão morto era um sinal certo de que Kira estava esperando por eles no fim da estrada. Só esperava ser ele próprio a pessoa a encontrá-lo primeiro. Kira era um espadachim excelente, ele sabia, mas, naquele estado de espírito, sabia que podia vencer vinte Kiras. A lâmina de aço da espada ardia por entrar no corpo do traidor de seu mestre.

Os mais velhos marchavam com mais dificuldade pela neve, mas o passo era igualmente determinado. Onodera e Yoshida viam os acontecimentos da noite sob uma perspectiva mais ampla. Para eles, era como os movimentos em um jogo de tabuleiro, no qual cada peça tinha um papel a cumprir. Matar o cachorro era o primeiro movimento, mas a estratégia geral era mais importante, e ela determinaria o sucesso ou fracasso da empreitada.

Para a maioria dos homens mais jovens, o cachorro era apenas um cachorro, uma perturbação que precisava ser destruída. O verdadeiro teste ocorreria quando enfrentassem o aço frio pela primeira vez. Então, saberiam se realmente podiam ser chamados samurais. Incluindo Chikara.

Quando Mimura passou pelo corpo do cachorro, rapidamente saiu da formação para cobri-lo com neve, para que não fosse encontrado ao sol da manhã. De volta à fila, olhou com atenção para a neve, como se nunca a tivesse visto antes. À luz da lua, nunca estivera tão bela. Tentou se recordar de um poema sobre a neve, mas não conseguiu se lembrar de nenhum; nunca lhe ocorreu tentar compor um sozinho. Isso era para nobres e samurais, capazes de ligar

palavras a cenas de beleza natural. Ele estava ali apenas para cumprir a missão, ainda que, naquele caso, os desejos dos samurais combinassem com o seu próprio. Havia outra pessoa que ele gostaria de ver morto além de Kira: o menino da cozinha do restaurante. Contudo, um pouco de neve não o cobriria, e era algo bom para todos o fato de Mimura estar longe do objeto de sua ira.

Oishi, na ponta da marcha, já tinha se esquecido do cão. Estava ocupado projetando a si mesmo na mente de seus adversários, tentando imaginar como reagiriam ao ataque e se tinham um sistema de proteção a que pudessem pedir ajuda. O maior perigo era que um alarme tocasse cedo demais, fazendo que reforços chegassem para proteger Kira. O grupo de 47 já era menos numeroso que os sessenta arqueiros da mansão, sem falar dos inúmeros servos que também lutariam se necessário. Mas, se outras forças fossem envolvidas, enviadas por Chisaka da casa dos Uesugi ou por qualquer um dos vizinhos de Kira, seus homens estavam definitivamente destinados a serem derrotados.

Era razoável pensar que a primeira atitude de Kira seria pedir ajuda. Talvez tivesse sinalizadores de fogo para alertar seus aliados e, nesse caso, eles teriam de ser apagados rapidamente. Ou poderia tentar enviar um mensageiro a pé. Com as forças de Oishi nos dois portões, ele acreditava que um mensageiro não conseguiria sair, mas, se saísse, seria apenas uma questão de minutos até que os arqueiros dos Uesugi chegassem a eles. A pergunta era: poderiam encontrar Kira antes de qualquer uma das possibilidades se tornar real?

As ordens dadas a todos era que encontrassem Kira sem demora, não travassem um combate desnecessário e não matassem ninguém que não oferecesse resistência. Eles sabiam, por seus mapas, qual quarto seria o de Kira, mas, ao ouvir o alarme, talvez ele acabasse indo a um local mais seguro.

Oishi balançou a cabeça. Havia tentado pensar em tudo, e agora só podia torcer para que tivesse pensado o suficiente. Enfim, a especulação havia acabado. Estavam diante do portão de Kira, e era a hora de agir.

O silêncio tinha enorme importância naquele momento, e ninguém dizia nada. Diminuíram o passo e, finalmente, pararam. Não havia qualquer som vindo de dentro, e eles concluíram que, até então, não haviam sido descobertos.

Oishi deu a ordem e os dois grupos de ataque se formaram. Hara guiou seus homens para o fundo e mais uma vez prestou atenção a sinais de atividade na mansão. Não ouviu nada e rapidamente gesticulou para Kataoka, que havia sido posto em seu grupo por um motivo muito especial. O homem com cara de macaco deu um passo à frente sorrindo, cuspiu nas mãos e começou a subir o muro ao lado do portão, com um empurrão de Mimura. Chegou ao topo em silêncio e, depois de olhar ao redor com atenção, recostou-se no muro para ajudar o próximo homem. Era o jovem Yato, que foi impulsionado por Hara e Mimura; depois dele, vieram mais dois. Agora, os quatro homens no muro esperaram até que seus olhos se acostumassem com a escuridão e pudessem ver o que os guardas estavam fazendo. Havia dois deles nas sombras lá embaixo, sonolentos, recostados no muro em que os invasores estavam. Até ali, não davam sinais de que sabiam o que estava ocorrendo.

Kataoka ergueu a mão, voltou a abaixá-la em um sinal silencioso, e os quatro homens saltaram de uma vez. Chegaram ao chão macio e se jogaram sobre os guardas, antes que estes pudessem sequer protestar. Quatro espadas afiadas entraram no corpo dos guardas quase simultaneamente, e eles morreram silenciosamente. Kataoka correu até o portão, destrancou-o e, com a ajuda dos outros, abriu-o.

Hara e os espadachins entraram, deixando Yoshida e os outros homens do lado de fora. Não foi ouvido o barulho do grupo que deveria entrar pelo portão da frente, e Hara hesitou. A vontade de invadir o local sozinho era forte, mas ele se forçou a esperar, percebendo que um alarme agora poderia causar um desastre se Oishi e seus homens ainda não tivessem chegado ao muro.

No portão da frente, as duas escadas preparadas para a ação foram posicionadas quando Oishi julgou que Kataoka já teria tido tempo de escalar o muro de trás. Exceto por Onodera e os mais velhos, os outros homens subiram e pularam. Ali, também, os

guardas foram surpreendidos e vencidos antes que pudessem emitir qualquer som. Como não houve resistência, Oishi os amarrrou e amordaçou, sem matá-los. Aquilo demorou mais do que um simples golpe de espada e, para compensar, Oishi guiou seus homens em uma corrida pela área aberta ao redor da casa. Encontrou Hara a tempo de impedir que este entrasse na casa sozinho.

Os dois grupos voltaram a se unir, e os mais fortes foram mandados à frente para derrubar a porta da mansão. A madeira era mais decorada do que resistente e se espatifou quando se lançaram contra ela. Esse foi o primeiro indício para as pessoas dentro da mansão de que estavam sendo atacadas, e Oishi e seus homens correram pelo corredor de entrada e para dentro dos quartos para surpreender os guerreiros antes que se armassem. No salão principal, encontraram cinco soldados da guarda, que caíram sem fazer qualquer barulho sob o ataque violento.

Os invasores se espalharam pelo resto da casa, ansiosos para terminar sua missão antes que a resistência contra eles aumentasse significativamente.

Kira acordou um instante antes de um velho empregado em desespero abrir a porta de seu quarto. Os sons da luta chegaram a seus ouvidos, e ele percebeu, assustado, o que havia acontecido.

– Mestre! – gritou o velho. – Seus inimigos invadiram pelos muros. O que devemos fazer?

Kira se levantou abruptamente, derrubando uma bandeja na qual havia a louça de seu chá da noite anterior.

– Os guardas – ele murmurou, olhando ao redor à procura de sua espada –, alerte os guardas.

– Eles já estão lutando, mestre – respondeu o velho.

– Então, saia e os ajude – disse Kira sem mudar o tom de voz, enquanto prendia o cinto da espada por cima de seu roupão solto.

Em seguida, saiu pela porta.

Quando chegou ao corredor, ficou paralisado com os gritos e o tilintar das peças de aço, e então correu na direção oposta.

– Distraia-os, seu tolo! – ele gritou, olhando para trás. – Faça com que percam o máximo de tempo possível!

Então, partiu, e o empregado caminhou um tanto perdido por onde havia entrado. A ideia de segurar um exército de samurais determinados era demais para ele entender.

Quando Kira pisou descalço em um corredor vazio nos fundos da mansão, quase se chocou com um empregado jovem e musculoso, que estava sonolento no meio do caminho.

– Ei, você! – Kira o abordou. – Algum inimigo passou por aqui?

– Inimigo? – perguntou ele, sem entender.

– Os homens de Ako – disse Kira, impacientemente. – Não sabe que fomos invadidos?

Os olhos do empregado se arregalaram, mas não demonstrou medo. Kira o segurou pelo ombro.

– Quero que leve uma mensagem à casa dos Uesugi. – O empregado assentiu, compreendendo o que precisava ser feito. – Diga a Chisaka para mandar força máxima! E rápido!

Kira empurrou o empregado até uma porta dos fundos e olhou para fora. Na escuridão, não conseguia ver nada além de vultos no quintal, e conduziu o jovem para fora com um sorriso apavorante.

– Depressa – sussurrou Kira. – Corra, e pode ser que ainda nos salvemos.

O jovem desapareceu na escuridão, e Kira voltou para a casa. Desceu depressa o corredor para mais uma ala de quartos e abriu a porta de um deles, sem formalidade. Estava prestes a falar com o ocupante quando escutou o som ameaçador de tropas que se aproximavam. Rapidamente, entrou e fechou a porta.

Oishi, com Chikara e um pequeno grupo de homens escolhidos, correu em direção ao quarto de Kira, de acordo com a planta da casa que haviam estudado com tanta atenção. No caminho, encontraram meia dúzia de empregados aterrorizados, homens e mulheres, e bruscamente mandou que todos saíssem da casa, para reduzir o número de pessoas nos corredores.

Nos quartos, Oishi e seus homens abriram portas e, sem qualquer cerimônia, acordaram mais empregados e hóspedes, sem encontrar resistência. Tampouco encontraram Kira em seu quarto, e a busca se tornou ainda mais frenética.

Naquele momento, a mansão estava tomada por confusão. Gritos de homens e mulheres se uniram ao barulho do encontro das lâminas, e todos tentaram manter-se firmes. Pouco sangue, contudo, foi derramado, já que não havia intenção, por parte dos invasores, de matar indiscriminadamente. Quando um inimigo era desarmado, ele já não interessava mais; a única preocupação do grupo invasor era encontrar Kira.

Do lado de fora, o pandemônio era igualmente grande. A maioria dos empregados e dos hóspedes, já despertados, haviam corrido desesperados para a frente da casa. Os portões estavam fechados e guardados pelos homens de Ako contra a fuga, mas o jovem empregado, com ordens de Kira, viu uma saída. Assim que a ideia lhe ocorreu, foi em direção ao muro entre os portões e pulou para o topo da mesma maneira que Kataoka havia feito para entrar. Ergueu-se e pulou, aterrissando pesadamente na rua, do outro lado. Onodera, chefe da guarda do portão da frente, o viu depois do salto, quando desceu rapidamente por uma rua lateral. Com um grito, o velho posicionou seu arco e atirou uma flecha, mas errou o alvo, da mesma forma que os outros homens de Ako, aqueles que foram rápidos o bastante para perceber o que estava acontecendo.

Onodera imediatamente mandou que dois homens perseguissem o empregado fugitivo, mas foi inútil. Além de o rapaz estar com a vantagem da distância, seus perseguidores eram homens mais velhos e não tinham a mesma rapidez. Onodera praguejou por ter deixado o rapaz escapar por entre os dedos. Se a intenção do

empregado de Kira era chegar à área próxima ao castelo de Uesugi, tudo indicava que eles logo seriam atacados, em grande número. Onodera jurou que se mataria ou morreria lutando se sua tolice houvesse custado a eles a chance de encontrar Kira.

Mas agora Onodera tinha mais um problema. Os empregados das casas próximas estavam se aproximando com curiosidade, atraídos pelo distúrbio, e ele teve de convencê-los de que aquele assunto era particular. Como resposta às perguntas deles, mostrou o cartaz que Oishi havia preparado:

“Nós, os *ronins* que servem Asano Takumi no Kami, invadiremos esta noite a mansão de Kira Kotzuke no Suke para vingarmos nosso mestre. Por favor, tranquilizem-se, sabendo que não somos ladrões nem malfeitores e que não causaremos danos às propriedades vizinhas.”

Aquilo pareceu ser suficiente, e Onodera ficou aliviado ao ver que ninguém decidiu tomar a iniciativa de ajudar os integrantes da mansão. Mas seu alívio durou pouco, pois os dois homens que ele havia mandado atrás do empregado voltaram exaustos e de mãos vazias. Só disseram que o rapaz havia sido visto pela última vez, correndo a toda velocidade, na direção do castelo de Uesugi.

Na parte de dentro, a busca por Kira continuava. Oishi seguiu procurando nos quartos, enquanto os homens de Hara adentravam a cozinha e as áreas de serviço. Chikara recebera a ordem de permanecer perto de seu pai e fez o melhor que pôde, apesar da confusão. Estava mais agitado do que nunca, mas manteve-se firme, assim como mantinha firme a mão sobre a espada, para não fazer nada que pudesse causar problemas ao grupo. Evitava mover-se à frente de seu pai por medo de parecer presunçoso demais, mas tampouco queria ficar para trás, por medo de parecer um covarde. Isso causou uma disputa estranha por posição até Oishi desenvolver um procedimento padrão para invadir os quartos. Ele indicou que

Chikara deveria abrir as portas de correr ao mesmo tempo que ele entrava corajosamente com a espada erguida, desafiando as pessoas do lado de dentro, o que daria muito mais certo do que se os dois tentassem entrar ao mesmo tempo.

Infelizmente, não encontraram Kira. Havia outros nobres presentes como convidados, mas nenhum ofereceu resistência, e Oishi passou por eles impacientemente. Foram em direção aos últimos quartos, quando um grito repentino de Hara os interrompeu. Oishi levou seu grupo na direção da cozinha, deixando Chikara sozinho para guardar o corredor. Hara havia aberto uma porta de correr e se deparado com a força reserva de arqueiros de Uesugi, todos eles com seu arsenal.

Hara mal teve tempo de gritar em alerta, e logo uma saraivada de flechas foi lançada em sua direção, atingido-o no ombro. O impacto fez com que ele girasse para trás, mas, com muitas força de vontade, ele se virou para os oponentes e se lançou contra eles. Naquele momento, seus homens haviam entrado na sala e eles também lançaram-se aos arqueiros, que não tiveram tempo de recarregar e atirar novamente. Foram forçados a empunhar as espadas, mas, no combate sangrento que se seguiu, mostraram que não eram tão talentosos no uso daquela arma e, em pouco tempo, foram derrotados.

Hara respirava ofegante. O sangue escorria pela frente de sua proteção peitoral, mas ele nem pensou em desistir. Havia esperado durante muito tempo por aquela batalha para perder qualquer parte dela que fosse. Pegou a flecha e a apertou junto ao corpo para que não interferisse nos movimentos e, então, partiu para outra sala para ver o que encontraria. Seus homens, seguindo seu exemplo, o acompanharam.

Oishi, alertado pelo primeiro grito de Hara, chegou a tempo de ver que a situação estava sob controle. Esperava que o grito fosse um sinal de que Kira havia sido encontrado, mas, quando soube que isso não havia acontecido, simplesmente acenou para o velho guerreiro, sem notar seu ferimento, e voltou aos quartos.

Chikara, enquanto isso, sozinho no corredor, caminhava de um lado a outro, impacientemente. E se Kira estivesse dentro de um dos poucos quartos restantes? Seria uma grande conquista se ele o encontrasse e o matasse, ou o prendesse sozinho. Diziam que Kira era um espadachim experiente, mas, com a confiança que Chikara tinha, acreditava que poderia vencer.

Ainda assim, ele teria obedecido às ordens de seu pai para esperar, caso não tivesse ouvido uma porta se abrir em um corredor distante. Correu na direção do som, mas chegou tarde demais para ver Kira, encorajado pelo silêncio, correndo pelo corredor e desaparecendo pela porta dos fundos.

Enquanto permanecia ali, atento, Chikara escutou o barulho inconfundível de uma espada sendo embainhada e descobriu que era impossível ficar ali, esperando pelo ataque. Partiu em direção à porta de onde os sons pareciam estar vindo e a abriu. Não se enganara a respeito da espada. Viu-se olhando para os olhos assustados de um jovem de sua idade, totalmente armado e pronto para a batalha.

Aquele era Sahyoe, neto e sucessor de Kira, apesar de Chikara não conhecê-lo de vista. Eles se entreolharam surpresos por um momento e, então, Sahyoe empunhou a espada. Os dois lançaram-se quase simultaneamente, mas os golpes não foram bem-sucedidos e ninguém se feriu. Cuidadosamente, circularam em torno um do outro no pequeno quarto, movimentando os braços dentro do espaço restrito. Um movimento da espada rasgou os painéis de *shoji* da parede à frente da porta, e Chikara viu que havia outro corredor além. Passou, então, a espada pelo buraco da parede, arrancando-a e espalhando pelo chão os pequenos pedaços de madeira. Agora, havia mais espaço por onde se movimentar, e os espadachins aproveitaram o máximo que conseguiram com ataques corajosos, destruindo o quarto. Chikara desejava partir para buscar ajuda, mas estava determinado a não admitir que não conseguia lidar sozinho com a situação. Seu oponente era um espadachim muito mais experiente, isso estava claro, e, quando Chikara começou a se

afastar lenta e desesperadamente, torceu para que seu pai voltasse a tempo.

Oishi, voltando da cozinha, escutou o barulho de aço contra aço e tentou localizar os sons, que pareciam vir do jardim. Deixou o grupo para seguir naquela direção, sem imaginar que era seu próprio filho quem estava envolvido em um combate mortal. O jardim localizava-se na parte central da mansão, e ele conseguia ver muito do que estava acontecendo. Os sons que tinham atraído sua atenção pareciam vir de trás de umas portas de madeiras, do outro lado onde ele estava.

Enquanto observava, ficou surpreso ao ver duas figuras caírem atravessando as portas para dentro do jardim, uma em cima da outra. Quase não percebeu que a pessoa de baixo era Chikara, até que o outro espadachim ficou de pé e movimentou a espada para um ataque final.

– Chikara! – Oishi gritou horrorizado, e o espadachim hesitou por um momento. Naquele milésimo de segundo, Chikara rolou para um lado, atacando às cegas com a própria arma. Acertou o outro homem em uma perna, e este caiu como uma árvore decepada. Chikara ficou de pé e estava prestes a dar o golpe final no homem que gemia no chão, quando Oishi o impediu.

– Espere! – ele gritou, ao correr até o garoto. – Ele não representa mais nenhuma ameaça a nós.

Oishi chutou a espada de Sahyoe para longe, reconhecendo nela o brasão dos Uesugi. Apontou para ele, e Chikara assentiu. Então, deu um tapinha nas costas do filho em cumprimento por sua atitude, e eles voltaram correndo para a casa, à procura do maior objetivo. Ali, encontraram novamente o grupo original de Oishi e terminaram de vasculhar os quartos. Infelizmente, viram que não havia mais ninguém na casa. Todos os armários tinham sido examinados, mas não havia sinal algum de Kira. Quando finalmente saíram pela porta dos fundos, encontraram Hara e seu grupo, que tinham sido igualmente malsucedidos em sua busca.

Oishi e Hara permaneceram de pé, indecisos, por um momento, até Oishi notar que seu velho amigo sangrava por causa da ferida no ombro. Quando observou mais perto e viu a flecha quebrada, chamou um guarda e ordenou que Hara recebesse tratamento. Hara franziu o cenho e momentaneamente discordou, para, em seguida, empalidecer, enquanto Kataoka tentava tirar a flecha.

Oishi estava prestes a se desesperar. Depois de tanto esperar, seus esforços teriam sido em vão? Como Kira podia ter escapado, com todas as entradas para a casa sendo vigiadas? Oishi sentiu um forte desânimo quando, pela primeira vez, imaginou a possibilidade de fracasso. Hara aparentava a mesma sensação e, quando a flecha foi puxada de seu ombro, ele deu vazão a seus sentimentos com um grito forte de dor e raiva.

– Kira! Você é um rato, e teremos que tirá-lo de seu buraco? Venha lutar como um homem!

Fez-se silêncio por um momento e, então, um grito abafado chamou a atenção de todos para uma casinha de madeira perto da entrada da cozinha. Lentamente, a porta se abriu, e Oishi prendeu a respiração em uma prece silenciosa. Kira, em seu roupão branco e segurando a longa espada, cautelosamente apareceu. A ameaça de Hara havia surtido efeito, e Oishi soltou o ar em um suspiro triunfante.

Depois de olhar rapidamente ao redor, Kira adotou uma postura forte de desafio e gritou:

– Venham todos vocês, vou enfrentar o bando todo! Quantos são? Cem? Enfrentarei todos, se isso for o melhor que vocês covardes têm a mostrar!

Independentemente de seu desafio ser coragem real ou apenas um blefe, os homens de Ako pararam. Até mesmo Hara permaneceu calado, chocado. Então, Oishi deu um passo à frente.

– Não deixe ninguém interferir – disse ele. – Meu “bando” não matará você, Lorde Kira, mas *eu* matarei.

Com um grito aterrorizante, Kira partiu para cima dele. Oishi defendeu-se do ataque e a luta começou. Enquanto circulavam e

atacavam um ao outro, Oishi tirou o roupão de Kira do ombro e a cicatriz da ferida feita por Lorde Asano quase dois anos antes ficou claramente visível à luz do amanhecer. Ao verem aquilo, os homens gritaram de raiva. Oishi também renovou com isso sua fúria, e os espadachins passaram a lutar ainda mais furiosos. A cicatriz era um símbolo do que estavam buscando ali, e dava a cada corte mais significado.

Kira não era um oponente fácil; era um bom espadachim, e todo golpe era bem-aplicado. Contudo, anos de vida tranquila na corte começaram a pesar, e sua respiração se tornou ofegante. Sabendo que estava sozinho e que não teria ajuda, continuava a lutar. Se não sabia como viver, pelo menos queria mostrar que sabia como morrer. Seus olhos ficavam vidrados à medida que sua respiração ficava mais penosa e, de repente, quando deu mais um golpe, escorregou e caiu de joelhos. Sua espada fincou no chão e, quando ele a puxou, desesperadamente, percebeu que seu fim havia chegado.

– Asano! – disse ele, e morreu, quando Oishi, irado, balançou a espada com as duas mãos em um grande arco, que arrancou a cabeça de Kira de cima dos ombros. Os homens de Ako deram um grito de alívio e triunfo, e Oishi relaxou e sorriu para todos ao seu redor.

– Nós conseguimos... conseguimos... – murmurou Oishi, sentindo que todos os sacrifícios tinham valido a pena. O triunfo era deles, e isso jamais poderia ser alterado.

No entanto, para concluir tudo da maneira correta, Oishi sabia que havia mais coisa a fazer, e deu a ordem para que suas forças se formassem.

Onodera deu um passo à frente com um pedido de desculpas a respeito do empregado que havia fugido, mas, se esperava ser reprimido, estava enganado. Oishi apenas assentiu com seriedade e agradeceu a ele por guardar o portão por tanto tempo.

A cabeça ensanguentada de Kira foi envolvida em uma manga de seu roupão e amarrada à ponta da lança de Mimura, que a segurou alta à frente do grupo conforme marchavam. Todos estavam

presentes; ninguém havia sido morto, apesar de seis homens estarem feridos, incluindo Hara, e o ritmo foi mantido propositalmente lento por causa deles.

Alguns dos homens queriam relaxar e comemorar agora que Kira havia morrido, mas Oishi lembrou-os das forças de Uesugi e pediu a eles que mantivessem a ordem.

– Continuem sempre alertas depois de uma vitória – disse ele. – Vencemos uma desavença, mas talvez ainda tenhamos uma verdadeira batalha em nossas mãos.

A neve começava a cair de novo cedo pela manhã quando deram início à longa marcha pela cidade, rumo a Sengaku-ji. Procuraram ficar nas ruas e vielas periféricas o máximo possível, determinados a não deixar que nada interferisse no ato final do plano.

Quando chegaram ao pequeno cemitério, os homens se reuniram sob a neve que caía, com as cabeças descobertas em respeito, enquanto a cabeça de Kira era lavada e oferecida diante do túmulo de Lorde Asano. Um incenso foi aceso, e Oishi colocou seu punhal diante do túmulo, pedindo a seu senhor que se satisfizesse. Então, ajoelhou-se e fez uma longa reverência ao túmulo. Enquanto os outros se uniam a ele, repetindo suas promessas de lealdade, Oishi percebeu uma estranha calma dentro de si. Interpretou aquela sensação como sendo o espírito satisfeito de Lorde Asano, que podia parar de vagar pela Terra. Agora que a justiça havia sido feita, seu espírito poderia se unir aos de seus ancestrais.

Após um último adeus, entraram no templo. O abade acordou assustado ao se ver cercado por homens armados, e, quando Oishi contou o que eles haviam feito, mandou dois pastores do templo colocarem a cabeça de Kira em uma caixa e devolvê-la à casa dele. Oishi deixou claro que eles não estavam pedindo favores no que dizia respeito à sua própria salvação; estavam apenas esperando ali até que o governo do xógum tomasse uma providência. Escreveu, em seguida, um relatório de todo o caso, incluindo os nomes dos 47 ronins. Designou, então, Yoshida para levá-lo ao Censorado.

Agora, havia apenas mais uma coisa a fazer antes de serem presos. Oishi escreveu uma mensagem para a viúva de Lorde Asano, informando a respeito do sucesso obtido. Pediu a Yoshida que também a entregasse, a caminho do palácio. Enfim, todas as questões estavam resolvidas, e ele estava pronto para ser julgado.



Quando Lord Sengoku, o inspetor-geral, foi notificado por Yoshida de que a vingança contra Lorde Kira havia ocorrido, vestiu-se para uma rápida inspeção na mansão onde tudo se passara e se apressou, pálido, para ir ao palácio do xógum. Yoshida estava aliviado por voltar a Sengaku-ji, onde contou a Oishi que uma sessão de emergência dos conselheiros do xógum havia sido convocada. Também disse que, apesar de Lorde Sengoku ter ficado chocado com a morte violenta de Kira, havia sido cortês todo o tempo e até demonstrado certa reverência em relação a Yoshida, por este haver participado de uma missão tão ousada.

Já era tarde quando Yoshida voltou, mas eles teriam de esperar ainda mais para que uma ação oficial fosse iniciada. Um mensageiro chegou, já depois do pôr do sol, com a notícia de que todos seriam levados à mansão de Lorde Sengoku, até que uma decisão final pudesse ser tomada acerca do caso. Um pouco depois, Lorde Sengoku, com aparência séria, chegou com setecentos guerreiros armados, e Oishi e seus homens receberam a ordem de se organizar.

Nenhuma força foi usada contra eles, e de nenhuma forma foram tratados como prisioneiros enquanto se alinhavam para marchar de novo. Saíram orgulhosos de Sengaku-ji, em pares, com Oishi e Chikara na frente. Os seis homens feridos foram colocados em palanquins, carregados por outros guerreiros. Apesar da hora, os espectadores de todas as partes se reuniram, fazendo uma fila para demonstrar respeito.

Na mansão de Lorde Sengoku, o grupo foi recebido com admiração, e a eles foi oferecida uma ceia farta. O sol já havia se posto havia muito tempo, e aquele era o primeiro alimento que eles ingeriam naquele dia fatídico. Depois de se sentarem em salas confortáveis, Oishi expressou sua gratidão pela atenção do “anfitrião”, e o inspetor-geral, muito sério, disse que era apenas o que eles mereciam.

No castelo de Uesugi, a situação não era tão tranquila. Diante do velho Lorde trêmulo, Chisaka estava de joelhos, explicando, pela décima vez, por que não havia mandado tropas para ajudar Kira. A cada explicação, se tornava mais irritado e menos certo de que havia feito a coisa certa.

– O empregado relatou pelo menos cem tropas inimigas. Disse que a maioria dos guardas tinha sido morta. Eu só estava pensando em proteger nossa reputação...

O velho Lorde de Uesugi segurou as mãos unidas para impedir que elas tremessem muito.

– Mas por que você não me chamou? Em um assunto de tamanha importância, por que assumiu toda a responsabilidade sozinho?

– Foi apenas para não incomodá-lo, Vossa Senhoria – respondeu Chisaka, inventando uma desculpa.

Lorde Uesugi continuou a olhar para ele com olhos inquietos. Ele sabia agora, quando já era tarde, que havia dado autoridade demais

àquele homenzinho ambicioso. Amaldiçoou-se pela própria indolência, mas já não era possível mudar as coisas. O dano estava feito.

Chisaka acrescentou mais algumas palavras:

– Imaginei, Vossa Senhoria, que, se eu enviasse tropas, encontrariam Kira morto e, se a história do empregado tivesse sido verdadeira, mesmo que apenas a metade dela, muitos outros de nossos guerreiros corajosos seriam sacrificados. – Lorde Uesugi não fez som algum, apenas suspirou para que Chisaka continuasse. – Acho que o senhor também vai perceber, meu Lorde, que não haverá muitos dispostos a chorar a morte do falecido Lorde Kira. Ele fez muitos inimigos durante seu tempo de atuação...

Chisaka teria continuado, mas foi interrompido pela chegada de um empregado com uma mensagem para Lorde Uesugi. Chisaka ficou ansioso ao ver que aquele mestre de rosto pálido empalideceu ainda mais ao ler a mensagem. Então, Lorde Uesugi pediu ao empregado que fizesse entrar o visitante.

– Uma mensagem do conselho do xógum – disse ele, com nervosismo.

Chisaka se levantou quando o mensageiro entrou e abriu seu pergaminho oficial. Uma premonição de desastre passou pela mente do conselheiro, mas ele balançou a cabeça e se inclinou para a frente para não perder nenhuma palavra.

– A respeito do assassinato do falecido Mestre de Cerimônias do xógum – o mensageiro leu, sem qualquer inflexão –, os seguintes decretos oficiais foram feitos de acordo com as leis do xogunato. Primeiro: o neto de Lorde Kira, Sahyoe, por não ter lutado até a morte em defesa de seu parente, recebeu a ordem de suicidar-se assim que tiver condições físicas. Segundo: qualquer um dos servos de Lorde Kira que fugiram sem lutar será decapitado, se forem da classe dos samurais; ou será condenado a vagar como homem sem mestre, se for de uma classe inferior. Terceiro: Lorde de Uesugi... – e, ali, o mensageiro fez uma pausa para engolir em seco – Lorde Uesugi, porque não intercedeu na ocasião em questão, conforme

teria sido apropriado de acordo com a relação de vassalagem estabelecida, terá todos os seus domínios confiscados para sempre.

O mensageiro continuou a ler as validações oficiais de seu documento, mas ninguém ouviu mais nada. Lorde Uesugi havia desmaiado e Chisaka, mais uma vez caído ao chão, ouviu um zunido no ouvido que ele sabia ser, com certeza, a chegada do fim do mundo.

Na manhã seguinte, os homens de Ako foram divididos em quatro grupos, enviados para as mansões dos lordes Hosokawa, Hisamatsu, Mori e Mizuno. Ali, ficariam até que suas sentenças fossem decretadas e cumpridas. Ainda que preferisse manter seus amigos consigo, Oishi sentiu-se obrigado a designar Hara, Kataoka e Horibe como os líderes dos outros três grupos. Oishi sabia que os três tinham habilidade para lidar com qualquer situação e tinha a certeza de que poderia contar com eles para servir de exemplo aos outros homens. Apertou a mão de todos quando saíram, sabendo que as chances de vê-los novamente eram mínimas. Hara e Kataoka foram os últimos, e Oishi sentiu um nó na garganta ao despedir-se dos dois. Hara estava sério, mas Kataoka forçou um sorriso.

– Vamos nos encontrar de novo – disse ele –, no próximo mundo, se não neste.

Então, partiram, e a longa espera começou. Os dias passaram lentamente com rumores tanto de leniência quanto de sentenças duras, mas Oishi não tinha muito interesse em manter-se em dia com os últimos relatórios. Estava feliz por ter realizado sua missão da melhor maneira e estava pronto para morrer a qualquer momento.

Houve um visitante inesperado. No fim de uma tarde de inverno, Oishi recebeu a visita do alto e distinto Araki, o mesmo mensageiro que havia levado o pedido original de restauração do castelo aos conselheiros do xógum. Araki estava ansioso para contar que, ao que parecia, os oficiais do governo envolvidos não acreditavam que

Oishi e seus homens estavam totalmente errados. De Araki, Oishi também soube pela primeira vez a respeito do destino de Sahyoe, Lorde Uesugi e Chisaka.

Ele agradeceu Araki pelas notícias, apesar de não querer acreditar que tais decisões teriam qualquer efeito em seu caso. O xógum estava apenas demonstrando total imparcialidade na questão, mantendo o código feudal. Oishi e seus homens tinham infringido este mesmo código vingando-se sozinhos, e ele esperava que sofressem consequências parecidas.

Araki disse ainda que havia grande comoção pública em relação aos homens de Ako e que isso, sem dúvida, estava causando a demora na determinação da sentença. O xógum havia até tomado a liberdade sem precedentes de pedir conselho aos *daimyo* e de consultar outros homens experientes para ter certeza de estar fazendo a coisa certa. Por infringir a lei gravemente, desobedecendo a regra a respeito de não se vingar, o grupo de Ako claramente se tornava sujeito à pena de morte, mas as circunstâncias pareciam estabelecer que aqueles homens não deveriam ser executados como criminosos comuns. Como haviam entregado o castelo de Ako de modo pacífico, também acreditava-se que eles não tinham a intenção de prejudicar a imagem do xógum.

– Como estão os ânimos agora? – perguntou Oishi, demonstrando mais interesse do que realmente sentia. – Parece que seremos executados, exilados ou presos com tortura? Não consigo entender como a sentença poderia ser menos severa.

– Existe uma esperança – disse Araki com seriedade. – O xógum está conversando com o abade de Ueno, a maior autoridade do budismo em Edo. Parece que Tsunayoshi quer que ele interceda.

Oishi soltou o ar em um longo suspiro.

– Nunca pensei que fôssemos nos tornar tão importantes.

– O país todo está falando sobre vocês – disse Araki, surpreso ao ver que Oishi parecia tão alheio à sua fama. – Estão até encenando peças a respeito de você e seus homens nos teatros de Osaka e Kyoto.

– Peças *kabuki*? – perguntou Oishi, incitado agora por pensar que seus atos seriam imitados pelos atores comuns que vira no teatro.

– Qual é o problema nisso? – perguntou Araki. – Onde mais nossas tradições nobres podem ser tão eficientemente usadas como exemplo para todos?

– Até mesmo para os camponeses... – Oishi murmurou.

– Até mesmo para os camponeses – Araki concordou. – Você e eu sabemos que eles não são capazes de manter a eterna autodisciplina de um samurai. Mas faz mal deixá-los ver os exemplos de seus superiores e tentar imitá-los em suas vidas?

– Não, acho que não faz mal – Oishi admitiu, e então sorriu. Ele conhecia uma pessoa que ficaria surpresa e feliz ao ouvi-lo fazendo aquela afirmação.

A conversa de Tsunayoshi com o abade de Ueno foi curta e teve pouco resultado. O xógum, um obstinado por etiqueta, protetor dos cães e admirador incorrigível de jovens rapazes, ficou preocupado com a possibilidade de ter de executar homens tão corajosos por viverem de acordo com o código feudal, mas o velho e venerável abade não parecia disposto a ajudar.

– Existe uma lei muito clara a respeito de não se vingar – disse a ele o religioso de cabelos grisalhos. – E pense nas possíveis consequências se permitirmos que quem infrinja a lei fique livre.

– Não quis dizer, necessariamente, que eles devem ficar livres – Tsunayoshi explicou, com nervosismo. – Mas como líder espiritual do país, se você recomendar clemência...

– Mas não posso fazer isso – disse o abade. – Estou tão preso à lei quanto você. Não há nada que ninguém possa fazer.

Tsunayoshi permaneceu em silêncio por um tempo, e então fez uma reverência e partiu. Naquele ponto, realmente não havia nada que alguém pudesse fazer. Exceto fazer uma leve alteração na

sentença. Aquilo estava dentro de sua autoridade e serviria bem a seu senso de justiça.

No começo de fevereiro, os quatro *daimyo* que mantinham Oishi e seus homens presos foram notificados de que a sentença finalmente havia sido dada pelo Conselho do Xógum e que os representantes do Censorado seriam os responsáveis pelo anúncio. Lorde Sengoku imediatamente notificou Oishi de que até mesmo o abade de Ueno havia se sentido impotente para fazer qualquer coisa além de permitir que a lei cumprisse seu curso, e eles foram sentenciados à morte.

Oishi assentiu. Era o que ele esperava desde sempre.

Mas ficou surpreso quando Lorde Sengoku disse a ele o modo como morreriam. Apesar de serem homens sem senhor e, assim, sem direito a tal tratamento, eles teriam a permissão de matarem a si mesmos, na nobre cerimônia de *seppuku*. Oishi não podia acreditar nas palavras que ouvia. Fez uma reverência agradecendo a Lorde Sengoku e, então, apressou-se para contar a boa notícia a seus homens.

No dia combinado, os representantes do Censorado chegaram, e os homens foram reunidos, um a um, em plataformas do lado de fora de seus respectivos salões principais. Oishi iria primeiro, seguido por Chikara, e, então, o resto dos homens, em ordem de classe. Oishi se despediu deles e cumprimentou-lhes com um sorriso orgulhoso. Falou com Chikara por último, mas da mesma maneira formal e fria com que falara com os outros. E, então, ele saiu.

Era um dia claro de inverno, muito parecido com aquele em que Lorde Asano havia morrido. Oishi pensou nisso quando caminhou lentamente, com dignidade, até seu lugar na plataforma. Diante dela, estava o punhal cerimonial. Também pensou nas lágrimas da esposa e no riso de Okaru, na coragem do filho e na lealdade sem limite de

homens como Hara, Kataoka, Mimura, Yoshida, Onodera e o restante. Então, voltou a pensar em si mesmo.

Restava apenas uma coisa agora, e ele enfim teria feito tudo o que se esperava dele. Ao posicionar o punhal para o último golpe rápido, agradeceu aos deuses do céu e da terra pela chance que tivera de se provar como samurai. No fim, era só o que importava, pois um homem dura apenas enquanto dura sua vida, mas seu nome dura para sempre.

Os homens de Ako haviam desobedecido de modo desafiador a lei do xógum, mas, ao morrerem por seu senhor, mostraram a devoção a algo que consideravam a moral suprema. Um samurai não aprendia a venerar o xógum, uma forma de impedir que a lealdade a apenas um senhor evoluísse a uma lealdade maior, ao comandante do país. Acreditava-se que, se fosse este o caso, o xógum teria mais condições de manter seu status frente à Corte Imperial em Kyoto. O bom senso dessa política acabou provado durante a controvérsia acerca do retorno do Imperador em 1868. Quando foi reconhecida a necessidade de um único líder forte para lidar de modo eficiente com as forças ocidentais, muitos samurais trabalharam contra o xogunato enfraquecido e ajudaram a realizar sua desintegração final.

Os 47 *ronins* foram sepultados no templo Sengaku-ji em um local especial, adjacente ao túmulo de seu amado mestre.

O túmulo da Senhora Asano também está ali, voltado para as lápides das sepulturas dos fiéis seguidores. Também é possível ver o poço onde a cabeça de Kira foi lavada, e ali perto há um museu com as relíquias das vestes e das armas usadas pelos homens de Ako.

Sengaku-ji fica a uma distância curta de ônibus ou trem do centro movimentado de Tóquio, mas dentro dos templos é surpreendentemente fácil voltar, em espírito, aos tempos feudais. O cheiro de antiguidade paira sobre Sengaku-ji, além do odor do

incenso que queima diante dos túmulos, no que se tornou um santuário nacional.



www.novoseculo.com.br

